

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

STEFANE SOARES PEREIRA

“SEI QUE O MISTÉRIO SUBSISTE ALÉM DAS ÁGUAS” E “VAGOS DESEJOS INSINUAM ESPERANÇAS” – NAVEGAR ENTRE PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E A MERCY, DE TONI MORRISON É PRECISO

Juiz de Fora
23 de março de 2012

STEFANE SOARES PEREIRA

***“SEI QUE O MISTÉRIO SUBSISTE ALÉM DAS ÁGUAS” E “VAGOS DESEJOS
INSINUAM ESPERANÇAS”– NAVEGAR ENTRE PONCIÁ VICÊNCIO, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO E A MERCY, DE TONI MORRISON É PRECISO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Prof. Orientadora: Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Juiz de Fora
2012

DEDICATÓRIA

Àqueles que veem na literatura
uma forma de ser e transformar
acreditam no amálgama da vida e da letra,
no fazer e no construir, no criar e no recriar
e objetivam dentro e fora do âmbito acadêmico
o pronunciamento de novos discursos,
a difusão dos velhos tratados
num intercalar espacial de bons ideais.

AGRADECIMENTOS

Em momentos de incompreensão e obstinação, caos e turbulência, fé e perseverança, encontrei-me em um invólucro de paz e harmonia, não necessariamente luz, talvez na escuridão de um quarto vazio e obscuro, no qual me tranquei inspirada pelo meu grande Irmão, regozijando imensamente a oportunidade de estar em meio ao silêncio ou à sonorização de andares e falares com o intuito de refletir a literatura e, por conseguinte, a vida humana, ou melhor, o fazer humano, sentindo as lágrimas de Ponciá, talvez a dor de Conceição Evaristo, experimentando a resignação de Florens, compreendendo o pertencer individual de um todo exemplificado por Toni Morrison.

Agradeço a essas autoras e tantos outros que passaram pelo meu quarto interior por me fazer olhar para o outro e enxergá-lo de maneira diferente e, ao mesmo tempo, reconhecer destoantes multiterritorialidades, cada qual com sua particularidade, embora estreitando para um mesmo ponto de referência, um mesmo lugar: o indivíduo.

Agradeço à Professora Ana Beatriz R. Gonçalves, pelas palavras de superação e firmeza, pelo suporte intelectual e espiritual, pelo compromisso incansável com o processo de leitura, re-leitura, análise, re-análise. Pelo carinho e pelo devotamento com a nossa causa profissional: a literatura; seja ela negra ou não. A literatura nos proporciona a travessia, a navegação entre os movimentos dos mares, a convulsão dos territórios e a conversão da poética dos espaços.

Agradeço também à Professora Silvina Carrizo, pelo seu olhar exterior, o qual tanto contribuiu para o processo de desenvolvimento e continuação de uma escrita insegura e relutante, à busca de um florescer e um amadurecer.

Aos meus amores – meus pais –, pelo exemplo de simplicidade e honestidade, por me mostrarem que os espaços podem se transformar na materialidade mais que desejada, mas que a essência simbólica do coletivo, da cumplicidade, do respeito e do amor jamais deve ser transgredida; que os espaços, dessa forma, representam o ser, até que um dia se tornam “home”, traduzindo nossa relação com o mundo.

Às minhas irmãs, pelo apoio e pela paciência, por fazer parte de um casulo em construção, evoluindo cada qual de acordo com o seu tempo, no seu momento, esforçando-se para não adormecer e sempre crescer.

Ao meu companheiro amado Tales, pela compreensão e pelas palavras de apoio, sempre regadas de muito amor e carinho, transbordando vida, ensinando-me a percorrer em mim e no outro o renascer de uma beleza infinita, sem limites de esperança.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo investigar o texto literário em prosa de duas autoras negras contemporâneas: a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora brasileira Conceição Evaristo e *A Mercy* (2008), da escritora estadunidense Toni Morrison. Uma vez que ambas desenvolvem narrativas que retomam o período colonial, pretende-se estabelecer a análise do contexto escravagista em destaque nas obras. Para isso, focaremos a movimentação das personagens Ponciá Vicêncio e Florens a fim de observar a relevância do espaço geográfico no processo de construção e formação social do Novo Mundo. Ao dialogar com a história que envolve o negro no Brasil e nos Estados Unidos, examinamos a proeminência das consequências socioeconômicas resultantes da sistemática travessia do negro, seja pela dispersão fisicamente forçada, seja simbolicamente excludente. Por meio da mobilidade, encontra-se a multiplicidade de espaços, além dos laços que o unem aos múltiplos territórios. Além disso, o caráter não inerte dos espaços e das multiterritorialidades é ressaltado por meio das mudanças implicadas em âmbito relacional na materialidade e nos signos dominantes e influentes do território. É, portanto, através da representação “compartilhada” do mundo social que o negro vivencia seu posicionamento perante os outros agentes sociais. Os espaços, dessa forma, constituem o lugar, lugar que, nas obras estudadas, apresentam-se como a falta de lugar do negro na sociedade brasileira e estadunidense. Esse entrelaçar interfere na questão do gênero. Como nossa proposta visa à experiência da mulher negra nas mais diversas instâncias do privado e do público, veremos como a escrita das autoras contribui para a construção desse lugar ausente da mulher negra. Enfatizar-se-á, a partir dessa visão, que o entrecruzamento do exterior e o interior, na realidade, transcende a ideia de “home” como casa e lar. “Home” caracteriza-se, sobretudo, pelo estado do ser, sua condição fisiológica em diálogo com sua imensidão íntima. Em contrapartida, realçamos o sentido da escrita de autoria feminina, interpretando esse “escrever-viver” como o cerne do estado das escritoras, os questionamentos da história literária e a busca por um fazer da literatura negra na voz feminina oprimida.

Palavras-chave: Diáspora. Espaço. Home. Lugar. Multiterritorialidade.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate the literary text in prose of two black contemporary authors: the work *Ponciá Vicêncio* (2003), of the Brazilian writer Conceição Evaristo and *A Mercy* (2008), of the American writer Toni Morrison. Once both writers develop narratives which resume the colonial period, it is intended to establish an analysis of the slavish context prominent in these works. Therefore, the movement of the characters Ponciá Vicêncio and Florens is focused in order to observe the importance of the geographical space in the process of the construction and social formation in the New World. Dialoguing with the history which involves the black in Brazil and in the United States, the enhancement of the socioeconomic consequences resulted from the systematic crossing of the black (by the forced physical dispersal or symbolically exclusive) is examined. By means of mobility, we find the multiplicity of spaces, beyond the bonds which unite the multiple territories. In addition, the not inert nature of the spaces and of the multiterritorialities is pointed out from the changes involved in material relationships and in the dominant and influent signs of the territory. It is, therefore, through the “shared” representation of the social world which the black lives your position in the face of the other social agents. The spaces, in this way, constitute the place, place that, in the works studied, is presented as the lack of place of the black in the Brazilian and in the American society. As our proposal aims the black woman experience in the several instances of the private and public, we can see how the writing of the authors contributes to the construction of this absent place of the black woman. It is emphasized, by this point of view, the crossing over the exterior and the interior, actually, goes beyond the idea of “home” as house or “lar”. “Home” is characterized, specially, by the state of being, the physiological condition in dialogue with the deep intimacy. Moreover, the sense of the feminine authorial writing is focuses, interpreting this “escrever-viver” (writing-living) as the center of the state of the writers, the discussions of the literary history and the search for doing a black literature in the oppressed female voice.

Key-words: Diaspora. Space. Home. Place. Multiterritoriality

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 “NÃO HÁ CAMINHO FÁCIL PARA A LIBERDADE”: BASES TEÓRICAS	15
2.1 DEFININDO O CONCEITO	23
2.2 NAVEGANDO SOB O CONCEITO	29
2.3 DECOMPONDO-SE NO ESPAÇO-LUGAR TERRITORIAL DA DIÁSPORA: O “HOME” DO NEGRO.....	33
3 O INFLUXO DA MULTITERRITORIALIDADE NA CONSTRUÇÃO DO NEGRO: MOBILIDADE, CONTROLE E PODER	50
3.1 TERRITORIALIDADES EM <i>A MERCY</i>	53
3.2 TERRITORIALIDADES EM <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i>	59
3.3 AS MOBILIDADES E A TRAVESSIA DO NEGRO EM <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> E <i>A</i> <i>MERCY</i>	64
4 EXPERIÊNCIAS QUE FEREM E SITUAM: O “HOME” DA MULHER NEGRA ..	82
4.1 A VISÃO DO CONTINENTE AFRICANO COMO O “HOME” DO NEGRO	83
4.2 O INERTE EM CONTRAPONTO COM A SEGURANÇA	85
4.3 O ACONTECIMENTO TRAUMÁTICO E SEU ENCARGO NO “HOME” DO SER ...	88
4.4 O SIGNIFICADO DO CANTO E DA MEMÓRIA NA DIALÉTICA DO EXTERIOR E DO INTERIOR: O ENCONTRO COM SI MESMO, “HOME”	108
5 CONCLUSÃO – “NEGRO SOU, NEGRO FICAREI!”: ATINGINDO A “ <i>DUPLA</i> <i>CONSCIÊNCIA</i> ”	117
REFERÊNCIAS	123

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge como embate a um ideal fortemente difundido dentro da academia de letras em relação à representação do negro na sociedade brasileira, sociedades de língua portuguesa, e outras sociedades que foram colonizadas. Estive presente em alguns seminários, congressos e encontros de literatura de autoria feminina e percebi tanto uma insatisfação relativa às más condições sociais em que a população negra se encontra -, posição a qual reconheço e concordo - quanto uma propagação de valores que negam o lugar do negro nas sociedades supracitadas. Objetivo, nesse trabalho, discorrer sobre como a literatura negra contemporânea tem disseminado a falta de lugar da mulher negra na sociedade brasileira e na sociedade estadunidense.

Para tal fim, foram selecionadas duas obras literárias publicadas recentemente: *A Mercy* (2008), da escritora estadunidense Toni Morrison, e *Ponciá Vicêncio* (2003), da brasileira Conceição Evaristo. Justifica-se a escolha dessas autoras: esta, pelo anseio de expandir e difundir o valor de sua obra no debate acadêmico nacional quanto a questões relacionadas ao negro na sociedade brasileira contemporânea; aquela pelo reconhecimento em âmbito internacional de suas narrativas sobre o negro e a escravidão e/ou pelas questões resultantes da colonização. Assim, discutiremos a escolha de determinadas vivências, além de questioná-las.

Propõe-se a análise comparativa das narrativas das escritoras dispensando, inicialmente, um olhar atento para a menina negra inserida em divergentes contextos históricos. Esse repelir temporal contribuirá para uma visão mais consciente dos processos que envolvem o ser negro, e mulher, em duas sociedades cuja crença sociocultural “parece” não dialogar. Logo, pretende-se relacionar à criação do espaço simbólico-cultural das narrativas a experiência das autoras (por serem mulheres, negras, nascidas na mesma nação, na mesma delimitação territorial de suas protagonistas), e inferir como a vivência individual e particular dessas escritoras pode, além de entrelaçar, influenciar a prática e enriquecer a literatura negra.

Remetendo aos poemas “Recordar é preciso” e “Eu-Mulher”, da coletânea poética de Conceição Evaristo, *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), esta dissertação intitula-se “‘Sei que o mistério subsiste além das águas’ e ‘Vagos desejos insinuam esperanças’ – Navegar entre *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo e *A Mercy*, de Toni Morrison é preciso”.

Atentou-se para o poema “Recordar é preciso” devido ao fato de este retratar a oscilação entre os efeitos da memorização como prática necessária ao eu poético, utilizando vocabulário referente a uma navegação. Dessa maneira, uma vez reconhecida a descendência da poetisa brasileira Conceição Evaristo e o seu comprometimento com a escrita de uma literatura negra brasileira, parece ser inerente relacionar a linguagem poética utilizada pela autora com a recordação de um evento histórico que mudou as Américas: a importação de mão-de-obra escrava do continente africano.

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia¹ que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas (EVARISTO, 2008, p.9).

Conotando a sensação de estar em alto mar acompanhando o ritmo das águas e a ânsia da navegação, esse poema descreve a travessia em todo o seu processo: os versos “O movimento vaivém nas águas-lembranças / dos meus marejados olhos transborda-me a vida” expressam a angústia de uma tripulação mergulhada nas memórias do passado como razão para continuar a viver, pois as mudanças seriam factuais. No entanto, “uma paixão profunda” mantém o eu poético submerso no oceano, já que este sabe “que o mistério subsiste além das águas”. Esse mistério é interpretado como a incapacidade de a mulher negra escritora contemporânea manter aprisionada vozes subalternizadas que presenciaram a existência da escravidão e que ainda hoje continuam a emitir sons de resistência.

O mistério que subsiste além das águas do oceano vive intrinsecamente com aquele que subsiste além das águas-lembranças. A palavra mistério, assim como a palavra desejos, implica uma forma silenciosa, algo secretamente interior. Evaristo faz uso da arte a fim de transcrever o ser mulher. No poema “Eu-Mulher”, em meio a descrições dos aspectos físico-biológicos que envolvem o gênero, há também a confissão de discursos “em baixa voz”, de “meia palavra mordida” que foge da boca do eu poético, a fim de violentar “os tímpanos do mundo”.

Eu-Mulher

¹ Esclarecemos que as citações estarão consoante as novas regras do Acordo Ortográfico de 2009.

Uma gota de leite
 me escorre entre os seios.
 Uma mancha de sangue
 me enfeita entre as pernas.
 Meia palavra mordida
 me foge da boca.
 Vagos desejos insinuam esperanças.
 Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida.
 Em baixa voz
 violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo.
 Antecipo.
 Antes-vivo
 Antes – agora – o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo (EVARISTO, 2008, p.18).

Esses discursos podem ser interpretados como denúncias silenciosamente realizadas por Eu-Mulher em contraposição a acontecimentos sociais, políticos, econômicos; em suma, a fatores que constituem o mundo. Interessa-nos observar que é a mulher “fêmea-matriz” e “força-motriz” que antevê, antecipa e vive o que ainda virá no futuro. Embora no mundo subsistam ameaças e injustiças, ainda assim “vagos desejos insinuam esperanças” guardadas no sentimento invólucro do eu poético.

O poema “Recordar é preciso” torna-se relevante para este estudo uma vez que retoma a diáspora desde o seu princípio histórico básico, além de enfatizar a importância da voz negra na escrita literária para que os ecos dos afrodescendentes possam ressoar nos ouvidos daqueles que estão disponíveis a compreendê-los. Dessa maneira, enquanto “Eu-Mulher” ressalta a presença “silenciosamente” ativa do feminino através da escritura de sua visão/experiência dentro de uma sociedade marcada pela escravidão, estendendo-se, os murmúrios poderão atingir ímpetus maiores.

A literatura da diáspora de autoria feminina vem não apenas buscando, mas rastreando, fixando o seu lugar de enunciação. Esse é o caminho encontrado para que vozes subordinadas, durante o período colonial, possam libertar-se, conscientizando aqueles que se aventuram pela leitura.

O segundo capítulo, “Não há caminho fácil para a liberdade”, é inspirado na trajetória de um dos negros cujo nome ressoa em todas as partes do nosso planeta e que marcou a história mundial: Nelson Mandela. Este grande revolucionário, na realidade, chamava-se Rolihlahla, nome que pode significar “encrenqueiro”. Foi exatamente assim que Mandela

tornou-se reconhecido pelos dominantes brancos do Império Inglês, o qual obteve a União da África do Sul como parte de seu império, em 1910. Mandela acreditava na África do Sul liberta do racismo, do sistema “apartheid”, em que brancos, negros e outras raças poderiam viver juntas, pacificamente. Atingir esse passo, no entanto, não seria fácil; “*no easy walk to freedom*”, assim avisou Mandela, em um dos seus mais famosos discursos, em 1953 (HART, 2009, p. 8, 15 e 57).

Tendo como base os obstáculos encontrados por Mandela e todos os africanos da África do Sul, identificaremos a complexidade do conceito de diáspora negra a partir da proposta de Start Hall e James Clifford. Logo, “navegaremos” sob o conceito com o intuito de compreender o porquê da existência desse debate na contemporaneidade. Para isso, tomaremos como base os estudos de Paul Gilroy (1993), Melville J. Herskovits (1958), Wendy Walters (2005) e Jonh Hutnyk, Raminder Kaur e Virinder S. Kalra (2003). Em virtude da opção por focar as protagonistas das obras de Evaristo e Morrison, discutiremos o processo de travessia da mulher afro-descendente, dialogando com teorias do feminismo propostas por autoras como bell hooks (1989; 1991; 1992; 2000), Carole Boyce Davies (1994), Linda McDowell (1999). Concluiremos esse capítulo explicando o caráter transnacionalista da diáspora.

Nossa análise parte da intersecção das obras *A Mercy* e *Ponciá Vicêncio*. Antes de detalharmos melhor nossa proposta de desenvolvimento nos capítulos seguintes, contextualizaremos as autoras e as narrativas escolhidas para o nosso debate sobre o lugar da mulher negra e o lugar da prosa/da escrita na vida de Evaristo e Morrison.

Conceição Evaristo nasceu em 1946, graduou-se na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ingressando no mestrado da PUC do Rio de Janeiro e hoje é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Seu gosto por ouvir histórias e, conseqüentemente, pela literatura, levou-a a escrever livros como o escolhido para compor os estudos deste trabalho e *Becos da memória* (2005).

A obra *Ponciá Vicêncio* (2003) é uma narrativa não linear, que nos informa sobre a condição dos negros libertos no momento histórico da abolição da escravatura no Brasil (1888). Vivendo na zona rural, com seus pais, em condição de extrema pobreza, ao atingir a idade madura, a personagem Ponciá Vicêncio migra para a cidade em busca de uma experiência diversa daquela que marcara a vida de seus antepassados. Sendo uma obra que trabalha com a questão pós-abolicionista e que ressoa os problemas sociais do negro na contemporaneidade, observar-se-á o processo de movimentação da personagem e como esse deslocamento pode dialogar com a travessia da massa de africanos para as Américas.

Chloe Anthony Wolfford nasceu em 1931, em Lorain, Ohio, Estados Unidos. Formou-se em inglês e, em 1970, quando lecionava no Departamento de Língua Inglesa da Universidade Howard, iniciou sua carreira literária com a obra *The bluest eye*, mudando seu nome para Toni Morrison. Especialista em literatura afro-americana, escreveu sua dissertação de Mestrado sobre a questão do suicídio em William Faulkner e Virginia Woolf, pela Universidade de Cornell, Nova York. Em 1993, recebeu o prêmio Nobel de literatura. É autora de muitos romances, entre os *Beloved* (1987), *Jazz* (1992) e *Paradise* (1997).

A narrativa *A Mercy* (2008) também ocorre em meio à aspereza da vida rural e às mudanças sociais em curso, na formação dos Estados Unidos da América. De um lado, a terra se divide entre o puritanismo religioso, enquanto do outro, existe a tolerância e a liberdade do negro e do indígena. Nesse ambiente, vivem quatro homens (Jacob Vaark, o fazendeiro; Scully, William e o ferreiro, seus súditos), quatro mulheres (Rebekka, esposa branca do fazendeiro Vaark; Lina, uma escrava indígena; Sorrow, uma escrava negra; e Florens, escrava negra sobre a qual decorre a narrativa).

O terceiro capítulo, “O influxo da multiterritorialidade na construção do “home””, destina-se à identificação da multiterritorialidade da diáspora negra. Em outras palavras, buscamos, nas obras de Evaristo e Morrison, evidências de que a multiterritorialidade não sugere apenas um ato de des-territorialização (ao abandono territorial), mas de múltiplas re-territorializações, focando dualismos inerentes ao debate do termo: o material e o simbólico, o social e o natural, o tempo e o espaço, o poder simbólico.

A princípio, analisaremos os diversos territórios habitados pelas personagens Ponciá e Florens a fim de observar a presença dominante do poder não oferecido ao negro. Nos contextos díspares de espaço e tempo das narrativas (século XIX e XVII), veremos que mesmo quando o negro tem o livre arbítrio de transitar, o controle da mobilidade é exercido pelos agentes sociais, pela posição permitida ao negro. Observar a força do poder através do controle da mobilidade em Florens é visível, visto que esta se insere em período escravagista. Entretanto, para trabalharmos a multiterritorialidade do negro, com o intuito de focar a mulher negra no sentido de múltiplos territórios e também como uma consciência coletiva dos grupos da diáspora negra, precisamos unir os dualismos e trabalhar os conceitos de território e espaço no âmbito relacional, isto é, em meio à sociedade, matéria, símbolo, local e global.

O quarto capítulo denomina-se “Experiências que ferem e situam: o ‘home’ da mulher negra”, e tem por objetivo mostrar de que maneira a multiterritorialidade desenvolvida no capítulo anterior afirma a existência de um “home” da mulher negra. O conceito de “home” transpõe a ideia de casa e lar, sendo compreendido nesse trabalho como o estado do ser, os

sentimentos que o indivíduo reúne como resultado de suas experiências com os múltiplos espaços. De um lado, mencionaremos a característica mutatória da mulher negra que, assim como o território, o espaço e o tempo (nas proposições teóricas do geógrafo e das geógrafas trabalhadas nesse estudo), diferencia-se por uma aptidão inata à dinamicidade. De outro, veremos de que maneira a esfera do privado (dos espaços em termos físicos e pessoais) dialoga com a esfera do público. Para isso, criar-se-á uma relação intersticial entre os espaços e os lugares em seu caráter sócio-relacional e a memória individual e coletiva. A memória coletiva sugere o combate do passado com o presente, “carimbando” a memória individual.

Constataremos na discussão de cada obra o argumento de James Clifford, em *Diasporas* (1994), sobre os obstáculos encontrados pelo sujeito feminino na trajetória da vida: “a vida para a mulher em situações diaspóricas pode ser duplamente dolorosa – lutando contra as inseguranças materiais e espirituais do exílio, contra as exigências da família e do trabalho, e contra as reivindicações dos patriarcas antigos e novos” (p. 314). Assim, ao discutirmos as duas obras, questionaremos a análise de gênero de Janet Wolff (1993), ao afirmar que as experiências dos homens tendem a predominar “quando a experiência diaspórica é vista em termos de deslocamento” (apud CLIFFORD, 1994, p. 313)².

O capítulo conclusivo, ““Negro sou, negro ficarei!”: atingindo a ‘dupla consciência’”, título que remete a dois conceitos respectivamente: ao de “negritude”, proposto pelo martinicano Aimé Césaire; e ao conceito de “double-consciousness”, elaborado pelo estadunidense W.E.B. DuBois. Enquanto este conceito refere-se à conscientização de ser um negro pertencente a uma nação, ou seja, ser um negro cidadão estadunidense (pensando no gênero do autor), aquele visa à “afirmação e reafirmação” do negro dentro de um coletivo, como posicionamento político que objetiva desestruturar as bases do racismo. Na realidade, os dois conceitos são formas de se dispor politicamente. Embora não possamos visualizar essa posição nas personagens protagonistas das narrativas, na medida em que uma (Florens) silencia-se, e a outra (Ponciá) enlouquece, vemos a procura por um lugar do negro e uma necessidade de reafirmação da sua história (pelas palavras de Evaristo e Morrison). Ou seja, de uma procura talvez também das próprias autoras, em pleno século XXI, de afirmar a existência do negro e, mais especificamente, da mulher negra dentro do coletivo brasileiro e estadunidense.

Na conclusão, objetivar-se-á confirmar a afirmação de Antonio Gramsci em seu argumento de que “a natureza multifacetada da consciência não é um fenômeno individual,

² “When diasporic experience is viewed in terms of displacement [...] then the experiences of men will tend to predominate” (Tradução nossa).

mas coletivo, uma consequência do relacionamento entre ‘o eu’ e os discursos ideológicos que compõem o terreno cultural da sociedade” (HALL, 2009, p. 305-306). Dessa forma, justificamos o diálogo transnacionalista corrente nas obras de Evaristo e Morrison: os discursos publicados sobre a diáspora negra demonstram o caráter multiterritorial da conscientização do reconhecer-se mulher negra. Destacaremos, assim como Wendy Walters enfatizou em relação às obras de Richard Wright, em *At home in diaspora*, a maneira como a escrita torna-se para as escritoras um modo de articular a identidade para além das fronteiras nacionais (WALTERS, 2005, p. 5)³. Assim, afirmaremos ser o ato de escrever, para Evaristo e Morrison, a solução encontrada para afirmar política e socialmente o ser “Eu-mulher” negra.

A relevância de refletir a literatura contribui para apurar nosso próprio olhar diante dos acontecimentos da vida humana, treinando-nos para a formação de leitores aptos a enxergar na literatura um eu (“self”) capaz de identificar o lugar da escrita dos autores não como simples ato de ficção ou prática narrativa, mas como um mosaico constituído por beleza e sombra, brilho e opacidade, luz e escuridão: o exercício em aberto “da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir” (COMPAGNON, 2009, p. 56-57). Resulta daí o nosso pressuposto de que o fim das histórias de Ponciá Vicêncio e Florens retrata o lugar do negro na sociedade brasileira e estadunidense. Sendo este lugar o “abrigo” e a “proteção” oferecida ao negro, ele se transforma em lugar do ser, do indivíduo: “home”. E a escrita de Evaristo e Morrison demonstra o sentimento proveniente dessas mulheres em relação à problemática da mulher negra nas sociedades em construção. A necessidade de um falar poético da literatura negra exprime a escrita como o “home” dessas autoras.

³ Reading Wright’s works “enables us to see how writing becomes for the diasporic author a way to articulate identity beyond national boundaries” (Tradução nossa).

2 “NÃO HÁ CAMINHO FÁCIL PARA A LIBERDADE” – BASES TEÓRICAS

O que importa para o dialético é trazer o vento da história mundial para as suas velas. Pensar para ele significa: içar as velas. O importante é o modo como elas são içadas. As palavras são as suas velas. O modo como são içadas as convertem em conceitos.

Walter Benjamin

Mas se é verdade [...] que um excesso de conhecimentos históricos prejudica o ser vivo, também é necessário entender que a vida precisa do serviço da história.

Friedrich Nietzsche

Tendo sido talvez leitor de Walter Benjamin, Nelson Mandela revelou-se como o “agitador” que içou suas próprias velas e fez da história a razão de sua vida. A luta pelo fim do *apartheid* – segregação racial e territorial –, bem como a busca pela igualdade de direitos entre negros africanos e brancos (principalmente britânicos) fizeram de Mandela um atuante tal qual Mahatma Gandhi. Suas palavras transformaram-se, assim, em importantes conceitos a serem seguidos. A permanência na prisão, por vinte e dois anos, não impossibilitou que suas palavras e seus ideais continuassem a se espalhar ao vento. No entanto, embora Mandela quisesse manter somente a verbalização, atos de não violência tornaram-se inviáveis em suas atuações políticas na forma de protestos antissegregacionistas. Para a tomada do poder era preciso treinamento militar. Ao fim de um caminho tortuosamente perigoso, contudo, a palavra mostrou o seu poder para que um novo caminho pudesse ser traçado.

Acredita-se que, com o reconhecimento político da desigualdade social, a desigualdade racial se beneficia. Não se sabe, porém, o grau desse tipo de conscientização. A literatura da diáspora (não apenas negra, mas judaica, chinesa, entre outras) vem com o propósito de compor as diferenças, demarcando-as no tempo, no espaço e na escritura em contraposição às ideologias culturais. Caracterizando-se pelo domínio da palavra, a literatura pode chegar a significar também a expansão da mesma, em sociedades cuja prática da leitura constitui hábito diário. Conforme Jacques Derrida, “sem o saber, a escritura ao mesmo tempo desenha e reconhece, no deserto, um labirinto invisível, uma cidade na areia” (2009, p. 98). Por isso, a relação intrínseca entre a palavra e a escritura.

Conceição Evaristo, no artigo “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira” (2010), afirma o papel de sua escrita na literatura brasileira, objetivando trazer novos pronunciamentos em relação à representação do corpo do negro, exprimindo sua insatisfação quanto ao lugar do negro na sociedade brasileira (como escravo, oprimido, pobre, excluído, dominado), referente às políticas de igualdade, direitos, deveres, e também

oportunidades. A escritura propagada pela história ressurge na literatura como forma de *resistência*, em busca de um novo lugar do negro:

No Brasil, podemos encontrar, sobretudo na voz dos descendentes de africanos, uma poética que rememora a Mãe África, denuncia a condição de vida dos afro-brasileiros, e, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade. Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e social pelo sistema escravocrata do passado e, hoje ainda por políticas segregacionistas existentes em todos, se não em quase todos, os países em que a diáspora africana se acha presente, coube aos descendentes de africanos, espalhados pelo mundo, inventar formas de resistência. Vemos, pois, a literatura buscar modos de enunciação positivos na descrição desse corpo (PEREIRA, 2010, p. 134).

O saber certamente ocupa posição central na vida das autoras escolhidas para a composição do nosso trabalho. Evaristo e Morrison não só têm conhecimento da história do sistema escravagista nas sociedades brasileira e estadunidense, mas também representam o resultado desse processo, visto que são negras, cresceram questionando tanto o olhar destinado ao negro quanto o posicionamento (o lugar) ocupado pelos mesmos na sociedade. O estudo e o aperfeiçoamento profissional através da academia de Letras contribuíram para que as escritoras analisassem, por meio da literatura, a maneira como esse lugar do negro vem sendo representado e como elas próprias o criticam e o reescrevem. O conhecimento histórico permite ver, de maneira mais adequada, os caminhos e trajetórias percorridos por diversos povos. Cabe ressaltar, entretanto, a existência de privilégios de determinados grupos sob a escrita, além de mitos. Paul Gilroy (1993) alerta para que os negros do mundo moderno mantenham a porta da tradição aberta a respeito da memória da escravidão racial decorrente nos dias atuais:

[...] existe o perigo de que, afora a arqueologia das sobrevivências tradicionais, a escravidão torne-se um feixe de associações negativas, que é melhor deixar para trás. A história das fazendas e usinas de açúcar supostamente oferece pouca coisa de valor quando comparada às concepções elaboradas da antiguidade africana contra as quais são desfavoravelmente comparadas. Os negros são instados quando não a esquecer a experiência escrava que surge como aberração a partir do relato de grandeza na história africana, então a substituí-la no centro de nosso pensamento por uma noção mística e impiedosamente positiva da África que é indiferente à variação intra-racial e é congelada no ponto em que os negros embarcaram nos navios que os levariam para os inimigos e horrores da *Middle Passage* (GILROY, 2008, p. 355).

É dessa maneira, portanto, que Evaristo e Morrison produzem literatura sobre a diáspora negra. Como romancistas, as autoras apropriam-se do real – a história da escravidão –, construindo acontecimentos particulares. Contribuem, assim, para a memorização da história e sua importância na construção da crítica literária que examina fatos sociais. Para tal proposta, fazem uso de um olhar que pode ser descrito como o de um

historiador, cujo currículo compõe-se de uma mistura entre arte, experiência e literalidade. Para Evaristo, a integração entre a arte e o conhecimento está intrinsecamente ligada ao fazer de uma “literatura negra”:

Preocupações surgem quanto ao termo literatura negra, pois há a argumentação de que a arte é universal, não tem fronteiras. Sim, mas dentro dessa universalidade, há o particular, há o específico, há no caso, da literatura negra, a identidade étnica e cultural, revelando-se em momentos discursivos quando se busca uma ação afirmativa, construída pela palavra literária, e que dá um sentido positivo à etnicidade negra (PEREIRA, 2010, p. 134).

Ao falar do negro, Evaristo articula por meio de sua escrita sobre algo específico, próximo à sua experiência pessoal, ou seja, ao apoiar-se na nomeação do ser negro, a autora define sua escritura. Zilá Bernd, na obra *Introdução à literatura negra* (1988, p. 20-22) ressalva que o termo “literatura negra” provém do desejo de nomeação dos próprios autores:

No que concerne à literatura negra, sua característica maior talvez seja aquela ligada aos procedimentos de (re)nomeação do mundo circundante. Ora, nomear equivale a tomar posse do que foi nomeado. Em certa medida a função da crítica também é a de nomear: é tornando *visíveis* as descobertas feitas pelos autores que os críticos as transformam em história da arte, ou melhor, as legitimam. Assim, ao referendar uma expressão reivindicada pelos autores, a crítica está atuando como instância legitimadora dessa produção literária [...] o fato de assumirem essa nomeação, conscientemente, pode ser interpretado como um sinal de que os negros estão querendo *criar* a si mesmos e que uma das etapas deste processo seria justamente a de particularizar sua escritura, dando-lhe feição própria [...] Assumir a condição negra e enunciar o discurso em *primeira pessoa* parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos.

Apesar de Morrison, em *A Mercy* (2008), trabalhar com diversas etnias (nativos estadunidenses, negros descendentes de africanos e europeus), preocupando-se de fato com o Outro, sendo este negro ou não, usamos, neste trabalho, o termo “literatura negra” tanto para a obra de Evaristo quanto para a obra de Morrison. De fato, na citação seguinte do livro *Quiet as it's kept: shame, trauma and race in the novels of Toni Morrison* (2000), de J. Brooks Bouson, a autora ratifica o processo de violência sofrido, de alguma forma, por todos, e o narrador da obra que pronuncia sua experiência em primeira pessoa é uma escrava negra. Em entrevista à NPR⁴, Morrison afirma: “Eu queria que a voz dela pudesse tocar outras vozes. Então ela é primeira pessoa, primeira pessoa e apresentadora a dar a vivacidade. Todas as outras pessoas são terceira pessoa”⁵.

⁴ Entrevista com Lynn Neary disponível no sítio <http://www.npr.org/player/v2/mediaPlayer.html?action=1&t=1&islist=false&id=95961382&m=96095502>.

⁵ “I wanted her voice which would touch into the other voices. So she’s first person, first person and presenter to give the immediacy. Everybody else is third person” (Tradução nossa).

Para Morrison, escrever é uma “compulsão”; é “falar profundo” dentro dela mesma, uma “extraordinária maneira de pensar e sentir” (Stepito 24, Tate 169, Watkins 45). Ela também diz que “Manter em segredo a maioria de nossos assuntos, nossa existência aqui, tem sido grotesco” (Jones and Vinson 181). Uma das preocupações centrais de Morrison é “com o sobreviver *por inteiro* em um mundo onde nós somos, todos nós, em alguma medida, *vítimas de alguma coisa*” e “em posição nenhuma para fazer algo sobre isso” (Bakerman 40 apud BOUSON, 2000, p. 2)⁶.

Nesse sentido, podemos dizer que a escrita de Morrison surge de um interesse atual de denunciar os abusos causados pelo outro. Segundo Paul Ricoeur, na obra *A memória, a história e o esquecimento* (2000), o “discurso da preocupação é, em primeiro lugar, um discurso centrado no presente vivo. No cerne do dispositivo da linguagem, preside o ‘agora que...’ a partir do qual todos os acontecimentos se deixam datar” (2010, p. 394). Mas o presente dialoga constantemente com o passado e, por vezes, esse binômio propõe um debate irresoluto. Não pressupomos como regra ser o presente a representação do passado, embora observemos a coexistência temporal da história na escrita literária. Ao discorrer sobre a condição histórica, Ricoeur usa a expressão “ser-no-tempo” para enfatizar que os sujeitos participam dos fatos ocorrentes no mundo (“ser-no-mundo”). O papel da escrita de Evaristo e Morrison assume o corpo do “historiador”, o qual se volta para a reconstrução dos “atores” da história:

O historiador não tem apenas como contraponto mortos, para os quais ele constrói um túmulo escriturário; ele não se dedica apenas a ressuscitar viventes de outrora, que não existem mais, mas que existiram; ele se dedica a re-apresentar ações e paixões [...] A história visa não apenas ao vivente de outrora, na retaguarda do morto de hoje, mas ao ator da história decorrida, desde que se decida “levar a sério os próprios atores” (RICOEUR, 2010, p. 396).

O historiador se dedica a “despertar os mortos” – ou regressa para o que Ricoeur (2010, p. 395) chama de “ser-para-a-morte”-, ao “re-apresentar” as “ações e paixões” da história, assim como o faz o anjo da história de Walter Benjamin, em *Illuminations* (1973). A história presume a memorização de acontecimentos marcantes, datados, e influentes. A literatura “re-apresenta” essa memória com novos personagens, focando, sim, em um tempo exteriorizado, uma vez que se podem encontrar indícios do tempo histórico nas narrativas. No entanto, este é concomitantemente re-construído e re-criado, propositalmente no presente, refletindo sobre o mesmo, criticando-o, analisando-o, talvez explicando-o e sugerindo desdobramentos sobre a problemática que este vem carregando. Benjamin discorre sobre a

⁶ “For Morrison, writing is a “compulsion”; it is “talking deep” within herself, a “extraordinary way of thinking and feeling” (Stepito 24, Tate 169, Watkins 45). She also says that “[Q]uiet as it’s kept much of our business, our existence here, has been grotesque” (Jones and Vinson 181). One of Morrison central concerns is “how to survive *whole* in a world where we are all of us, in some measure, *victims of something*” and “in no position to do thing about it” (Bakerman 40)” (Tradução nossa).

imortalidade desse anjo que olha “para trás” devido à calamidade presente, no agora, em seus pés:

Seu rosto está voltado para o passado. Onde percebemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma única catástrofe que segue amontoando destroços sobre destroços e os lança diante de seus pés. O anjo gostaria de ficar, despertar os mortos e recompor o que foi despedaçado. Mas um vendaval está soprando do Paraíso; e atingiu-o nas asas com tal violência que o anjo já não pode mais fechá-las. Esse vendaval o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual tem as costas voltadas, enquanto a pilha de detritos diante dele vai se erguendo rumo ao céu. Esse vendaval é o que se chama progresso (BENJAMIN, 1973, p. 259).

Dever-se-á compreender que a escrita de autoria feminina da diáspora negra tem por característica fundamental o questionamento das ideologias socialmente partilhadas e presentes na sociedade contemporânea. A ficção traz essas bases discursivas como um vendaval. Este convive com o anjo da história na interface do tempo e do espaço. As autoras que compõem esse trabalho pretendem reescrever, como diz Zilá Bernd, a “história da arte”, questionando não apenas o momento em que vivem, como também resgatando experiências passadas. Objetiva-se utilizar as duas instâncias temporais, o passado e o presente, e com elas interagir (ferramenta fundamental para a análise do que está por vir), observando o relacionamento influente do tempo com as formas espaciais. Dessa forma, o vendaval é capaz de influir na maneira como as “velas são içadas”, garantindo sua permanência conceitual ao questionar noções, como as do “progresso”. Afinal, o progresso não está, necessariamente, ligado à ordem, talvez à esfera dos valores que lhe são incumbidos.

Resta-nos analisar a respeito da possibilidade de podermos identificar as obras *Ponciá Vicênio* e *A Mercy* como “ficcionalização” da história. Pode-se dizer que estas obras “simulam” um ponto de referência que está marcado pela história: a escravidão, presente nas sociedades contemporâneas e na memória silenciosa e silenciada de específicos grupos. A ficção é, sobretudo, a assimilação de dados históricos com referentes não reais. A narrativa, portanto, encontra-se no limiar entre a história e a ficção, pois “antes de tornar-se o objeto do conhecimento histórico, o acontecimento é objeto de narrativa” (RICOEUR, 2010, p. 251):

De um lado [...] a narrativa foi tida como um componente menor, até marginal, do conhecimento histórico; o processo da narrativa é então o do conhecimento. De outro, antes do desenvolvimento da narratologia na esfera da linguística e da semiótica, a narrativa é tida como uma forma primitiva de discurso, ao mesmo tempo muito ligada à tradição, à lenda, ao folclore e finalmente ao mito, e muito pouco elaborada para ser digna de fazer os múltiplos testes que marcam o corte epistemológico entre a história moderna e a história tradicional. Para dizer a verdade, as duas ordens de consideração andam juntas: a um conceito pobre de acontecimento corresponde um conceito pobre de narrativa (RICOEUR, 2010, p. 251).

Pode-se dizer, portanto, que a literatura é a arte do conhecimento. Não estamos afirmando que outras formas narrativas não veiculam o conhecimento, mas, sim, assegurando a particularidade da literatura. Concordamos com Compagnon quando reflete, na obra *Literatura para quê?* (1950), sobre a existência de um pensamento da literatura (2009, p. 52). Além do conhecimento, a literatura também é a arte da experiência. Entretanto, vemos a literatura não apenas como uma narrativa dedicada à vivência alheia, mas também como o limiar de uma relação concomitantemente divergente e recíproca, um diálogo pessoal com o exterior.

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida [...] Não é que achemos na literatura verdades universais, nem regras gerais, nem somente exemplos límpidos [...] A literatura, exprimindo a exceção, oferece um conhecimento diferente do conhecimento erudito, porém mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas. Ela pensa, mas não como a ciência ou a filosofia. Seu pensamento é heurístico (ela jamais cessa de procurar) [...] A literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não tem limites, ela jamais conclui (COMPAGNON, 2009, p. 47-51).

Dessa maneira, não podemos considerar a analogia entre a narrativa das autoras Evaristo e Morrison com a narrativa historiográfica, uma vez que esta se dedica a “re-apresentar ações e paixões”. Nos dias atuais, pensar a literatura dessa forma é regressar à definição clássica de Aristóteles: a literatura como *mimesis* (isto é, representação/ficção), gozo e instrução. As “paixões” seriam a própria *catharsis* ou purificadas pela representação.

A literatura de autoria feminina traça caminhos que buscam rostos que estejam voltados na direção da obscuridade que se apresenta diante das comunidades e estejam dispostos a esclarecer os artefatos culturais envolvidos nesse processo. Artefatos que, embora influenciem no presente, espera-se não influenciarem o futuro. Dessa forma, pretende-se expor, através da narrativa, os movimentos e deslocamentos que deram origem a comunidades desiguais em termos raciais e sociais. A metáfora da luz pode ser contraposta à ideia de obscuridade, visto que pressupõe o ver, ou seja, o enxergar a realidade. Observemos a capacidade de emancipação da luz, em *Homem Invisível* (1957), obra do estadunidense Ralph Ellison:

A luz confirma a minha realidade, dá origem a minha forma. [...] Sem luz, não só sou invisível, como sem forma, e não ter noção da própria forma é experimentar a morte. No meu caso, só me tornei vivo depois de vinte anos de existência, quando descobri minha invisibilidade (ELLISON, 1990, p. 10).

Necessários para enxergar a problemática levantada pelas narrativas da diáspora negra, questões como gênero, raça, violência, preconceito, racismo e desigualdade social resultam da

escravidão africana, explicada, segundo Novais (1983), pela lucratividade do tráfico de escravos: “É a partir do tráfico negreiro que se pode entender a escravidão africana colonial, e não ao contrário” (apud CARDOSO, 1988, p. 20).

O caminho sugerido para a liberdade não se ocupa dos interesses e pontos de vista da historiografia. Ao contrário, importa-se de forma prioritária com as contribuições que a história oferece à literatura, inspirando o eu-poético na dimensão das representações. Para isso, é fundamental compreender o valor da história como “conjunto dos acontecimentos advindos e conjunto dos relatos sobre esses acontecimentos” (RICOEUR, 2010, p. 320) do período colonial para a observância da influência europeia sobre a América, uma vez que nosso estudo desencadeia a experiência do negro e da mulher negra nos Estados Unidos e no Brasil. Roland Mousnier (1968) afirma que, no fim do século XVII, apesar de os europeus terem transferido à América suas instituições, ainda assim surgiram nações significativamente discrepantes uma das outras segundo suas origens e aspectos evolucionários:

O homem branco levava para a América as instituições de seu torrão europeu. Mas, num meio e em circunstâncias novas, tais instituições transformaram-se, dando origem a sociedades diferentes da mãe-pátria, a verdadeiras nações que possuíam todas, em diversas gradações, seus costumes, maneiras próprias de acionar instituições aparentemente análogas às de suas regiões de origem, seus interesses, suas preocupações, um desejo de levar vida própria e de regular por si mesmas seus negócios, um espírito de particularismo e autonomia. Mas tais nações, segundo suas origens e circunstâncias de evolução, diferiam profundamente umas das outras (MOUSNIER, 1968, p. 91).

Falar-se-á, a partir do ponto de vista do feminismo, como as obras literárias de Evaristo e Morrison recriam as diferenças das novas nações do Novo Mundo. Embora os historiadores patriotas discurssem inteligentemente sob um ponto de vista cosmopolita sobre as divergências entre as nações, nossa pretensão resume-se em comprovar como a literatura reforça a existência de fortes diálogos provenientes desses desencontros, mas entendendo como a história pode auxiliar o discurso literário. Ricoeur (2010), ao analisar o ensaio “Segunda consideração intempestiva” (1872), de Friedrich Nietzsche, conclui que a história apresenta-se excessiva. Assim, Nietzsche define três tipos de história: 1) a história monumental, caracterizada pelo “abuso de analogias”, prejudicando o passado e o presente com o uso de uma “admiração sem limites”; 2) a história tradicionalista, a qual consiste em “conservar e venerar costumes e tradições”, cobrindo o passado com um “véu de venerabilidade”; e 3) a história crítica, que constitui “apenas um momento, o do julgamento”, a condenação (RICOEUR, 2010, p. 306). Entre esses três níveis, é possível encontrar o excesso da história que, em contato com a vida, apesar da necessidade de seu serviço, “abala” e “invade” a memória.

A princípio, nossos leitores devem estar certos de que os escritores fazem uso da história como serviço do julgamento por meio da crítica literária. Entretanto, as narrativas com as quais nos propomos a trabalhar não intencionam execrar o relato histórico, mas discursar sobre o “serviço da história” (como propõe Nietzsche), para a vida humana. As narrativas não discorrem de uma reverência, mas de uma necessidade de expô-las a fim de refleti-las. Talvez Ricoeur (2010, p. 303) esteja certo ao dizer que a obra de Nietzsche “não contribui em nada com o exame crítico da operação histórica”, porém, visualizamos sua colaboração no debate história e vida.

A partir dessa ideia, surge o conceito de história mundial, uma vez que esta engloba o todo, ou seja, a história universal dos povos e, portanto, da vida humana, da humanidade. A definição de “a própria história” (“Die Geschichte selber”) foi desenvolvida pelo historiador alemão Reinhart Koselleck, no artigo “Geschichte” (1975). Nesse sentido, devido ao fato de isso implicar em uma resistência à pluralidade humana e uma depreciação do passado (ao pensar o tempo da história), Ricoeur discute o significado de história como algo uno.

A história, porém, não é uma “totalidade auto-suficiente” (RICOEUR, 2010, p. 319). “Historizar” a experiência humana, conglomerando-a, não necessariamente impede a continuação do debate da relativização de crenças, tradições e símbolos. Proclamar uma história uma consiste em enclausurar vozes, pontos de vista, formas de enunciação. O mesmo acontece se pensarmos a literatura como uma só: “as argumentações a favor de *só* a literatura, *só* a leitura, *só* o romance se fecham na defensiva [...] Todas as formas de narração, que compreendem o filme e a história, falam-nos da vida humana” (COMPAGNON, 2009, p. 55). Dentro dessa perspectiva da humanidade, o papel da literatura torna-se essencial, pois ela “não é a única, mas é mais atenta que a imagem e mais eficaz que o documento” (COMPAGNON, 2009, p. 55).

Assim como os historiadores patriotas empenham-se para escrever a história mundial sob o prisma de suas respectivas nações, pode-se afirmar também que os escritores, por meio da literatura, debruçam-se com o intuito de reescrever a história de acordo com seus respectivos intentos (expor uma sociedade racista, opressora, violenta, sexista). Impossível negar tamanho escopo, pois a escrita de escritores da diáspora negra consiste em assinalar os acontecimentos da população negra os quais não foram inscritos e, quando o foram, não exploraram a complexidade envolvida nesses processos de opressão, abandono e fracasso que a prosa ou a poesia revela, com a beleza do conjunto certo de palavras e expressões as quais engrandecem o texto escrito, não vangloriando o relato histórico (como propõe a história

monumental), mas distinguindo-os da impessoalidade oferecida pela história. Segundo Evaristo (2005, p. 207):

Táticas de sobrevivência foram também ensinadas e aprendidas na teia familiar de todos os povos da diáspora africana. Movimentos de resistência foram executados por grupos, ou às vezes até por um indivíduo, em toda a América compondo um repertório significativo de uma história que a história, não registra. E que a literatura dos afrodescendentes, em sua versão feminina e negra [...] podem exprimir.

Acredita-se que o caminho não seja fácil, visto a repercussão do assunto em nosso tempo. Estamos no século XXI, tempo cuja tecnologia corre velozmente contra si mesma, mas que carrega silenciosos questionamentos em sua jornada. Sentimo-nos na posição de esmiuçá-los, compreendendo-os, (re) afirmando-os. Na realidade, nossa proposta é baseada no mesmo ideal de Frantz Fanon, em *Peles negras, máscaras brancas* (1952). Fanon discorre sobre a relação do negro com o branco, da interposição do negro antilhano com a língua francesa e toda a complexidade de ter que viver em uma sociedade cuja base construída econômica e politicamente se fundamenta na construção de um mito denegridor de inferioridade. Fanon antecipa nossa asserção de que o lugar do ser é instituído por uma simbologia de poder influente nos espaços e nos territórios habitados pelo negro. Para o autor, é preciso desenvolver um sentimento e um olhar misericordioso para com o outro.

Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre o domínio do homem pelo homem. [...] O Negro não é. Não mais que o Branco. Ambos têm que se libertar das vozes desumanas de seus ancestrais para que nasça uma autêntica comunicação. Que haja uma tentativa de desalienação em prol da liberdade (FANON, 1983, p. 189).

É esse o discurso que a problemática da diáspora suscita quando pensamos na presença do hibridismo e nas dificuldades erguidas pela “diferença” e buscamos desvendar os caminhos para a liberdade traçados na literatura de autoria feminina. Encontramos na voz e por vezes na escrita das autoras o inquietante propósito de dismantelar estereótipos recorrentes nas obras de suas respectivas nações que falam sobre o negro e a mulher negra. Definir-se-á o conceito de diáspora junto a elementos essenciais para sua compreensão, como a língua e o espaço geográfico, relacionando-os à mulher negra.

2.1 DEFININDO O CONCEITO

O termo diáspora origina do grego diasporá⁷, ou seja, dispersão. O *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2004) define diáspora como “1. A dispersão dos judeus no decorrer dos séculos. 2. Dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos, em virtude de perseguição de grupos dominadores intolerantes” (FERREIRA, 2004, p. 673). Segundo a definição supracitada, entende-se que o termo diáspora é empregado referindo-se, exclusivamente, aos povos judeus e/ou outros grupos étnicos ou religiosos minoritários e/ou migrantes. Entretanto, o termo desenvolve uma problemática mais abrangente: o desafio de distinguir uma minoria e uma diáspora, ou uma migração e uma diáspora.

A relação do termo com os judeus começa após a destruição do Primeiro Templo de Jerusalém, no século VI antes de Cristo, e o conseqüente exílio do povo na Babilônia. Hutnyk et al. afirmam que a forma clássica da diáspora está relacionada ao movimento forçado, ao exílio e a uma sensação de perda derivada de uma incapacidade de retornar (2005, p. 10). Aplica-se, convencionalmente, essa ideia ao movimento em massa de africanos pela escravidão para as Américas. O conceito de diáspora negra, porém, pode ser reconhecido não apenas por narrativas e/ou movimentos artísticos de ‘estudiosos’ que almejam a valorização das origens – a África –, mas pelo impacto e repercussão das complexidades que o termo acarreta em discussões acadêmicas e políticas sobre o ser negro em um mundo global, moderno e preenchido por velhas lacunas da desigualdade social, racial e intelectual.

William Safran, em *Diaspora in modern societies: myths of homeland and return* (1991), desenvolve uma definição de diáspora ao considerar as similaridades e diferenças de uma variedade de experiências coletivas a fim de observar o número de experiências incluídas pelo termo, visto que os grupos podem ser identificados como mais ou menos diaspóricos.⁸ A nós pesquisadores, compete-nos o papel de coligar em que momentos o termo perde sua definição. Além disso, Clifford (1994, p. 306) destaca ser a abordagem comparativa de Safran a melhor maneira de especificar um campo discursivo e histórico complexo:

‘comunidades minoritárias expatriadas’ (1) que são dispersadas de um ‘centro’ original para no mínimo dois lugares ‘periféricos’; (2) que mantêm uma ‘memória, visão, ou mito sobre a terra natal’; (3) que ‘acreditam que eles não são – e talvez não podem ser – completamente aceitos pelo seu país de acolhimento’; (4) que vêm o home ancestral como um lugar de retorno final, quando for a ocasião; (5) que estão

⁷ A palavra grega diaspora foi usada por Thucydides para descrever o exílio da população de Aegina. (CHALIAND & RAGEAU, 1995. p. xiii).

⁸ Gérard Chaliand e Jean-Pierre Rageau (1995:xv), em “The problem of diasporas”, discutem a problemática do termo diáspora quando se analisa o conceito junto às experiências dos grupos. Ao expor o contexto das massas, questionam a movimentação realizada, a existência de uma diferenciação dos termos migração e dispersão, levantando o argumento sobre a possibilidade de se considerar dispersão o fato de a maioria dos migrantes irem para no máximo três países, como no caso dos irlandeses e dos cabo-verdianos (In: *The Penguin atlas of diasporas.*).

comprometidos com a manutenção ou o restabelecimento dessa terra natal; e (6) das quais a consciência do grupo e a solidariedade são ‘importantemente definidas’ por essa contínua relação com a terra natal (SAFRAN, 1991:83-84 apud CLIFFORD, 1994, p. 304-305)⁹.

Ao mencionar Safran (1991) e Clifford (1994), atentamo-nos para a necessidade de especificarmos a definição de diáspora plausível ao nosso objeto de estudo. Dentre as seis características supracitadas que definem o termo diáspora, convém-nos os itens (2), (3) e (4). O acolhimento do sujeito diaspórico invoca a discussão sobre a hospitalidade, ou seja, como o negro é recebido e percebido por esse território e nos seus espaços os quais caracterizam um lugar colonial. Jacques Derrida, no livro *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, discorre sobre a questão do estrangeiro, envolvendo-se nos “contornos de uma geografia – impossível, ilícita – da proximidade” (2003, p. 6). O pensamento filosófico de Derrida nos remete a um assunto de nosso interesse: o relacionamento com o outro, o próximo. Essa “geografia da proximidade” irreversível, nas palavras de Dufourmantelle, remete ao estrangeiro e ao não-estrangeiro. A poética da hospitalidade de Derrida brilhantemente enfoca, na realidade, a questão do híbrido. Pode-se dizer que é a questão do hibridismo a responsável pela distensão genealógica da hospitalidade receptora:

Trata-se de saber se esse pacto, esse contrato de hospitalidade que liga ao estrangeiro e que liga *reciprocamente* o estrangeiro, vai para além do indivíduo e se estende-se, assim a toda a família, à geração, à genealogia [...] Não se trata apenas do elo entre nascimento e nacionalidade; não se trata apenas da cidadania oferecida a alguém que não a tinha anteriormente, mas do direito acordado ao estrangeiro enquanto tal, ao estrangeiro que continua estrangeiro, e aos seus, à sua família, a seus descendentes (DERRIDA, 2003, p. 21).

O acolhimento dos povos da diáspora negra desdobra-se, portanto, à genealogia, no embate entre a hospitalidade ofertada àqueles cuja nacionalidade diverge do território habitado, após a travessia no Atlântico (aos países do continente africano) e à receptividade dos descendentes dos africanos nascidos no Novo Mundo. O desmantelamento dessa hospitalidade evoca um retorno ao “home ancestral”, que é transmitido por meio das gerações, ou seja, não apenas o regresso ao espaço concreto da casa, ou ao espaço simbólico do lar, ao território cujos espaços constituem o lugar do negro: “home”, o continente africano, as tradições e costumes, a língua, o não se sentir marginalizado, deslocado, disperso, diaspórico.

⁹ “‘expatriate minority communities’ (1) that are dispersed from an original ‘center’ to at least two ‘peripheral’ places; (2) that maintain a ‘memory, vision, or myth about their original homeland’; (3) that ‘believe they are not- and perhaps cannot be- fully accepted by their host country’; (4) that see the ancestral home as a place of eventual return, when the time is right; (5) that are committed to the maintenance or restoration of this homeland; and (6) of which the group’s consciousness and solidarity are ‘importantly defined’ by this continuing relationship with the homeland’ (SAFRAN, 1991, p. 83-84) (Tradução nossa)

O retorno cogitado em nosso trabalho, porém, não se refere, necessariamente, à terra natal do continente africano, desde os primórdios do evento da diáspora negra; refere-se, sim, a um retorno memorial de um “home” que não é apenas dos antepassados apresentados ao leitor nas obras, mas das próprias personagens, de seus “selves” em contato com o mundo. Por toda a narrativa, Ponciá Vicêncio e Florens retornam a um acontecimento passado que influi significativamente no presente mental de suas vidas. Enquanto esta relembra o abandono da mãe e a expulsão de seu amado, sendo essa experiência análoga à outra, ou até mesmo dependente, aquela recorre ao passado como fuga e encontro do presente com sua família, nos antigos espaços coloniais das terras de Coronel Vicêncio. O enfoque, portanto, será debater esse desejo de manter e restabelecer, por toda a narrativa, um ponto conflituoso e particular da experiência das personagens.

Embora haja possibilidade de se posicionar diante de uma intenção de manutenção ou restauração de uma identidade cultural previamente existente, optamos por focar o processo de movimentação que levou à mudança geográfica dos sujeitos da África e, conseqüentemente, à “hibridização” de culturas. Nosso posicionamento condiz, portanto, com o que Stuart Hall define por diáspora: a experiência da diáspora é definida “não pela essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma heterogeneidade e diversidade necessárias; por uma concepção de ‘identidade’ que subsiste com e por meio de, e não apesar da diferença, do hibridismo” (HALL, 1990, p. 223)¹⁰. A partir desse reconhecimento de diferença, Hall postula a emergência de uma consciência diaspórica: uma consciência que atravessa fronteiras nacionais por reconhecer experiências comuns e ideologias de vida semelhantes ao expor um olhar para a diferença. Talvez esse olhar não seja visto como diferente, mas sim como uma particularidade¹¹, como algo singular, mas, ao mesmo tempo, corriqueiro.

Em *Diaspora & hybridity* (2003), o conceito de diáspora é relacionado à palavra inglesa “away”, cujo significado tem como base a ideia de “estar distante”, e “home”, que pode ser traduzida como “lar”, uma vez que implica algum tipo de perda, pode ser generalizada em uma tipologia representativa ou definição do que a diáspora deve (ou

¹⁰ “The diaspora experience as I intended it here is defined, not by essence or purity, but by the recognition of a necessary heterogeneity and diversity; by a conception of ‘identity’ which lives with and through, not despite, difference, by hybridity” (Tradução nossa).

¹¹ Segundo Ferreira (2004, p. 676), ser diferente é ser “desigual”, “não semelhante”, “modificado”. O termo, portanto, pode enfatizar o caráter desigual dos povos da diáspora perante outros povos (brancos, em especial). A história do negro, porém, caracterizada por sua “inferioridade”, contribui para a interpretação da palavra “diferente” como algo pejorativo. Ferreira (2004, p. 1499) define por particular aquilo que é “pertencente ou relativo apenas a certos seres vivos ou a certas pessoas”, “peculiar”, “próprio”, “específico”, “especial”, “incomum”, “singular”. A nosso ver, entretanto, apesar de o termo “particular” ser entendido como “especial” ou “incomum”, também carrega um sentido pejorativo, enquadrando-se nas definições anteriores. Por isso, a opção pelo termo.

deveria) ser. Sendo a diáspora uma forma de “categorização”, os autores Hutnyk et al expõem a predisposição a certos tipos de experiência através do seguinte critério:

1. dispersão e separação (de uma *homeland*¹²);
2. trauma coletivo (embora na *homeland*);
3. florescimento cultural (enquanto distante);
4. uma relação conflituosa com a maioria (enquanto distante);
5. uma sensação de comunidade que transcende as fronteiras nacionais (*home e away*); e
6. estimular um movimento de retorno (*away* em direção a *home*)¹³(HUTNYK; KAUR; KALRA, 2005, p. 11).

Interessam-nos, especialmente os itens (1), (2), (4), (5) e (6). A maneira de conceituar a diáspora em Hutnyk et al. tem como fundamento a relação do indivíduo com o espaço, o lugar, o território de origem, ou seja, de uma terra natal a qual pode ser interpretado como “home”, o lugar do indivíduo. A literatura da diáspora em si requer um retorno físico ou memorial, podendo também ser vista como recalque, negação de ideias e sentimentos que permanecem psicologicamente, suscitando distúrbios mentais.

A história da escravidão, contudo, não será vista na perspectiva do crítico martinicano Edouard Glissant na obra *Le discours antillais* (1981), como uma história da neurose, em que o tráfico negreiro integra-se como um trauma: na tentativa de esquecer o passado, o sujeito recusa o retorno memorial. Esse retorno recalcado não condiz com a nossa interpretação da história narrada, em *A Mercy* (2008) e *Ponciá Vicêncio* (2003). Se, por um lado, poder-se-ia dizer que Florens exclui de sua consciência a lembrança do abandono da mãe até o momento em que o acontecimento ressurgue por meio da repetição, por outro lado, isso negaria a vivência multiterritorial do ser diaspórico. Na medida em que a personagem apresenta transtornos psíquicos, seria também perspicaz afirmar que a migração de Ponciá para a cidade consiste num desejo (recalcado) de esquecimento. Entretanto, não vemos na narrativa o anseio pelo apagamento do passado da personagem, ao contrário, sua travessia baseia-se no retorno e na busca por seus familiares.

Além disso, trata-se de se analisarem os diálogos da escrita de Evaristo e Morrison como confirmação da diáspora transnacionalista ou, em outras palavras, de uma diáspora que,

¹² Optou-se por não traduzir a palavra *homeland* (= terra natal, pátria), no texto, devido à relação com a palavra “home”, que se acredita ter sentido maior do que a palavra “lar” em Português. No capítulo IV, veremos que “home” pode ser entendido como casa, lar, ou seja, espaço de residência. Entretanto, esse conceito não pode ser entendido como algo concreto e inalterável, pois “home” é um conceito abrangente, caracterizado pela fluidez e pela mobilidade e, por conseguinte, por transformações.

¹³ “1. dispersal and scattering (from a homeland); 2. collective trauma (while in the homeland); 3. cultural flowering=development (while away); 4. a troubled relationship with the majority (while away); 5. a sense of community transcending national frontiers (home and away); and 6. promoting a return movement (away to home)” (Tradução nossa).

do local ao global, compartilha experiências e opiniões: uma consciência negra. Como vimos em Evaristo (2005, p. 207), no item anterior, os grupos expressaram movimentos de resistência na luta a favor da liberdade e a igualdade “em toda a América”. A proposta de Hutnyk et al. (2003) servirá de apoio para expandir o conceito supracitado para o contexto dos negros representados nas narrativas de Evaristo e Morrison. Ao ver a diáspora sob o prisma da distância, pressupõe-se a importância do espaço geográfico, o território e de outras formas espaciais (como o campo, a cidade, a casa) na acepção de uma simbologia que contribui para a formação do negro e de um “eu” mulher, negra, diaspórica.

O indo-britânico Homi K. Bhabha, na obra *O local da cultura* (1998), sagazmente analisa o discurso colonial, utilizando, em seu corpus, por exemplo, a crítica ao colonialismo elaborada e profundamente pleiteada por Frantz Fanon. A duplicidade intrigante de ser negro, como tantos outros, excluídos e diaspóricos, e estar sob a visibilidade desviada e temida do outro, faz com que culturalmente o negro transforme-se em um sujeito híbrido. Bhabha define como “third space” (“terceiro espaço”) o espaço do negro inferido por Fanon na obra *Pele negra, máscaras brancas* (1952), citada no item anterior. A visibilidade do negro em presença é sobredeterminada pelo poder do discurso hegemônico:

Fanon usa o fato da negrura, do caráter tardio, para destruir a estrutura binária de poder e identidade [...] O discurso do “humano” de Fanon emerge daquele intervalo ou cesura temporal efetuado no mito continuísta, progressista do Homem [...] escreve a partir daquela cesura temporal, o entretempo da diferença cultural, em um espaço entre a simbolização do social e o “signo” de sua representação de sujeitos e agências [...] Ele rejeita o “caráter tardio” do homem negro porque ele é apenas o oposto do enquadramento do homem branco como universal e normativo [...] também rejeita o esquema dialético hegeliano-marxista no qual o homem negro é parte de uma negação transcendental: um termo menor em uma dialética que irá emergir no seio de uma universalidade mais equitativa. Fanon, creio eu, sugere um outro tempo, um outro espaço.

É um espaço de ser que se forja a partir da experiência interruptora, interrogativa e trágica da negrura, da discriminação, do desespero. É a apreensão da questão social e psíquica da “origem” (BHABHA, 2010, p. 328).

Enquanto o “terceiro espaço”, para Fanon, surge do sentimento inquietante de ser negro, um espaço que insubordina a supremacia branca e os mitos instituídos pelo discurso hegemônico que denegrecem o sujeito negro, para Bhabha, o “terceiro espaço” é a prática contestante da enunciação, o combate à não-fixidez de símbolos de poder construídos socialmente. Esse modo de contestação somente se torna possível porque o hibridismo:

é o signo da produtividade do poder colonial, suas forças e fixações deslizantes; é o nome da reversão estratégica do processo de dominação pela recusa [...]ele expõe a deformação e o deslocamento inerentes a todos os espaços de discriminação e dominação (BHABHA, 2010, p. 162-163).

Ao propor a movimentação dos signos, o debate dos efeitos coloniais proferidos intervindo na continuidade temporal de uma cultura dominante, Bhabha desestabiliza a crença popular sobre a imobilidade do espaço. A escrita de Evaristo e Morrison sobre a diáspora negra abarca esse modo enunciativo perturbador, esse “terceiro espaço” que eclode da experiência excludente, marginalizada, discriminatória e diaspórica. Assim como Bhabha definiu o “terceiro espaço” como a emergência instável de novas considerações, outros autores compreendem o espaço como não-inerte, identificando-o, por exemplo, como gendrado, caracterizado pela ausência. No próximo item, refletiremos sobre o processo de travessia do negro para logo entrarmos nos conceitos conexos que embasam nosso estudo, ajudando-nos na análise do “lugar”, o “home” do sujeito feminino da diáspora: “espaço”, “lugar”, “território” e “home”.

2.2 NAVEGANDO SOB O CONCEITO

Em *O Atlântico negro* (2008), Paul Gilroy faz referência ao quadro de um navio negreiro, do artista J. M. W. Turner, em que mortos e moribundos são lançados ao mar enquanto uma tempestade se aproximava. A relevância desse quadro está na ênfase não só da crueldade do processo em que o sistema econômico escravocrata se realizava, mas na complexidade dos elementos que envolvem o processo diaspórico. O Atlântico deve ser pensado como um sistema de trocas e unidades culturais, inclusive políticas, e não apenas o espaço de incorporações abstratas comerciais:

A extraordinária pintura de Turner do navio negreiro continua a ser uma imagem útil não só por seu poder moral autoconsciente e o modo notável pelo qual ela aponta diretamente para o sublime em sua invocação do terror racial, comércio e degeneração ético-política da Inglaterra. Deve-se enfatizar que os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam. [...] Os navios também nos reportam à *Middle Passage*, à micropolítica semilebrada do tráfico de escravos e sua relação tanto com a industrialização quanto com a modernização (CERTEAU, 1984, p. 117 apud GILROY, 2008, p. 50-61).

O “espaço terceiro” de Bhabha define justamente as consequências da mobilidade compelida dos negros, os espaços continuamente construídos de segregação, a (in)visibilidade expelida à alteridade, ao lugar marcado pela diferença, presente em diversas sociedades. A produção dos símbolos que transcorreram o desenvolvimento político-econômico dos territórios da América de alguma forma se interconectam. A articulação das culturas é possível não por causa da familiaridade ou similaridade dos *conteúdos*, mas porque todas as

culturas são formadoras de símbolos e constituem sujeitos (RUTHERFORD, 1990, p. 210)¹⁴. A *Middle Passage* contribuiu para a formação do híbrido, e é esse hibridismo que estabelece o “espaço terceiro”, novas estruturas de autoridade, novos discursos, pois

o hibridismo colonial não é um *problema* de genealogia ou identidade entre duas culturas *diferentes*, que possa então ser resolvido como uma questão de relativismo cultural. O hibridismo é uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes “negados” se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento (BHABHA, 2010, p. 165).

Embora o termo diáspora seja definido pela “involuntária”¹⁵ dispersão em massa de um determinado povo; embora Paul Gilroy realce os efeitos da comercialização de escravos durante as navegações, o conceito não é um sinônimo de viagem. As implicações que circundam o reconhecimento da noção de viagem são os binarismos: ir/voltar, hoje/amanhã. A diáspora pressupõe um permanecer que não requer, necessariamente, um pertencer:

Diáspora é diferente de viagem (apesar de acontecer através de práticas de viagem) já que não é temporária. Envolve residência, manutenção de comunidades, tendo ‘homes’ coletivos distante de ‘home’ (sendo assim diferente de exílio, com seu frequente foco individualista). Os discursos da diáspora articulam, ou inclinam-se ao mesmo tempo, *tanto* raízes *quanto* rotas para construir o que Gilroy descreve como esferas públicas alternativas (1987), formas de consciência da comunidade e solidariedade que mantém identificações fora do espaço/tempo nacional para se viver dentro, com uma diferença (CLIFFORD, 1994, p. 307-308)¹⁶ (grifo nosso).

Em virtude do grande número de divergentes etnias no continente africano, a diáspora negra distingue-se da judaica. O processo de comercialização dos africanos resulta na dissolução das etnias e da sua homogeneidade. Melville J. Herskovits, no livro *The myth of the negro past* (1941), expõe sua minuciosa pesquisa a respeito os mitos difundidos sobre a extensão do movimento de dispersão dos negros da África para o mundo, além de investigar sobre o destino de cada etnia. Vejamos os resultados encontrados pelo pesquisador relativos aos povos prometidos à América:

¹⁴“The articulation of cultures is possible not because of the familiarity or similarity of *contents*, but because all cultures are symbol-forming and subject-constituting” (Tradução nossa).

¹⁵ Utilizamos a palavra entre aspas porque a dispersão varia em termos de diáspora. Quando nos referimos à diáspora negra, certamente estamos trabalhando com a noção de dispersão involuntária, devido às imposições político-econômicas, e quando falamos sobre a diáspora chinesa, focamos uma dispersão voluntária devido à busca por mudanças no contexto de classe social, e involuntária pela recusa de permanecer na força de trabalho explorada.

¹⁶ “Diaspora is different from travel (though it works through travel practices) in that it is not temporary. It involves dwelling, maintaining communities, having collective homes, away from home (and in this it is different from exile, with its frequently individualistic focus). Diaspora discourses articulates, or bends together, both roots *and* routes, to construct what Gilroy describes as alternative public spheres (1987), forms of community consciousness and solidarity that maintain identifications outside the national time/space in order to live inside, with a difference” (Tradução nossa).

Os escravos trazidos para a América vieram quase exclusivamente da costa oeste. Os ingleses trouxeram prisioneiros dos rios do Senegal e de Gambia, da Costa do Ouro, costa escrava, e ainda tão distante ao sul quanto Angola. [...] Anthony Benezet, que fez um estudo cuidadoso do comércio de escravos, disse que os escravos eram regularmente enviados de todos os pontos de Senegal até a Angola, uma costa de aproximadamente 4.000 milhas. O coração do comércio era a costa escrava e a Costa do Ouro, e por trás disso um território prolongado no interior das 700 milhas ou mais. Desse território Negros Senegaleses, Mandingos, Ibos, Efikes, Ibonis, Karamantis, Wydyas, Jolofs, Fulis, juntos com representantes de muitos do Bantu interior eram trazidos para a América (WEATHERFORD, Johnson, s/d; apud HERSKOVITS, 1958, p. 4)¹⁷.

Herskovits contribui ao afirmar a existência de contatos interculturais na África, ou seja, similaridades e variações locais, confirmando a complexidade que o conceito de diáspora negra acarreta ao pensarmos nos conceitos de território, espaço, lugar e “home”. Stuart Hall, no livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), apresenta o fato de que, com a colonização da América, a diversidade cultural sofre uma ampliação, visto que outros povos já habitavam as terras; a diversidade cultural, portanto, não surge com a chegada dos europeus: “As sociedades multiculturais não são algo novo. Bem antes da expansão europeia (a partir do século quinze) – e com crescente intensidade desde então – a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção” (HALL, 2009, p. 52).

Assim como Herskovits, o antropólogo Hall elabora um pensar sobre as relações humanas: como essas culturas interagem atualmente sob um território “ilimitado” devido às facilidades oferecidas por elementos tecnológicos. Herskovits afirma que o contato entre povos diferentes faz nascerem novas formas de cultura: “A conclusão em que chegamos é que na África, como no Novo Mundo, os processos culturais que estarão em vigor serão aqueles de adição e síntese para obter coerência com formas mais antigas, em vez de subtração e substituição” (1958, p. xli). Esse olhar assegura o argumento proposto anteriormente sobre a característica da diáspora em dissolver¹⁸ a homogeneidade das etnias.

Percebe-se o encadeamento das concepções de Hall com Herskovits quando aquele examina as formas contemporâneas da globalização, que se baseiam nas existentes e influentes forças dominantes de homogeneização cultural, propondo modelos fechados, unitários e homogêneos de “cultura”. Entretanto, “o conceito de diáspora se apoia sobre uma

¹⁷ “The slaves brought to America came almost exclusively from the west coast. The English brought captives from the Senegal and Gambia rivers, from the Gold Coast, slave coast, and even as far south as Angola. [...] Anthony Benezet, who made a careful study of the slave trade, said that the slaves were regularly shipped from all points from the Senegal to Angola, a coast of nearly 4,000 miles. The heart of the trade was the slave coast and the Gold Coast, and behind this a territory extending into the interior for 700 miles or more. From this territory Senegalese Negroes, Mandingoes, Ibos, Efikes, Ibonis, Karamantis, Wydyas, Jolofs, Fulis, together with representatives of many of the interior Bantus were brought to America” (Tradução nossa).

¹⁸ Ressaltaremos, entretanto, que conceito de “dissolver” na construção de nosso pensamento não é um sinônimo da palavra “diluir”. Ao contrário, nosso intuito não é compreender a diáspora negra como um evento anulador de etnias.

concepção binária da diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2009, p. 32-33). Não afetando os lugares uniformemente, o sistema global continua com desigualdades e instabilidades complexas: “trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura global, por exemplo)” (HALL, 2009, p. 57).

Pode-se presumir que o objetivo da escrita de Evaristo e Morrison sobre a diáspora negra se adéqua com as propostas sobre o negro apresentado por Hall. Como escritoras contemporâneas, imersas no contexto da globalização, elas vivenciam um mundo hipoteticamente homogeneizado e igualitário. As obras destas autoras exemplificam com clareza o enredamento dos espaços público e privado e de como esses lugares, junto à (in)visibilidade do “outro”, favorecem a construção de uma conjuntura exclusivista e díspar.

Isidore Okpewho, em *The African Diaspora: African Origins and New World Identities* (1999), define a diáspora como “um espaço global, uma teia universal, que abarca tanto o continente materno quanto seus descendentes, para onde quer que, no mundo, estes tenham sido levados pelas forças cruéis da história” (WALTERS, 2005, p. vii)¹⁹. A concepção de Okpewho ratifica a necessidade de reconhecer o resultado da travessia dos africanos no Atlântico rumo ao Novo Mundo como uma consciência que permeia na contemporaneidade as suas marcas na maneira como o negro é visto, sua imagem (cor da pele: mestiços, mulatos), nas tradições culturais (a música, a religião, como o *soul* e o *candomblé*, respectivamente), no recurso memorial.

Na relação literatura e história, encontramos intertextualidades (como no romance *Beloved*, de Toni Morrison, em que a história de Sethe remete à experiência de uma escrava que realmente existiu: Margaret Garner), assim como possíveis (re)leituras comparativas entre escritores negros de diferentes partes do mundo, como condiz a proposta desse estudo. Em Morrison e Evaristo, por exemplo, identificamos uma necessidade da narrativa colonial, leituras afins cujo foco é a mulher negra. Aquela em *A Mercy* expõe diversos grupos étnicos em convivência - em conflitos familiares peculiares, mas de alguma forma congruentes -, embora privilegie a voz da experiência de uma mulher negra em particular, Florens. Esta cria

¹⁹Isidore Okpewho defines diaspora as “a global space, a worldwide web, that accounts as much for the mother continent as for wherever in the world her offspring may have been driven by the unkind forces of history” (tradução nossa).

em cenário pós-abolicionista as dificuldades migratórias dos negros que buscam vidas fora das terras e dos coronéis, destacando a travessia de Ponciá Vicêncio.

Em *Theorizing diaspora* (2003), compreende-se que, embora a diáspora possa ser caracterizada como transnacionalista, não é o transnacionalismo. Na medida em que engloba o contexto da globalização junto à incerteza econômica, contribuindo para a construção de amplas redes mundiais, o transnacionalismo é considerado um “fenômeno global”. O aumento da mobilidade e o desenvolvimento dos meios de comunicação intensificam as relações que vão além das fronteiras, motivando mobilizações sociopolíticas. Esse fenômeno refere-se a fluxos tecnológicos e macroeconômicos, enquanto a diáspora ocupa-se de migrações e deslocamentos:

Enquanto a diáspora pode ser exatamente descrita como transnacionalista, ela não é um sinônimo de transnacionalismo. Transnacionalismo pode ser definido como o fluxo de pessoas, ideias, bens, e capital de um lado a outro nos territórios nacionais de maneira a propagar a nacionalidade e o nacionalismo como categorias de identificação, organização econômica e constituição política distintas. Nós diferenciamos diáspora de transnacionalismo, entretanto, já que a diáspora se refere especificamente ao movimento – forçado ou voluntário – de pessoas de um ou mais nações-estados para outro. Transnacionalismo fala para forças mais amplas, mais impessoais – especificamente, aquelas da globalização e do capitalismo global (BRAZIEL; MANNUR, 2008, p. 8) ²⁰.

Haesbaert (2004) explica que o mito da desterritorialização existe justamente devido ao fato de a ação de desterritorializar implicar uma reterritorialização. Nosso objetivo, portanto, não consiste em clamar as origens do negro considerando a África como o lugar primário dos africanos e seus descendentes, mas em observar na escrita das autoras Evaristo e Morrison como identidades não-territoriais dialogam no contexto de multiterritorialidades.

2.3 DECOMPONDO-SE NO ESPAÇO-LUGAR TERRITORIAL DA DIÁSPORA: O “HOME” DO NEGRO

Tell me what has become of my rights
Am I invisible 'cause you ignore me
Your proclamation promised me free liberty now
I'm tired of being the victim of shame
They're throwing me in a class with a bad name

²⁰“While diaspora may be accurately described as transnationalist, it is not synonymous with transnationalism. Transnationalism may be defined as the flow of people, ideas, goods, and capital across national territories in a way that undermines nationality and nationalism as discrete categories of identification, economic organization, and political constitution. We differentiate diaspora from transnationalism, however, in that diaspora refers specifically to the movement – forced or voluntary – of people from one or more nation-states to another. Transnationalism speaks to larger, more impersonal forces – specifically, those of globalization and global capitalism” (Tradução nossa).

I can't believe this is the land
From which I came²¹

Michael Jackson

Embora nosso foco seja o sujeito negro feminino da diáspora, nossa análise partirá da discussão entre a mulher negra e os indivíduos que a cercam, ou seja, homens brancos ou negros, mulheres negras, brancas, indígenas. Refletiremos sobre o fato de o lugar de enunciação da mulher *negra* ser algo extremamente novo em meio às conquistas feministas. Entretanto, não nos posicionamos contra o gênero oposto: ao contrário, assim como Mandela inspirou a criação deste capítulo, reconhecemos o papel da música como apelo à igualdade entre os seres humanos. Neste item, as palavras de Michael Jackson movem-nos para “além das águas”, em desejos territorializados que “insinuam esperanças” por uma cicatrização do mundo, por fazê-lo um lugar melhor. Assim como para a feminista bell hooks, em *Talking back* (1989), nosso foco não começa com os homens e suas atitudes perante as mulheres, mas sim com a luta contínua por uma identificação pessoal e coletiva que homens como Mandela iniciaram, agora, entretanto, sob um prisma feminino:

A crescente conscientização de muitas feministas focou, no passado, na identificação de maneiras particulares em que homens oprimem e exploram mulheres. Ao usar o paradigma do sexo, da raça, e de classe conclui-se que o foco não começa com os homens e com o que eles fazem às mulheres, mas sim com as mulheres trabalhando para identificar tanto individualmente quanto coletivamente o caráter específico da nossa identidade social (HOOKS, 1989, p. 23)²².

A epígrafe acima se refere a uma canção gravada em uma das cidades brasileiras que mais recebeu africanos durante o período escravocrata: a Bahia. Atualmente, a Bahia continua a preservar elementos da cultura africana, na religião (o candomblé, por exemplo) na música e na dança. Nesse sentido, a escolha de Michael Jackson quanto ao cenário registra claramente a condição a que os negros (ou, para maior ênfase da relação com fatos históricos, os afro-descendentes) ficaram sujeitos, após a declaração da abolição da escravatura: a uma classe de “nome ruim”.

Considerados as “vítimas da desonra”, a resposta que recebem como busca de uma recompensa espaço-simbólico-temporal é a invisibilidade, o questionamento de seus direitos (Que liberdade seria essa?), a busca por uma visão mais tenra, e o sentimento incontestável de

²¹ “Diga-me o que se faz dos meus direitos/ Eu sou invisível porque você me ignora/ Sua proclamação me prometeu liberdade para estar livre e agora/ Estou cansado de ser a vítima da desonra/ Eles estão me jogando em uma classe de nome ruim/ Não posso acreditar que essa é a terra/ de onde eu vim” (Tradução nossa).

²² “Much feminist consciousness-raising has in the past focused on identifying the particular ways men oppress and exploit women. Using the paradigm of sex, race, and class means that the focus does not begin with men and what they do to women, but rather with women working to identify both individually and collectively the specific character of our social identity” (Tradução nossa).

descrença de que esse lugar, onde a vida lhe surgiu, seja o seu lugar, decorrente em um território assinalado pelo espaço geográfico de origem e por outros espaços de vivência. Acredita-se no caráter de denúncia nas palavras cantadas por Michael Jackson. Além disso, a descrença nesse ambiente de injustiças não decorre de uma não afirmação desse lugar, nesse território; ao contrário, vemo-la como uma afirmação de um fazer parte de uma construção espacial que, embora inapropriado, é o “home” de muitos negros de diversas classes sociais.

Nosso trabalho se organiza através de conceitos amplamente discutidos nos campos da geografia política e das ciências sociais, tais como o binarismo espaço/tempo, espaço/lugar, e espaço/território. Vemos, portanto, que o termo base de nossa discussão é o espaço, o qual desencadeia o questionamento da analogia ou disparidade entre esses outros conceitos. Dessa forma, trabalharemos com a ligação dos termos espaço, lugar e território, e “home”²³. A observação das linhas de raciocínio que compõem esses debates proporciona-nos ampla reflexão do processo de complexidade que envolve a travessia da mulher negra na diáspora e essa representação na literatura de autoria feminina. Seguiremos as explicitações ensaísticas de Theodor Adorno para pensarmos criticamente esses conceitos. Como ele, acreditamos que “nada pode ser extraído pela interpretação que, ao mesmo tempo, não seja também introduzido pela interpretação” (ADORNO, 1986, p. 169). Assim, nosso argumento parte da concepção de que, de alguma maneira, os conceitos selecionados neste trabalho articulam-se simultânea e reciprocamente.

Devemos lembrar que o objetivo deste estudo é analisar o processo de movimentação do sujeito feminino diaspórico negro. Afirmamos, dessa forma, que a mobilidade e o deslocamento dos indivíduos da diáspora negra divergem da movimentação de outros grupos. Doreen Massey (1993), em seu artigo “Politics and space/time”, trabalha com a expressão “compressão espaço-tempo” a fim de criticar a invisibilidade de influências vinculadas à etnicidade e ao gênero. Por compressão podemos entender uma proximidade, uma associação condensada do tempo com o espaço:

Há diferenças no grau de movimento e comunicação, mas também no grau de controle e de iniciação. As formas com que as pessoas são colocadas dentro da ‘compressão espaço-tempo’ são altamente complicadas e extremamente variadas. [...] então deve haver aqui a possibilidade de desenvolver uma política de mobilidade e acesso. Para isso parece que mobilidade, e o controle sobre a mobilidade, ambos refletem e reforçam o poder [...] a mobilidade e controle de alguns grupos pode ativamente enfraquecer outros povos. A mobilidade diferencial

²³ Veremos que, embora o termo “home” identifique-se com a palavra “lar”, da Língua Portuguesa, manteremos o termo em sua origem inglesa devido ao fato de, ao notarmos a extensão de significados implicado pelo conceito, não encontrarmos referente apropriado para servir de tradução aos elementos apresentados no texto.

pode enfraquecer a influência dos que já são fracos. A compressão espaço-tempo de alguns grupos pode minar o poder de outros (MASSEY, 2009, p. 150)²⁴.

Por reconhecer que cada grupo vivencia os deslocamentos de maneira particular, a ressalva de Massey é importante para este trabalho. De fato, ao afirmar o influxo do poder como fortificador do controle sobre a mobilidade, a geógrafa assegura a situação debilitante em que determinados povos dispõem-se em relação a outros. Por isso as proposições de Massey competem com o contexto do sistema escravagista colonial: ao serem controlados pelos brancos europeus e pelos próprios negros, os africanos se tornaram povos mais enfraquecidos. Essa subjugação é claramente afirmada pelo caráter diferencial da mobilidade dos negros na travessia do Atlântico: os navios negreiros.

Tanto Rogério Haesbaert quanto Massey reconhecem a diferença entre povos no âmbito social. Na citação seguinte, o estudioso relaciona a diferença à desigualdade, concepção que defendemos previamente, preferindo o termo “particular”, quando pensamos no sujeito da diáspora. Haesbaert utiliza as considerações de Massey em *O mito da desterritorialização*, concordando com a posição da autora e acrescentando que a compressão espaço-tempo refere-se somente a uma das “formas” com que o espaço social se manifesta, a que Haesbaert denomina “desigualdade” e “exclusão”.

[...] aquela que se refere mais diretamente ao que [Simmel] Shields (1992) denomina relação de *presença e ausência*, um dos três componentes “paradigmáticos” da espacialização da sociedade, juntamente com a *diferenciação* ou contraste e a *inclusão e exclusão* ou dentro e fora. Na verdade, preferimos denominar mais simplesmente estas três características de *presença, desigualdade* (aquilo que Bergson denomina diferenças de grau) e *exclusão* (relacionada a uma leitura da “diferença” em sentido estrito ou diferença de natureza) (HAESBAERT, 2009, p. 167).

Haesbaert baseia-se nas reflexões de autores como Massey para explicar porque a “des-territorialização” é um processo que implica uma “re-territorialização”. O enfoque da desterritorialização seria parcial, uma vez que “vê o espaço, ou seja, da sua ‘forma’ ligada à presença-ausência. Ela nada nos diz da intensificação dos processos de diferenciação (‘desigualização’) e de exclusão socioespacial em curso” (HAESBAERT, 2009, p. 168). Na realidade, a ativação das ações não igualitárias e excludentes surge a partir da “diversidade

²⁴ “There are differences in the degree of movement and communication, but also in the degree of control and of initiation. The ways in which people are placed within ‘time-space compression’ are highly complicated and extremely varied. [...] then there may be here the possibility of developing a politics of mobility and access. For it does seem that mobility, and control over mobility, both reflects and reinforces power. [...] the mobility and control of some groups can actively weaken other people. Differential mobility can weaken the leverage of the already weak. The time-space compression of some groups can undermine the power of others” (Tradução nossa).

territorial” ou da “multiplicidade territorial”, visto que esta permite uma intensa convivência de tipos territoriais diversificados, “fenômeno” a que Haesbaert chama de “múltiplos territórios” ou “multiterritorialidade”.

Para Haesbaert (2009, p. 350), o território “não é simplesmente uma ‘coisa’ que se possui ou uma forma que se constrói, mas, sobretudo uma relação social mediada e moldada na/ pela materialidade do espaço”. A circunstância análoga do espaço com o território está na maneira como o espaço é “funcionalizado” através das relações sociais, constituindo o território. O espaço, portanto, não deve ser interpretado como algo incapaz de movimentar-se.

Massey (1992) aponta para a posição ampla da geografia e sociologia atual ao ver o social e o espacial como inseparáveis. Para afirmar sua posição de um espaço não estático, a autora recusa o conceito de espaço/tempo de Ernesto Laclau (1990), que considera o espaço como uma forma de representação, uma tentativa de enclausuramento para constituir a sociedade. Sendo assim, “se a organização espacial faz a diferença em como a sociedade funciona e como ela muda, então, longe de ser o terreno do estático, o espaço e o espacial são também envolvidos (*contra* Lacau) na produção da história – e assim, potencialmente, na política” (MASSEY, 2009, p. 254)²⁵.

O espaço, portanto, constitui-se elemento essencial para as condições sócio-político-econômicas de uma rede social: como o território, subsiste através dos ajustes realizados pelo espaço. Apesar disso, não é apenas o conceito espacial que carrega o pressuposto da estabilidade: acredita-se, também, na natureza imóvel do conceito de “lugar”. Na concepção de Doreen Massey, o lugar atrela-se às interações sociais e não necessariamente assimila as fronteiras territoriais. Além disso, assegurando a relevância dessas interpretações para o que se compreende como “lugar”, a autora rejeita o pressuposto de que o lugar possui identidades singulares, identificando elementos essenciais como não definição fundamental de lugar:

Primeiramente, ele não é absolutamente estático. Se lugares podem ser conceituados em termos das interações sociais que eles unem, então é também o caso de que essas interações por si mesmas não são coisas imóveis, congeladas no tempo. Eles são processos. [...]

Segundo, os lugares não têm que ter limites no sentido de divisões que estruturam simples cercados. As ‘fronteiras’ podem certamente serem necessárias, para os propósitos de certos tipos de estudos, por exemplo, mas elas não são necessárias para a conceituação do lugar em si. A definição nesse sentido não tem que ser através da simples réplica com o exterior [...]

Terceiro, os espaços claramente não tem uma só, única ‘identidades’; eles estão cheios de conflitos internos. [...]

²⁵ “if spatial organization makes a difference to how society works and how it changes, then, far from being the realm of stasis, space and the spatial are also implicated (*contra* Lacau) in the production of history – and thus, potentially, in politics” (Tradução nossa).

Quarto, e último, nenhuma dessas [definições] negam o lugar nem a importância da unicidade do lugar. A especificidade do lugar é continuamente reproduzida, mas ela não é uma especificidade que resulta de uma longa, internalizada história. [a especificidade do lugar na globalização] deriva do fato de que cada lugar é o foco de uma mistura distinta de relações sociais mais amplas e mais locais (MASSEY, 2009, p. 155)²⁶.

Desse modo, o lugar, na visão de Massey, é um conjunto de dados que envolvem, desde suas características geográficas e territoriais, até seus processos sócio-relacionais. O aspecto contínuo-reprodutor da particularidade do lugar demonstra sua independência quanto à história. Tal pensamento permite-nos compreender que, assim como o espaço, o lugar distingue-se da crença de não fluidez. Assim, espaço e lugar são percebidos como o tempo: móvel e fugaz. Posteriormente, discutiremos sobre a concepção espaço/tempo, apresentada por Massey. Entretanto, já podemos afirmar que o olhar exposto, até o momento, pela geógrafa é de extrema importância para a realização de uma leitura crítica dos textos literários produzidos sobre a diáspora, na medida em que os conceitos de espaço e lugar implicam uma mobilidade, algo que subsidia as narrativas de Morrison e Evaristo, além de interferirem na concepção temporal, no diálogo entre o passado e presente, remetendo a lembranças, à memória.

Maurice Halbwachs, em sua obra *A memória coletiva* (1968), elucida sobre a coesão entre espaço e lugar (que para o autor são sinônimos) e memória. De fato, embora os dois conceitos estabeleçam uma interdependência, o lugar se institui dos esquemas estruturantes e complexos da dinâmica social desenvolvida sob os diversos espaços. A leitura do sociólogo tem por base o pensamento na alteridade: a memória coletiva pode ser identificada porque o ser humano é, irremediavelmente, alguém por decorrência da conjuntura com os outros. Desse ponto de referência, Halbwachs compreende o universal. Isso, entretanto, não nega a memória individual, ao contrário, somente a afirma: por meio da interação com o outro no espaço (chamado por Halbwachs de “ambiente material”), como fundo memorial, surge a lembrança:

O espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível

²⁶ “First of all, it is absolutely not static. If places can be conceptualized in terms of the social interactions which they tie together, then it is also the case that these interactions themselves are not motionless things, frozen in time. They are processes. [...] Second, places do not have to have boundaries in the sense of divisions which frame simple enclosures. ‘Boundaries’ may of course be necessary, for the purposes of certain types of studies for instance, but they are not necessary for the conceptualization of place itself. Definition in this sense does not have to be through simple counter position to the outside [...] Third, clearly spaces do not have single, unique ‘identities’; they are full of internal conflicts. [...] Fourth, and finally, none of this denies place nor the importance of the uniqueness of place. The specificity of place is continually reproduced, but it is not a specificity which results from some long, internalized history. [the specificity of place in globalization] derives from the fact that each place is the focus of a distinct mixture of wider and more local social relations” (Tradução nossa).

retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos [...] que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça [...] não há um grupo [...] que não tenha alguma relação com o lugar – ou seja, com uma parte do espaço – mas diremos também que isso está longe de ser o suficiente para explicar que, representando a imagem do lugar, sejamos levados a pensar em tal ação do grupo que lhe esteve associado (HALBWACHS, 2010, p. 170-171).

Mas a memória somente se constrói porque entre o eu e o outro, na multiplicidade territorial, há a experiência individual, a personalidade, “em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história” (HALBWACHS, 2010, p. 57). Deve-se ressaltar, porém, neste trabalho, que os variados espaços, embora representem cada qual uma “ordem nova” (se considerarmos as referências temporais), são congruentes.

Encontra-se, no trabalho de Haesbaert, a relação entre os limites territoriais – as fronteiras, com o conceito de território. Devido ao fato de estar ligado a uma noção estática de espacialidade, o território, uma vez visto em seu sentido relacional,

não implica uma leitura simplista de espaço como enraizamento, estabilidade, delimitação e/ou “fronteira”. [...] por ser relacional, o território é também movimento, fluidez, interconexão – em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade (HAESBAERT, 2009, p. 82).

Os conceitos *território*, *espaço* e *lugar* compartilham em suas definições a característica da mobilidade relacional. Podemos concluir, assim, a subsistência de uma dependência entre os elementos de âmbito geográfico-relacionais com os seres humanos, que influem nesses ambientes através da expressão e das ações que os seus corpos os permitem agir.

Para Linda McDowell, o corpo é maleável,

o corpo não é entendido como uma entidade fixa, mas é, em vez disso, visto como uma plasticidade ou maleabilidade o que significa que ele pode tomar diferentes formas e formatos em diferentes tempos, e assim, também tem uma geografia (2007, p. 39)²⁷.

Entendendo-se por maleável o que é facilmente influenciado, treinado ou controlado²⁸, entre as diferentes formas em contextos temporais variáveis em que o corpo pode ser “moldado”, destacamos o controle do poder como base na formação social entre os

²⁷ “the body is not taken for granted as a fixed entity but is instead seen as having a plasticity or malleability which means that it can take different forms and shapes at different times, and so also have a geography” (Tradução nossa).

²⁸ Malleable. Cambridge Advanced Learner’s Dictionary. Third edition. (CD-R)

indivíduos. Haesbaert argumenta que o poder não pode se restringir a uma leitura materialista, uma vez que ele envolve não apenas relações sociais concretas, mas também as representações que elas veiculam e produzem: “não há como separar o poder político num sentido mais estrito e o poder simbólico” (2009, p. 93).

A partir da observação de Haesbaert, concluímos que o espaço social se constitui por princípios de distribuição dos papéis sociais. Essa classificação propõe diferenciações quanto ao poder político e, conseqüentemente, simbólico usufruído pelos sujeitos no processo de integração social. Pierre Bourdieu, na obra *O poder simbólico* (1989), usa o termo “agentes” ou “grupos de agentes” para se referir aos indivíduos que se dispõem em determinados “arranjos” (classe social, grupos étnicos), como resultado do posicionamento que eles ocupam em determinado espaço. Bourdieu enfatiza que essas disposições podem variar de acordo com os diversos espaços, de forma que o espaço caracteriza-se por uma propriedade multidimensional, diferindo-se das propostas marxistas que privilegiam o relacional em detrimento das movimentações econômicas:

A teoria mais acentuadamente objectivista tem de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção da visão desse mundo e, assim, para a própria construção desse mundo, por meio do *trabalho de representação* (em todos os sentidos do termo) que continuamente realizam para imporem a sua visão do mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, a visão da sua identidade social. A percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação social: do lado <<objetivo>>, ela está socialmente estruturada porque as autoridades ligadas aos agentes ou às instituições não se oferecem à percepção de maneira independente, mas em combinações de probabilidade muito desigual [...]; do lado <<subjetivo>>, ela está estruturada porque os esquemas de percepção e de apreciação susceptíveis de serem utilizados no momento considerado, e sobretudo os que estão sedimentados na linguagem, são produto das lutas simbólicas anteriores e exprimem, de forma mais ou menos transformada, o estado das relações de força simbólicas [...] os objetos do mundo social podem ser percebidos e enunciados de diferentes maneiras porque, como os objetos do mundo natural, eles comportam sempre uma parte de indeterminação e de vago [...] e também porque, enquanto objectos históricos, estão sujeitos a variações no tempo (BOURDIEU, 2007, p. 139-140).

Vemos, assim, que a esfera social é permeada por imbricações representativas. Essas representações interferem diretamente no campo social conferindo uma ideia (visão) construída por um grupo particular. A classificação social é estabelecida politicamente (objetivamente) e simbolicamente (subjetivamente), instituindo a visão não apenas da classe (através de seus interesses), mas também de indivíduos específicos da classe (transfigurando as ideologias por meio do posicionamento social). Se o território se define pelas formas concretizadas pelo espaço, e se espaço caracteriza-se pela multiplicidade relacional, ambos configuram a dialética social e, por conseguinte, interferem na representação simbólica de cada grupo e indivíduo. E, sendo o lugar o conceito que “representa o Ser” (MASSEY, 2009,

p. 9)²⁹, a proposta teórica de Bourdieu contribui, neste trabalho, para a conscientização da posição ocupada pelo negro na estrutura social brasileira (do século XIX e atualmente) e estadunidense (do século XVII até a contemporaneidade).

Embora essas questões renovem nossa maneira de pensar, como exatamente esse debate pode contribuir para a análise literária dos textos de Evaristo e Morrison? Sabe-se que as conquistas dos negros relativas ao campo da cidadania foram tardias. Na realidade, podemos afirmar que a busca por esse “lugar” na sociedade permanece em continuidade. As narrativas colocam o leitor no território da pós-abolição da escravatura, no Brasil, e da escravidão, na sociedade estadunidense. Como *território*, *espaço* e *lugar* não se caracterizam como “coisa”³⁰, mas sim como relação, proporemos uma leitura literária sobre os aspectos que compõem o caráter maleável da mulher negra em diáspora. Em que medida pode-se abarcar o controle e a influência do poder político do branco sobre o negro, no período colonial? De que forma pode-se analisar esse poder político em conjunto ao poder simbólico? Será que “a exclusão social que tende a dissolver os laços territoriais acaba em vários momentos tendo o efeito contrário” (HAESBAERT, 2009, p. 92), nas obras de Evaristo e Morrison?

Nossos questionamentos, entretanto, não param por aqui: há mais elementos para unirmos ao debate. Observaremos as relações geográficas simbólico-relacionais, não apenas pelo ponto de vista entre dominador (branco/negro) e dominado (negro), mas também na interação entre dominante (sociedade) e dominado (negro). Para dialogar com a marcante mobilidade e fluidez do *território*, do *espaço* e do *lugar*, incluiremos a noção do tempo, reconhecido por sua sucessão e continuidade. Massey discute a concepção do tempo em contraposição à ideia de espaço, levantando as controvérsias sobre as formas de dualismo dicotômico que esses conceitos resultam sob a questão do gênero:

Por várias vezes, o tempo é definido, por exemplo, como mudança, movimento, história, dinamismo; enquanto espaço, pouco satisfatório para comparação, é simplesmente a ausência desses elementos. Há dois aspectos para isso. Primeiro, esse tipo de definição resulta na significação de que é o tempo, e as características associadas com o tempo, que são os constituintes primários de ambos, espaço e tempo; o tempo é o ponto nodal, o significante privilegiado. E segundo, esse tipo de definição resulta na significação de que o espaço é definido pela ausência, pela falta. [...] na atual cultura ocidental, ou em algumas de suas teorias, a mulher também é definida em termos de carência [...] Com o tempo estão aliados História, Progresso, Civilização, Ciência, Política e Razão [...] Com o espaço, por outro lado, estão aliados os outros pólos desses conceitos: “stasis”, (‘simples’) reprodução, nostalgia, emoção, estética, o corpo [...] onde o tempo é dinamismo, deslocamento e História, e o espaço é estático, o espaço é codificado feminino e denegrido. Mas onde espaço é

²⁹ “represents Being” (Tradução nossa).

³⁰ Mencionando Haesbaert.

caos (que você pensaria que fosse bastante diferente de estase; mais próximo a deslocamento), então o tempo é Ordem... e o espaço é *ainda* codificado feminino, somente no contexto interpretado como ameaçador (MASSEY, 2009, p. 256-258) ³¹.

Quando partirmos para a análise desses pensamentos em conjunto com os acontecimentos e os eventos narrados, em *Ponciá Vicêncio* (2003) e *A Mercy* (2008), observaremos de que maneira o sujeito feminino da diáspora enquadra-se dentro da crença ocidental de que a mulher, como o espaço, é a falta, a ausência, a desordem e o caos. Entretanto, para isso, é preciso discernir os contextos que figuram o espaço como significante que carece de alguma coisa ou alguém; como eles influem na vida das protagonistas e na relação entre estas e os demais personagens. Antecipamos que essa visão intersticial do sujeito feminino com o espaço pode ser identificada nas narrativas enfocadas neste trabalho, em que o sujeito feminino pode tanto representar o espaço quanto significar o tempo. Ao deixar as emoções “dominarem” seu corpo, a mulher torna-se sinônimo de ameaça, “caos”, desordem, estagnando-se ou exteriorizando a revolta, a violência, a loucura. Entretanto, embora, na cultura ocidental, a mulher não seja igualada ao tempo, pode-se dizer que, nas obras, esse modelo é encontrado, por exemplo, quando a mulher sobressai pelo seu “dinamismo”, deslocando-se em busca de seus objetivos, à procura de seu “progresso”, fazendo uso da “razão”. O desfecho dessa habilidade espaço-temporal da mulher negra em diáspora é a grande questão da análise do seu “lugar” na sociedade vigente.

A existência concomitante desses diversos espaços geográficos constituídos por símbolos resultantes de aspectos relacionais em que o sujeito feminino diaspórico passa, marca sua experiência de vida, determinando o lugar do indivíduo. O protótipo do espaço como a ausência define um lugar insuficiente. O sujeito da diáspora vive a territorialização a partir dos múltiplos territórios em que vive, ou seja, das *multiterritorialidades*. Pensando na contemporaneidade, a geógrafa Massey busca um sentido globalizado do lugar. Dessa forma, podemos usar essa proposta no contexto da diáspora, voltando nosso olhar para o caráter transnacionalista da diáspora. De que maneira poderíamos comparar um determinado lugar do negro, repleto por vivências difíceis e, em geral, negativas (por exemplo, o lugar excludente

³¹ “Over and over again, time is defined by such things as change, movement, history, dynamism; while space, rather lamely by comparison, is simply the absence of these things. There are two aspects to this. First, this kind of definition means that it is time, and the characteristics associated with time, which are the primary constituents of both space and time; time is the nodal point, the privileged signifier. And second, this kind of definition means that space is defined by absence, by lack. [...] in current western culture, or in certain of its dominant theories, woman too is defined in terms of lack[...] With time are aligned History, Progress, Civilization, Science, Politics and Reason [...] With space on the other hand are aligned the other poles of these concepts: stasis, (‘simple’) reproduction, nostalgia, emotion, aesthetics, the body [...] where time is dynamism, dislocation and History, and space is stasis, space is coded female and denigrated. But where space is chaos (which you would think was quite different from stasis; more indeed like dislocation), then time is Order... and space is *still* coded female, only in this context interpreted as threatening” (Tradução nossa).

ou o “não-lugar” da personagem Ponciá da obra de Evaristo) com outros lugares (por exemplo, o lugar “deficiente”/ “carente” da personagem de Florens da obra de Morrison)? A escrita de Evaristo com a escrita de Morrison?

É o sentido de lugar, o entendimento do ‘seu caráter’, que pode somente ser construído vinculando aquele lugar a lugares além. Um sentido progressivo de lugar reconheceria isso, sem ser ameaçado pelo mesmo. O que nós precisamos, me parece, é um sentido global do local, um global sentido do lugar (MASSEY, 2009, p. 155)³².

Quando, no início deste capítulo, vimos que a escrita de Evaristo constitui-se como uma forma de resistência, de fazer “a literatura buscar modos de enunciação positivos na descrição” (PEREIRA, 2010, p. 134) do corpo do negro, foi observado na escritora o desejo de encontrar um novo lugar do Ser negro. Esse desejo, porém, parece estar somente na mente da autora, mas não na “tinta” de suas mãos, uma vez que, em *Ponciá Vicêncio* (2003), a protagonista da obra termina louca, chorando, rindo, resmungando, sem controle de si própria. O lugar da mulher na loucura não nos parece ser um modo de enunciação *positivo*, ao contrário, incide com estereótipos como negro “preguiçoso”, “infantilizado”, “maluco”.

A relação tempo/espaço nos proporciona uma abertura às questões de gênero. Massey afirma sua posição a favor da colocação desses dois conceitos em tensão, argumentando que “o fato é que espaço e tempo estão inextricavelmente entrelaçados.” (MASSEY, 2009, p. 261).³³ Os conceitos de espaço e tempo perpassam-se reciprocamente, assim como o conceito de território perpassa o conceito de espaço (na medida em que o território é “moldado” pela materialidade do espaço nas relações sociais), e as noções de território e espaço estão atreladas à definição de lugar (que envolve tanto os limites territoriais das “fronteiras” quanto os espaços identitários, sendo processos de interações sociais). Nosso próximo passo é relacionar estes termos à ideia de “home”, objetivando explicar a extensão dessa concepção e justificando nossa escolha pela não tradução desse termo.

Inicialmente, a primeira noção de “home” surge da sua relação com o ambiente familiar, ou seja, dos espaços de residência, casa, lar. Para o teórico Gaston Bachelard, a residência e o lar são o elemento chave no desenvolvimento do sentido das pessoas se verem como pertencentes a um lugar. Consideram-se, dessa maneira, o lar e o corpo como depositórios da memória. Além disso, o lar é considerado o primeiro mundo do indivíduo, o

³² “It is a sense of place, an understanding of ‘its character’, which can only be constructed by linking that place to places beyond. A progressive sense of place would recognize that, without being threatened by it. What we need, it seems to me, is a global sense of the local, a global sense of place” (Tradução nossa).

³³ “the point is that space and time are inextricably interwoven” (Tradução nossa).

lugar onde o ser humano está em segurança, acolhido, protegido; o lugar que serve como “abrigo” ao sujeito:

A casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos [...] Todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa [...] o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo [...] Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova [...] memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial [...] Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção. Algo fechado deve guardas as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa (BACHELARD, 1996, p. 24-26).

Pode-se observar a simbologia de “home” quando Bachelard afirma sobre as contínuas experiências das “diversas moradas de nossa vida”. O uso da palavra “moradas” no plural adverte-nos sobre a existência múltipla de espaços referentes a algo concreto: a casa. Na visão de Bachelard, a casa é vivenciada de diversas maneiras, e os “sonhos”³⁴ reiteram a vida dos acontecimentos passados. O aspecto temporal é essencial nos “espaços da residência”, pois permite o entrelaçamento do passado com o presente. Bhabha (2010, p. 35) afirma a conexão entre os espaços privado e público, o tempo, a psique e as interações sociais:

Privado e público, passado e presente, o psíquico e o social desenvolvem uma intimidade intersticial. É uma intimidade que questiona as divisões binárias através das quais essas esferas da experiência social são frequentemente opostas espacialmente. Essas esferas da vida são ligadas através de uma temporalidade intervalar que toma a medida de habitar em casa, ao mesmo tempo em que produz uma imagem do mundo da história. Este é o momento de distância estética que dá à narrativa uma dupla face que, como o sujeito sul-africano de cor, representa um hibridismo, uma diferença “interior”, um sujeito que habita a borda de uma realidade “intervalar”. E na inscrição dessa existência fronteira habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que cria a “imagem” discursiva na encruzilhada entre história e literatura, unindo a casa e o mundo.

Espaço, lugar, território e tempo, portanto, estão intercalados, e a habitação (a “casa”) reflete a imagem do “mundo da história”, ou seja, a história. Como Bhabha reforça, o sujeito da diáspora diferencia-se por habitar “a borda de uma realidade ‘intervalar’”. É exatamente essa questão espaço-temporal que observaremos nos *espaços* das “casas” presentes nas obras de Evaristo e Morrison: como esses ambientes dão lugar a múltiplos *espaços* (com o retorno a lembranças e acontecimentos passados); e, mais intrigante, a maneira como eles influem na

³⁴ Entendemos os “sonhos” em Bachelard como as expectativas do indivíduo em relação à sua vida. E não apenas como aventuras imaginativas sem um sentido maior. Vemos os “sonhos” como o lugar da recordação (in)voluntária e dos questionamentos do presente em relação a um possível futuro.

condição psíquica das personagens, contribuindo para um determinado “lugar”, preenchendo o “home” do sujeito feminino da diáspora. Nosso objetivo é desvendar essa “distância estética” e mostrar a “dupla face” da narrativa da diáspora negra (o navegar entre história e literatura), essa diferença híbrida e “interior”. A esse “interior”, entendemos a problemática das “casas”, da moradia do sujeito da diáspora, que é um indivíduo multiterritorializado.

A geógrafa Theano S. Terkenli, no artigo “Home as a region”, discute o conceito “home” em diálogo com “região”.³⁵ Entretanto, na tentativa de definir “home”, não foge aos termos de espaço e lugar. Ao contrário, é possível afirmar que o conceito de território também está presente na linha de pensamento da estudiosa, quando, por exemplo, afirma que “os humanos ocupam o espaço e usam os símbolos para transformá-lo em lugar. São criaturas de hábito que apropriam o lugar e o contexto como ‘home’” (TERKENLI, 1995, p. 325)³⁶. Se a existência do lugar resulta da ocupação do espaço e do uso de simbologias que “representam” e/ou qualificam esse espaço, e o território é uma relação social moldada pela materialidade do espaço, podemos afirmar que lugar e território possuem um papel equivalente na vida dos indivíduos.

Compreende-se, dessa maneira, a extensão do valor social para os indivíduos, incluindo, certamente, a ideia de “home” como “espaços de residência”. Para a antropologista francesa Joelle Bahloul (1992, p. 129), “o espaço doméstico é ‘a representação material do social’ e ‘a reprodução social é atingida através da perpetuação da ordem social representada no habitat’” (apud MCDOWELL, 2007, p. 72)³⁷. Em sua obra *Gender, identity and place* (1999), Mcdowell argumenta que, durante o século XIX, na Inglaterra e em outras sociedades ocidentais europeias, o termo “home” foi construído em oposição ao desenvolvimento da economia capitalista:

Trabalhos domésticos e assistência à criança eram vistos como função ‘sagrada’ das mulheres, estes e o ‘senhor’ da casa sendo protegidos nessa espera do severo mundo competitivo do capitalismo. O lar se tornou um centro idealizado da vida emocional,

³⁵ Embora o conceito de região não seja abordado nesse trabalho, podemos dizer que a importância de entender “home” como região se deve ao fato de a “região” incorporar as dimensões espaciais, sendo vista, assim como propõe Rogério Haesbaert, na obra “Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea” (2010), como um artefato, na perspectiva científicista, mas também como categoria prática, considerando as experiências dos sujeitos os quais ocupam os espaços regionais, ou seja, a atuação dos diferentes atores sociais nas dinâmicas de fragmentação e articulação regional. A região é vista tanto como um produto quanto como produtora dos processos de diferenciação espacial (HAESBAERT, 2010, p. 110). Segundo Haesbaert (2010, p. 117), qualquer análise regional que pretenda consistente deve levar em conta tanto o campo da produção material quanto o das representações e símbolos, ideais, tanto a dimensão da funcionalidade (político-econômica) quanto do vivido (subjetivo).

³⁶ “Humans occupy space and use symbols to transform it into place; they are creatures of habit Who appropriate place and context as home” (Tradução nossa).

³⁷ “Domestic space is ‘the material representation of the social’ and ‘social reproduction is achieved through the symbolic perpetuation of the social order represented in the habitat’” (Tradução nossa).

onde sentimentos que poderiam ser dissimulados em outro lugar eram reservados a duras rédeas. Então, o lar era construído como o lócus do amor, da emoção e da empatia, e os fardos da nutrição e do cuidado com outros eram colocados nos ombros das mulheres, que eram, entretanto, construídas como ‘anjos’ em vez de trabalhadoras. O lar também se tornou um símbolo de status do valor de um homem. (McDOWELL, 2007, p. 75-76)³⁸.

A partir de 1960, porém, a indústria provoca uma mudança gradativa no pensamento dos ingleses: o lar deixa de ser visto como um abrigo e começa-se a ser construído o argumento de que “home” era justamente o oposto, uma “gaiola ou uma armadilha, uma prisão” (GAVRON, 1968; OAKLEY, 1974 apud McDOWELL, 2007, p. 88)³⁹. Baseando-nos nessas divergentes visões, tentaremos encontrar o conceito de “home” para a mulher negra diaspórica: de que maneira a casa pode representar o lar, a proteção ou o encarceramento, ou pode transcender essas expectativas. Entretanto, o contexto das protagonistas não nos permitirá restringir o significado de “home” a lar ou casa, pois, se, por um lado, ele será utilizado como se expressou Bachelard, como “os espaços da residência”, no sentido de lugares/espacos/territórios em que se habita, por outro, a amplitude do termo “home” surge da contraposição com o seu oposto “nonhome”. Segundo Terkenli (1995, p. 331), “a construção de regiões “home” particulares parece seguir o mesmo modelo de ir e vir no tempo, assim como no espaço, a dialética relação entre criar um “home” e estendê-lo a um ‘nonhome’”⁴⁰. Em outras palavras, “home” e “nonhome” estão interligadas, sendo demarcadas através da síntese espaço/tempo. A noção de “nonhome” pode dialogar com a palavra inglesa “homelessness”, que é a condição de estar sem moradia. Essas questões em torno do significado de “home” estão sendo levantadas no debate acadêmico:

O significado de home, a natureza da casa e as consequências de seres sem moradia ao longo do espaço e do tempo nas diferentes sociedades e regiões são agora áreas crescentes de investigação interdisciplinar. E apesar da casa e de “home” ser uma das localizações espaciais mais fortemente gendradas, é importante não levar as associações como algo certo, para não vê-las como permanentes e inalteráveis (McDOWELL, 2007, p. 93)⁴¹.

³⁸ Housework and childcare in particular were seen as women’s ‘sacred’ duty, they and the ‘master’ of the house being protected in this sphere from the harsh competitive world of capitalism. The home became an idealized centre for emotional life, where feelings that might be disguised elsewhere were allowed full rein. Thus the home was constructed as the locus of love, emotion and empathy, and the burdens of nurturing and caring for others were placed on the shoulders of women, who were, however, constructed as ‘angels’ rather than workers. The home also became a status symbol of a man’s worth” (Tradução nossa).

³⁹ “cage or a trap, a prison” (Tradução nossa).

⁴⁰ “The construction of personal home regions seems to follow the same pattern of ebb and flow in time as it does in space, the dialectical relationship between creating a home and extending into the nonhome” (Tradução nossa).

⁴¹ The meaning of home, the nature of a house and the consequences of homelessness across space and time in different societies and regions are now growing areas of cross-disciplinary investigation. And although the house and the home is one of the most strongly gendered spatial locations, it is important not to take the associations for granted, nor to see them as permanent and unchanging (Tradução nossa).

Portanto, se nós leitoras não vemos a casa, o lar como imutáveis, estamos considerando a existência de um significado maior para “home”. Além disso, deve-se ressaltar que, assim como o espaço e o tempo, “home” também é fluidez e mobilidade, quando McDowell analisa as relações entre os gêneros. Em *At home in diaspora*, a noção de “home” é trabalhada a partir da escrita de escritores da diáspora. Para Michelle Cliff, os afroamericanos nunca foram completamente aceitos como americanos nos Estados Unidos da América: “Então, como cada escritor diaspórico rejeita, ou é rejeitado por um “home” ou um país de origem, assim também, eles sentem que um país adotado nunca irá ser ‘home’” (WATERS, 2005, p. xxiv)⁴². Nessa citação, nota-se claramente a dimensão do termo “home”, que não se restringe a casa, lar, país, nem mesmo nação.

Essa descompressão do termo “home” alerta-nos para o fato de que a experiência é individual. Dessa maneira, a criação de um “home” surge da composição de muitos “atos, pensamentos, e sentimentos, assim como espaços carregados de simbologias e relacionamentos, ocorre através da personalização de um contexto que é em parte escolhido voluntariamente e, em parte, imposto por circunstâncias externas” (TERKENLI, 1995, p. 331).⁴³ Nas obras de Evaristo e Morrison, encontramos o “home” supracitado. Cabe-nos observar de que maneira o grau de imposição externa influi no aspecto voluntário, e se este realmente existe.

Ao se deparar com a necessidade de abandonar o seu lar a fim de lutar contra a opressão e a pobreza, a escritora negra feminista bell hooks, no artigo “Homeplace: a site of resistance” (1991), conceitua “home” a partir de sua própria experiência. Para ela, “home” possui múltiplas formas, podendo ser, simultaneamente, diversos lugares ou nenhum lugar. Essa ideia de existência e não existência, na realidade, apenas confirma a presença de um “home”, o qual abrange as definições de lar e casa, abarcando os múltiplos espaços de residência do sujeito. O pensamento de hooks, em verdade, dialoga com Haesbaert no seu conceito de “multiterritorialidade”. Haesbaert argumenta sobre a impossibilidade de uma desterritorialização em que os sujeitos deixam uma territorialidade tornando-se desterritorializados. Da mesma forma, “home” não constitui somente a casa ou o lar, mas os múltiplos espaços de residência vivenciados pelo ser humano:

⁴² “Thus, as each diasporic writer rejects, or is rejected by, a home or country of origin, so too, do they feel that an adopted country will never be “home”” (Tradução nossa).

⁴³ “[...] acts, thoughts, and feelings as well as symbol-laden spaces and relationships occurs through the personalization of a context that is partly chosen voluntarily and partly imposed by external circumstances” (Tradução nossa).

O significado exato de “home” muda com a descolonização [...] Às vezes, “home” não é lugar algum. Às vezes, o indivíduo se depara somente com extremo isolamento e alienação. Então “home” não é mais do que só um lugar. São muitos locais. “Home” é aquele lugar que possibilita e promove perspectivas variadas e de contínuas mudanças, um lugar onde alguém descobre novas maneiras de ver a realidade, as fronteiras de diferença (HOOKS, 1991)⁴⁴.

Quando pensamos na escrita de autores da diáspora negra defendemos, portanto, essa noção adjunta de “home” como algo extenso, mas, ainda assim, em processo. Seguindo a linha de pensamento de Bhabha, pode-se afirmar que a escrita de autoria feminina de Evaristo e Morrison é o “home” encontrado pelas autoras para contestar uma “identidade primordial”, além de buscar uma especificidade social da mulher negra, partindo do individual para o coletivo, como afirma bell hooks. Assim, Bhabha vê o lugar do outro:

O lugar do Outro não deve ser representado, como às vezes sugere Fanon, como um ponto fenomenológico fixo oposto ao eu, que representa uma consciência culturalmente estrangeira. O Outro deve ser visto como a negação necessária de uma identidade primordial – cultural ou psíquica – que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade linguística, simbólica, histórica (BHABHA, 2010, p. 86).

Assim como bell hooks afirma na obra *Talking back* (1989), defendemos o pressuposto de que “devemos conceber a universidade como um lugar central para a luta revolucionária, um lugar onde nós podemos trabalhar para educar a consciência crítica”, e que para o fim da dominação, “deve haver uma transformação de ambos os lados” (HOOKS, 1989, p. 31-32)⁴⁵. Acreditamos, na realidade, na necessidade de transformação de todos os lados, para que o outro seja *visto* e para que a *invisibilidade* exista somente nas velhas rotas da história, para que se possa *acreditar* e *vivenciar* que o lugar onde se nasceu seja, de fato, o seu “home”.

Sintetizando, este trabalho consiste numa proposta interdisciplinar de reunir teorias que se fundamentam em hipóteses literárias, como as de Gilroy e Hall, assim como hipóteses da área da geografia, além de suposições feministas. É essencial concluirmos as definições que compõem a compreensão da problemática desenvolvida no capítulo seguinte: o lugar do negro nas narrativas coloniais de Evaristo e Morrison. Considera-se por território aquilo que é material assim como ideal, isto é, o território pode ser entendido no âmbito múltiplo: como

⁴⁴ “The very meaning of home changes with decolonization [...] At times, home is nowhere. At times one knows only extreme estrangement and alienation. Then home is no longer just one place. It is many locations. Home is that place which enables and promotes varied and ever-changing perspectives, a place where one discovers new ways of seeing reality, frontiers of difference” (Tradução nossa).

⁴⁵ “We must envision the university as a central site for revolutionary struggle, a site where we can work to educate for critical consciousness [...] there must be personal transformation on both sides” (Tradução nossa).

um espaço materializado em que relações de poder e controle sejam atuantes (visão político-econômica), e também no campo das relações afetivas (na esfera do simbólico).

O movimento e a instabilidade do território definido por Haesbaert assemelham-se à conceitualização de lugar, de Massey. O lugar não é pensado no sentido de divisões delimitadas, mas no sentido relacional, como um período em que se encadeiam acordos sociais específicos de um momento particular e único. Esse “ponto particular” é referente tanto ao tempo quanto ao espaço. Para McDowell, o lugar se constitui das relações sociais e espaciais. O espaço, portanto, é característica essencial de determinação relacional para a identificação do lugar; e os lugares, como as pessoas, são gendrados. Além disso, o espaço, segundo a concepção de Massey, dialoga com o tempo e pode ser considerado o “espelho” do território, implicando a multiplicidade da produção social. Se o espaço é conceituado como uma “coexistência simultânea de inter-relações sociais em todas as escalas geográficas, da intimidade do lar ao espaço amplo de conexões trans-globais, então o *lugar* pode ser e conceituado também” (MASSEY, 2009, p. 168)⁴⁶. Dessa maneira, esses conceitos são definidos intrinsecamente.

⁴⁶ “[...] simultaneous coexistence of social interrelations at all geographical scales, from the intimacy of the household to the wide space of transglobal connections, then *place* can be reconceptualized too” (Tradução nossa).

3 O INFLUXO DA MULTITERRITORIALIDADE NA CONSTRUÇÃO DO NEGRO: MOBILIDADE, CONTROLE E PODER

To be given dominion over another is a hard thing; to wrest dominion over another is a wrong thing; to give dominion of yourself to another is a wicked thing⁴⁷

A mercy – Tony Morrison

Cada era deve fazer novamente a tentativa de arrancar a tradição do conformismo que está prestes a engolfá-la. O Messias chega não apenas como redentor, mas como subjogador do Anticristo. Somente terá o dom de avivar a fagulha da esperança no passado o historiador que estiver firmemente convencido de que nem mesmo os mortos estarão a salvo do inimigo se este vencer

Walter Benjamin

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras

Pierre Bourdieu

Neste capítulo, será observada a maneira como os diferentes e múltiplos territórios vivenciados pelas personagens negras Ponciá Vicêncio e Florens (ou seja, as diversas multiterritorialidades) afirmam o diálogo de identidades díspares. Em outras palavras, atentaremos para o aspecto transnacionalista da diáspora, examinando como Evaristo e Morrison interagem ao representar na literatura os encontros oriundos dos desencontros dessas multiterritorialidades para suas personagens e, conseqüentemente para si mesmas como mulheres negras da América.

Em verdade, nosso intuito neste capítulo é analisar profundamente o valor dos múltiplos territórios para a mulher negra e compreender porque essas multiterritorialidades exemplificam um “não-lugar”⁴⁸ do negro nessas narrativas coloniais. Entretanto, para avaliarmos o multiterritorial, precisamos decompor os variados territórios presentes nas obras. Para isso, pretendemos delinear o território numa perspectiva relacional que integra tanto uma

⁴⁷ “Ganhar domínio sobre outra pessoa é uma tarefa árdua; impor domínio sobre outra pessoa é uma tarefa errada; dar o domínio de si mesmo para outra pessoa é uma atitude fracassada” (Tradução nossa).

⁴⁸ É importante ressaltar nesse momento, que, nesse trabalho, a expressão “não-lugar” não está sendo utilizada na proposição do antropólogo francês Marc Augé, em seu artigo “Não lugares” (1996). Augé considera como não-lugar o lugar flutuante do sujeito na contemporaneidade. O não-lugar é o lugar do anonimato, onde as transações e as interações acontecem de maneira impessoal (por exemplo, através de números de identificação). Nesse texto, vemos o “não-lugar” como um território, ou seja, um espaço relacional materializado (como na perspectiva de Haesbaert), um lugar não necessariamente de fronteiras e limites, mas um lugar cuja base está nas relações sociais (como Massey e McDowell proprõem), e em que este relacionamento não envolve/não acolhe o sujeito da diáspora negra.

dimensão político-econômica (o território como instrumento de poder), quanto uma dimensão simbólica.

É preciso lembrar que o conceito de território não pode ser dissociado do conceito de espaço: enquanto espaço permeia o território, ou seja, não há território sem espaço, abordamos os territórios em suas múltiplas relações de manifestação de poder, trabalhamos também com a extensão espacial da sociedade.

Justamente nesses espaços circundantes, marcados por fronteiras territoriais, definem-se os símbolos. Pierre Bourdieu (1989, p. 10) classifica-os como instrumentos da “integração social”, os quais estabelecem o consenso acerca do sentido do mundo social, reproduzindo a ordem social deliberada, uma vez que o poder simbólico surge da relação determinada entre os que exercem e impõem o poder e os que “aceitam” a “atribuição”⁴⁹. Com a presença influente de alguns agentes sociais, o sujeito da diáspora é levado a observar criticamente a concepção construída de uma visão extremista do seu posicionamento na esfera dos espaços sociais.

No primeiro capítulo vimos que, segundo William Safran (1991, p. 83-84 apud CLIFFORD, 1994, p. 304-305), os grupos diaspóricos são deslocados de um lugar de origem para no mínimo “dois lugares” “periféricos”. Isso comprova, portanto, o fato de que os povos da diáspora negra são condicionados a deixarem um território “original” (des-territorializarem) a fim de ocuparem outros territórios (re-territorializarem), vivenciando, assim, a multiterritorialidade.

Sabe-se que os negros da América originam-se de um continente diversificado etnicamente: a África. No ensaio “Pensando a diáspora”⁵⁰, Stuart Hall afirma que a identidade cultural caribenha se baseia na origem de diversos povos, ou seja, na questão histórica. Dessa forma, as pessoas que estão hoje no Caribe e em outros países não deveriam ver as suas nações como suas origens (como a terra natal *original*), mas deveriam, sim, se conscientizar de que pertencem originalmente a outro lugar:

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser ‘sagrada’, pois foi ‘violada’ – não vazia, mas esvaziada. *Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma*

⁴⁹ Usamos os termos “aceitam” e “atribuição” em aspas porque, de maneira comportamental, os grupos menos favorecidos quanto à posse do poder encontram-se, em geral, na posição de receber uma atribuição que, para Bourdieu, é ao mesmo tempo, imposta e acolhida. Em outras palavras, o exercício do poder é simultaneamente conferido e aprovado, podendo ser um processo inconsciente, mas de certa forma relacional, compartilhado.

⁵⁰ In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. (org.) Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas (HALL, 2009, p. 30)⁵¹.

Entendemos a afirmativa “todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar” não apenas como uma referência aos nossos antepassados, mas como uma garantia de uma origem ancestral. Nessa perspectiva, se consideramos lugar como espaço material demarcado, discordamos desse “lugar originário” herdado por nossos familiares ancestrais. Ao concordar com essa frase, aceitamos uma generalização: de que nós todos não pertencemos ao lugar em que estamos. Dessa maneira, pensando no termo “originalmente”, a nossa descendência ocupa em nossa vida uma posição maior do que a nossa terra natal. No âmbito da diáspora negra, acreditamos no compartilhamento de uma consciência pluriescalar de um “outro lugar” que, de alguma forma, constitui uma “continuidade com os nossos passados”, nossos antepassados.

Assim, o posicionamento de Hall faz com que nós leitores sejamos instigados a não esquecer e ignorar fatos históricos caracterizados pela conquista, pela exploração e pela escravidão. Hall – e assim também enxergamos o posicionamento político pessoal, profissional e literário de Evaristo e Morrison – escreve com o intuito de afirmar, em um ato constante de reafirmação, o caráter multiterritorial das origens de nossa sociedade. Assim, protesta não a favor de uma homogeneidade declarada, mas sim a favor da visibilidade de uma diversidade, do reconhecimento de outros “tipos de diferença que *localizam, situam e posicionam* o povo negro” (HALL, 2009, p. 328)⁵².

Outra definição considerada no primeiro capítulo de Safran sobre os grupos da diáspora é a crença de que estes grupos não são, e talvez nunca sejam, acolhidos e admitidos nos países em que se encontram (SAFRAN, 1991, 83-84 apud CLIFFORD, 1994, p. 304-305). O “não-abraçar” da sociedade para com o negro pode ser interpretado como uma característica diferencial do povo negro, qualidade que localiza, situa e posiciona os sujeitos da diáspora negra em um “não-lugar”, em uma “a-territorialidade” que deve ser pensada tanto no sentido material quanto no sentido simbólico. Veremos como essa definição de Safran se enquadra nas narrativas de *A Mercy* e *Ponciá Vicêncio* e refletiremos se a crença da não existência de um território na América para o povo negro se confirma nas obras.

Focaremos, a princípio, a representação do território nas obras de Evaristo e Morrison, apresentando fragmentos discursivos que exemplificam o enquadramento do território como algo material instituído nas relações de poder, permeando o controle de fluxos de recursos,

⁵¹ Grifo nosso.

⁵² Grifo nosso.

pessoas e bens. No âmbito material, importa-nos observar o domínio do acesso territorial bem como as relações de poder circundantes nos movimentos dos sujeitos ou “objetos”⁵³ da narrativa colonial. Logo, atentaremos para a simbologia territorial: na esfera do simbólico, deve-se pensar como o material é capaz de intervir nas emoções do sujeito da diáspora, permanecendo positivamente ou negativamente no psicológico das personagens.

O conceito de território neste trabalho não deve ser considerado como sinônimo de espaço territorial, mas sim como um constituinte que, além de material, é também um espaço (simbólico) de referência para a construção de identidades. Importa-nos privilegiar a relação intrínseca da sociedade com o território. Em outras palavras, o território usado como “objetos e ações, sinônimo de espaço humano” (SANTOS, 1994, p. 16 apud HAESBAERT, 2007, p. 59). Nessa perspectiva, o desenrolar dos temas aqui propostos nos levarão a conceituar o território como o espaço, simultaneamente conexo e múltiplo.

O material media a relação do indivíduo com a sociedade por interferir na sua interação com um objeto cuja acessibilidade pode ser variável. Pensando na situação material das classes mais favorecidas, pressupomos a obtenção de posses. O objeto dessas classes nobres, funda-se, portanto, pelo domínio territorial dos recursos naturais da terra e das pessoas que circundam a propriedade. A movimentação dos brancos e dos não-brancos, no período colonial, por exemplo, era controlada por aqueles que dispunham de poder: negros ou não. No contexto pós-abolicionista, porém, vemos a existência de uma liberdade “disfarçada” por um “direito” civil que, apesar de legalizada, não deixa de pertencer a (ou estar sob) um controle.

3.1 TERRITORIALIDADES EM *A MERCY*

Para que possamos declarar as multiterritorialidades do negro, é preciso, primeiramente, demonstrar as territorialidades dos sujeitos diaspóricos nas narrativas, pois estas abrangem tanto a materialidade do território, ou seja, o que o conceito traz de concreto, quanto os aspectos simbólicos arraigados à matéria ou não. Nesse item, trabalharemos com as territorialidades criadas em *A Mercy*. Continuemos, então, desenvolvendo a problemática do controle e do poder.

Não podemos assegurar se, para os brancos, por exemplo, ganhar o domínio sobre o outro foi uma atitude penosa, assim como não é possível fazer essa asserção em relação aos

⁵³ Embora tenhamos utilizado as aspas, o uso do termo objeto para o africano condiz com a realidade histórica do colonialismo, uma vez que os seres humanos negros faziam partilhavam de sistema de comercialização de base escravagista em que eles constituíam a base, como mercadoria.

negros que dominavam negros. Para o negro construído nas obras de Morrison e Evaristo, porém, veremos que esse poder é um misto de dor e esperança. Além disso, podemos alegar que a imposição do domínio sobre o outro como uma tarefa errada é algo a ser questionado. Essas reflexões surgem da leitura minuciosa das palavras da mãe de Florens, contidas na epígrafe deste capítulo, da obra *A Mercy*.

Sabe-se o contexto em que percorre a narrativa de *A Mercy* pela voz de uma escrava indígena, Lina. Lina, assim como a mãe de Florens, costumava alertar a personagem para a realidade dos não-brancos e escravos, no século XVII, nos Estados Unidos. Nesse período, a sociedade estadunidense está em formação, principiando-se o sistema escravagista. Na citação abaixo, vemos claramente a separação de dois mundos – o dos escravos e o da aristocracia. A fala de Lina aponta a impossibilidade de fusão desses dois mundos:

O começo começa com os sapatos. Quando criança eu não suporto ficar descalça e sempre peço por sapatos, os sapatos de qualquer um, mesmo nos dias mais quentes. “Minha mãe”⁵⁴, a “minha mãe”, franze a testa, nervosa para o que ela chama de minhas manias de donzela. Somente mulheres ruins usam salto alto. Sou perigosa, ela diz, e rebelde, mas ela cede e me deixa usar os sapatos velhos da casa da Senhora [...] O resultado disso, Lina diz, é que meus pés são inúteis, serão sempre macios demais para a vida e nunca terão as solas fortes, mais grossas que o couro, que a vida exige. Lina está certa. Florens, ela diz, *estamos em 1690. Quem mais hoje em dia tem mãos de escrava e pés de dama portuguesa?*⁵⁵ (MORRISON, 2009, p. 2)⁵⁶.

Nesse recordar o passado, pode-se observar que a insistência da personagem para com o uso dos sapatos, em verdade, expressa sua aflição para com o contato com a terra ou mesmo com o chão, no interior da mansão do fazendeiro D’Ortega, que a mantém como escrava. O sapato representa um objeto cuja função é não apenas proteger os pés das mulheres de poder, mas, sobretudo revelar o charme e o encanto daquele que pode usufruir desse bem material. A mãe de Florens e Lina desvenda o significado alegórico desse objeto a fim de tentar mostrar a distância da mulher negra para com essa propriedade, bem como a simbologia que existe por detrás dos sapatos.

Embora não seja uma ideia explícita na obra (lembrando que nossa leitura provém da análise literária em uma perspectiva interdisciplinar), os sapatos representam a característica

⁵⁴ Escolhemos utilizar as aspas como forma de destacar a interferência linguística usada por Morrison a partir da língua portuguesa e da língua espanhola.

⁵⁵ Grifo nosso.

⁵⁶ “The beginning begins with the shoes. When a child I am never able to abide being barefoot and always beg for shoes, anybody’s shoes, even on the hottest days. My mother, a minha mãe, is frowning, is angry at what she says are my prettify ways. Only bad women wear high heels. I am dangerous, she says, and wild but she relents and lets me wear the throwaway shoes from Senhora’s house, pointy-toe, one raised heel broke, the other worn and a buckle on top. As a result, Lina says, my feet are useless, will always be too tender for life and never have the strong soles, tougher than leather, that life requires. Lina is correct. Florens, she says, it’s 1690. Who else these days has the hands of a slave and the feet of a Portuguese lady?” (Tradução nossa).

relacional do território, uma vez que o debate envolvendo a utilização desse recurso material perpassa, não apenas o feixe de relações histórico-sociais da sociedade, mas também, e principalmente, a problemática entre espaço material (ou seja, materialidade do território) e processos sociais.

O acesso aos sapatos por Florens surge a partir do uso dos calçados inutilizados pela Senhora D'Ortega, e da permissão de sua mãe. Esta exerce o poder sobre sua filha, apesar de contrária ao comportamento da mesma, enquanto a Senhora D'Ortega não interfere nessa acessibilidade, pois seu posicionamento plana no social, seu poder é exercido naturalmente. Ao mesmo tempo em que é possível criticar a oposição da mãe, se interpretarmos essa atitude como cômoda, é também possível entender esse comportamento como uma reação forçosamente passiva ao domínio/controlado do branco. Florens, ainda criança, não tinha consciência da situação da mulher negra no período escravagista.

Veremos que o conceito de território e, portanto, territorialidade – fixar-se em um território, fazer-se pertencer a ele –, apresenta diferenças que expõem sua multiplicidade conceitual. O território, além de ser um instrumento de controle e de poder do espaço geográfico, isto é, da materialidade do território, vivifica sua dimensão, transformando a matéria em imagem, símbolo.

A escrava indígena Lina repreende a brandura dos pés da escrava negra Florens porque reconhece e vivencia a situação da mulher escrava na sociedade estadunidense. Lina adquiriu “solas fortes, mais grossas que o couro” porque a vida exigiu isso dela. Observa-se a similaridade da descrição dos pés daqueles que devem apoiá-los sobre a terra seca, poucas vezes úmida, outras vezes congelada, como o espaço geográfico do nordeste estadunidense. A aridez do território é proporcionalmente comparada à aspereza da vida da mulher escrava. As solas grossas dos pés podem ser interpretadas como a metáfora da vida da mulher de cor. Florens precisa enrijecer as solas de seus pés para que possa suportar os obstáculos que a vida lhe oferece. A ação de calçar sapatos simboliza o enganar-se a si mesmo.

Dessa forma, a materialidade do território dialoga com o social. Nessa relação, sociedade e espaço geográfico interagem; em outras palavras, na relação entre o homem e a matéria física surgem, conseqüentemente, significados, concepções sócio-culturais. A ideia introduzida pela anormalidade do uso dos sapatos situa a mulher negra em um lugar à margem. Esse objeto exprime uma acepção: a de que esse bem não compete a escravas; afinal, “tudo o que se encontra no entorno do homem é dotado de algum significado” (HAESBAERT, 2009, p. 70), e esse significado é uma construção sociocultural.

O território como instrumento de poder caracteriza-se como um recurso utilizado nas práticas sociais, influenciando a simbologia do conceito. Sendo essas práticas concretizadas por ações, pode-se afirmar que o território assemelha-se ao espaço geográfico, pois este também se configura pela ação. Assim, é a ação da sociedade para com o(s) objeto(s) que dá forma ao espaço. O negro, no período escravagista, é um objeto mercantil, e o território, um conjunto de mercadorias, pois no século XVII nos Estados Unidos seu valor material é realçado: é o Novo Mundo (o mundo de novos recursos). Vejamos, portanto, o valor da escrava negra Florens nesse contexto.

É relevante ressaltar que a personagem Florens não foi comprada pelo fazendeiro Jacob Vaark. Este, em uma viagem a negócios, ao tentar negociar a dívida do personagem D’Ortega - que há um mês havia perdido um terço da carga de escravos após seu navio ter ancorado uma milha náutica da costa -, recebeu como oferta um escravo, como parte do pagamento do débito. D’Ortega oferece o irmão, ainda bebê de Florens, mas a mãe de Florens oferece a filha:

Eu olhando, “minha mãe” escutando, o bebê dela no quadril. O Senhor [D’Ortega] não vai pagar a quantia toda que deve para o patrão [Vaark]. O patrão dizendo que aceita então a mulher e a menina, não o bebê menino, e a dívida acaba. A “minha mãe” implora que não. O bebê ainda é de peito. Leve a menina, ela diz, minha filha, ela diz. Eu. Eu. (MORRISON, 2009, p. 5)⁵⁷.

Essa narrativa exemplifica claramente o posicionamento do negro como objeto, mercadoria. O objeto Florens é forçadamente movimentado em direção à fazenda de Vaark. A recepção dessa criança negra em um novo território tem por base sócio-simbólica o mesmo acolhimento oferecido no território anteriormente habitado pela personagem. Esse processo de igualdade relacional, embora pareça reafirmar a funcionalidade estática do território, na realidade, confirma as instabilidades das ações sociais realizadas no espaço. A sociedade modula o espaço territorial ao agir sobre os “objetos”. Sucintamente, o território apesar de se caracterizar como um conjunto de terras agrupadas por limites e fronteiras, apresenta princípios de circulação de ideias, ou seja, movimentos reflexivos compartilhados.

Como podemos notar nesse ponto de nosso estudo, a personagem Florens habita dois territórios distintos: na fazenda de D’Ortega, inicialmente, em Maryland (uma vez que não há referências de uma vivência anterior), e na propriedade de Vaark, na colônia Virgínia. Florens seria uma escrava negra não apenas nesses, mas em qualquer território desse período. Até esse

⁵⁷ “Me watching, my mother listening, her baby boy on her hip. Senhor is not paying the whole amount He owes to Sir. Sir saying he will take instead the woman and the girl, not the baby boy and the debt is gone. A minha mãe begs no. Her baby boy is still at her breast. Take the girl, she says, my daughter, she says. Me. Me.” (Tradução nossa).

limiar da narrativa, podemos identificar a experiência de múltiplos territórios da personagem. Florens é obrigada a abandonar um território e re-territorializar, ou seja, adaptar-se a um novo território. Posteriormente, mostraremos outra tentativa derrotada de reterritorialização da personagem, acontecimento que confirma o “não-lugar” da mulher negra socialmente, reforçando o contexto multiterritorial da personagem em *A Mercy*.

O insucesso de Florens avigora a existência da multiterritorialidade, uma vez que esse conceito não foca o caráter múltiplo dos territórios como espaços geográficos. Ao contrário, olhamos atentamente para os mesmos a fim de descobrir a simbologia correspondente entre eles. Há, portanto, uma ambiguidade denotativa na expressão “múltiplos territórios”, que pode significar tanto as demarcações dos múltiplos espaços quanto a equivalência das referências identitárias compartilhadas entre os grupos.

Na citação sobre os sapatos, por exemplo, pode-se testemunhar a consciência análoga da escrava indígena Lina e da mãe de Florens através da postura realista dessas personagens diante das “manias de donzela”, não condizentes com o lugar da mulher negra na sociedade estadunidense. Embora a mãe de Florens e Lina não participe de um mesmo contexto territorial, há um diálogo identitário entre elas, na maneira como percebem e experienciam o espaço.

Outro aspecto que pode ser visualizado é que, apesar de Florens ter sido forçada a se desterritorializar e a reterritorializar em um ambiente em que, a princípio, ninguém entendia sua língua (o português) e vice-versa, e apesar do trauma imposto por sua mãe, Florens não perdeu sua personalidade: crescia com o mesmo anseio aos sapatos. A dor e a incompreensão de ser escolhida pela mãe para o afastamento não permitiu a Florens o reconhecimento do lugar da escrava negra naquela sociedade. Na opinião de Lina, Florens era a única escrava que, em 1690, almejava ter “pés de dama portuguesa”, ou seja, não conseguia enxergar a “sombra” de seu próprio “véu”⁵⁸, de ocupar um lugar diferente do branco.

Para Lina, Florens tinha entre sete e oito anos quando chegou à fazenda de Vaark, teria dezesseis no momento em que escreve e narra sua história. “Lina diz que pelo estado dos meus dentes eu talvez tivesse sete ou oito quando fui trazida para cá [...] Eu devo ter

⁵⁸ Em *As almas da Gente Negra* (1903), Du Bois trabalha a invisibilidade através da metáfora do véu. O mais influente líder político negro dos Estados Unidos, na primeira metade do século XX, narra a primeira vez em que a *sombra* o invade: na infância, quando, em uma pequena escola de madeira, os alunos compraram cartões de visita e trocaram entre si, “uma menina alta, recém-chegada, recusou meu cartão. Recusou-o peremptoriamente, com um olhar. Então me ocorreu, com uma certa urgência, que era diferente dos outros; ou talvez semelhante no coração, na vida e nos anseios, mas isolado do mundo deles por um imenso véu” (DU BOIS, 1999, p. 53).

dezesseis” (MORRISON, 2009, p. 3)⁵⁹. Aproximadamente com essa idade, Florens deixa Virgínia rumo ao oeste por ordem da esposa de Vaark, Rebekka, que se encontrava doente e precisava de ajuda. A personagem viaja em uma carroça até Hartkill, onde encontra algumas mulheres que estavam indo para o norte, a mando de um patrão que elas não acreditavam mais possuir o domínio sobre elas. Entretanto, esse patrão imanava seu controle sobre as mulheres. Ao dialogarem, Florens não é capaz de perceber a dominação e o poder impostos sobre essas mulheres.

Elas têm certeza de que os anos que devem terminaram, mas o patrão diz que não. Ele as manda para longe, para o Norte, para outro lugar, um curtume, para mais anos. Eu não entendo por que elas estão tristes. Todo mundo tem que trabalhar. Eu pergunto vocês estão deixando alguém querido para trás? As cabeças todas viram para mim e o vento para. Maluca, um homem diz. Uma mulher na minha frente diz: jovem. [...] Outra mulher levanta a voz e diz deixem ela em paz. [...] Uma mulher do meu lado cochicha, não tem caixão num curtume, só a morte rápida no ácido (MORRISON, 2009, p. 38)⁶⁰.

Florens é incapaz de decifrar o verdadeiro sentido da escravidão: estar sujeito à invisibilidade proposital – ao ato de assentir à ideia de encarceramento ignorando sua não necessidade –, daqueles que possuem o poder material e simbólico na sociedade (visto que o poder material garante status, ou seja, respeito admirável que assegura um posicionamento de importância aos olhos do outro), e, simultaneamente, visibilidade dos benefícios adquiridos do sistema de mercadoria de pessoas.

Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (1968), discute o comportamento dos sujeitos após uma mudança involuntária para outro ambiente material e afirma que a primeira reação é a da insegurança, como se não carregássemos parte de nosso eu conosco. Embora persista no indivíduo a dúvida em relação a si mesmo, essa sensação de precariedade pode permanecer em sua mente, mas não se institui em sua individualidade. É possível fazer essa afirmação devido à não mudança de conduta de Florens (em relação aos sapatos), nos dois territórios habitados pela personagem.

[...] quando algum acontecimento também obriga a que nos transportemos a um novo ambiente material, antes que a ele tenhamos nos adaptado, atravessamos um período de incerteza, como se houvéssemos deixado para trás toda a nossa

⁵⁹ “Lina says from the state of my teeth I am maybe seven or eight when I am brought here [...] I must be sixteen” (Tradução nossa).

⁶⁰ “They are certain their years of debt are over but the master says no. He sends them away, north, to another place, a tannery, for more years. I don’t understand why they are sad. Everybody has to work. I ask are you leaving someone dear behind? All heads turn toward me and the wind dies. Daft, a man says. A woman across from me says, young. [...] Another woman raises her voice to say leave her be. [...] The woman next to me whispers, there are no coffins in a tannery, only fast death in acid” (Tradução nossa).

personalidade: tanto isso é verdade, que as imagens habituais do mundo exterior são partes inseparáveis de nosso eu (HALBWACHS, 2011, p 157).

A grande problemática do pensamento e da crença irreal de Florens sobre o sistema escravagista e o lugar da mulher escrava está na sua imaturidade, na ausência de múltiplas experiências pessoais, e não exclusivamente em seus “pés de dama Portuguesa”, na sua personalidade. A sua conscientização é instituída quando ela transfere o “domínio de si mesma” para o seu amado (acontecimento que será discutido no item 3.3).

Podemos interpretar a inocência de Florens como um processo natural, pois a personagem se descreve (visto que narra sua própria história) como criança e, posteriormente, adolescente, por toda narrativa. Entretanto, essa ingenuidade parece ter sido cuidadosamente planejada por Morrison, na medida em que a pureza de Florens realça não apenas o controle e o poder territorial, mas também influencia o poder simbólico, a liberdade de pensamento da mulher escrava e negra.

3.2 TERRITORIALIDADES EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

Encontra-se em *Ponciá Vicêncio*, como em *A Mercy*, a inocência diante da realidade do negro. A ingenuidade da personagem Ponciá, porém, ao contrário de Florens, é desconfiada. Embora Ponciá compartilhe um imaginário semelhante ao de Florens, que vivencia a ilusão sob a realidade, Ponciá sonha e, ao mesmo, demonstra sua insatisfação, um conflito com a própria identidade. Essa característica da personagem expressa sua territorialidade e de que maneira o território como espaço concreto determina os símbolos de sua infância:

Em outros tempos, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. [...] Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia (EVARISTO, 2006, p. 19).

Evaristo descreve em Ponciá um desconforto que na vida adulta vem a florescer. Sabia que seu sobrenome refletia o poder do branco, entretanto também sentia um desconforto com seu primeiro nome. O fato de Ponciá não compreender a sua própria insatisfação com o primeiro nome que lhe deram demonstra um vestígio das relações simbólicas que o território carrega: seu sobrenome representa a imagem do antigo proprietário das terras e dos negros. O território da família de Ponciá é a imagem produzida da relação do homem branco com o homem negro na matéria:

O tempo passava [...] Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. [...] sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô [...] O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Porquê? *Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela?* (EVARISTO, 2006, p. 29)⁶¹.

O tempo passava, as gerações mudavam e permaneciam, em geral, naquele espaço material, fixos e inertes no mesmo território de seus antepassados. Essa é a interpretação literal que fazemos do trecho supracitado. Entretanto, esse território apresenta-se em contínuo movimento, pois os indivíduos mudaram: deixaram de ser escravos e passaram a viver uma vida similar, mas não idêntica. Uma vida de sacrifícios, mas não torturas físicas. Provavelmente, embora os tormentos psicológicos não tenham enrijecido, permaneceram, criaram forma: a forma de um desgosto pela não mudança, de uma dor aflitiva resultante de um desejo de viver uma história diferente.

Os atores desse cenário do território brasileiro rural estão em constante transformação, uma transformação individual e, de alguma maneira, também dividida coletivamente pela amargura e pelos anseios. Os negros delineiam a forma do espaço territorial levando a matéria ao interior de cada um e almejando moldá-la de acordo com seus sonhos. O sonho de recomeçar e recriar os moldes espaciais. É assim que Ponciá abandona esse território, o espaço familiar que, a princípio, na visão da personagem, estava hipnotizado, e logo retorna às suas origens (o campo), na busca de si mesma. A escrita poética de Evaristo cria aos ouvidos de nós leitores o eco do fonema “a”. A vogal tônica central repercute em nossos ouvidos como um chamado distante, vibratório de Ponciáááááá. Esse eco ressoava no seu íntimo, mesmo longe daquele território “amaldiçoado”⁶² pelo passado.

Em encontro pessoal com a escritora Conceição Evaristo, no XIV Seminário Nacional – V Seminário Internacional Mulher e Literatura⁶³, realizado na Universidade Federal de Brasília, em 2011, perguntamos sobre a procedência do nome Ponciá⁶⁴. A resposta foi: “intuição”. Não era a resposta desejada. Gostaríamos de ter ouvido que o nome tinha uma origem africana, de uma das histórias que a autora ouviu em sua infância. Assim poderíamos afirmar a existência de um desejo de retorno por uma África mítica na escrita de Evaristo.

⁶¹ Grifo nosso.

⁶² Utilizamos esse termo porque abandono territorial de Ponciá foi, na realidade, uma fuga, um pavor de repetir a história de seus antepassados.

⁶³ Esse evento, que reuniu grandes escritoras negras brasileiras e intelectuais do mundo, aconteceu entre os dias quatro e seis de agosto de 2011, na capital do Brasil – Brasília.

⁶⁴ Pesquisas em “sites” não confiáveis da internet mostram a origem do nome Ponciá como grego. Deve-se questionar, portanto, o interesse da autora por um nome cujo significado é ainda “desconhecido”.

Embora a autora não realize esse resgate a partir do nome de Ponciá, ela o faz na recorrência ao tradicionalismo, na herança musical trazida pelo pai de Ponciá. Em uma entrevista à revista *Raça*, Evaristo confirma este argumento:

[Raça Brasil] A senhora acredita na literatura como uma das formas de resgatar uma identidade perdida?

[Conceição Evaristo] Sim, acredito. Inclusive eu já ouvi críticas de estudiosos de literatura afrobrasileira que dizem que os nossos textos ainda estão ligados a uma África mítica. Eu acho que alguns textos ainda trazem muito essa memória do passado. Eu trago essa memória da ancestralidade, falo de África ainda, falo do pai de Ponciá, que voltava para casa cantando canções que ele havia aprendido ainda com o pai, na África. *Então, quando o negro tem necessidade de transitar por essa história que ficou tão lá atrás no passado, acho que isso mostra ainda uma certa falta de lugar numa sociedade que ainda nos exclui*⁶⁵.

Evaristo parece enquadrar a sua própria obra na padronização de textos que buscam um retorno à África. Logo, ao vincularmos o território, o espaço e a multiterritorialidade aos conceitos de lugar e “home”, comentaremos um pouco mais sobre a “falta de lugar” do negro na sociedade brasileira defendida por Evaristo. Não conseguimos enxergar, porém, esse posicionamento na obra “Ponciá Vicêncio”. Certamente identificamos na relação do pai de Ponciá com seu avô, Vô Vicêncio, uma tradição africana de ensinar aos filhos as canções aprendidas na África. O relembrar de um passado não evoca na narrativa a procura por uma tradição africana fechada a mudanças. Ao contrário, através da mãe de Ponciá, observamos o rompimento com o que é oferecido ao negro no momento em que ela permite que a filha aprenda a ler. A manutenção de um posicionamento tradicional subordinado à mulher negra espelharia o bloqueio ao progresso intelectual negro:

Por aqueles tempos, pelo interior andavam uns missionários. Um dia a notícia correu. Eles iriam demorar por ali e montariam uma escola. Quem quisesse aprender a ler, poderia ir. Ponciá Vicêncio obteve o consentimento da mãe. Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio [...] O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra (EVARISTO, 2006, p. 27-28).

Ponciá sabia que o “mistério” subsistia “além das águas”, além das águas do rio da roça, além das lembranças de sua mãe e de cada um dos que ali habitavam. Por isso, sua mãe autorizou-a aprender a ler, pois assim, talvez, ela pudesse avançar; dar um passo para além daquelas águas, além daquele “chão de barro batido” (EVARISTO, 2006, p. 27), e desbravar novos territórios, encontrando espaços mais democráticos, lícitos, ilimitados.

Embora não encontremos indícios de que a mãe de Ponciá, a princípio, tenha habitado múltiplos territórios, tanto ela quanto Ponciá compartilham uma multiterritorialidade, ou seja,

⁶⁵ Grifo nosso.

uma consciência de que a posição do negro, no contexto pós-abolicionista brasileiro, continuava amplamente restringido pelo poder de uma minoria étnica. A mãe de Ponciá reparte um conhecimento do mundo em múltiplas escalas e espaços sem, inicialmente, realizar sua travessia para as áreas urbanas.

No nosso ponto de vista, Conceição Evaristo não se apropria de uma memória do passado a fim de aceitá-la silenciosamente. A autora, na realidade, usa a passividade da população negra, principalmente através do comportamento dos mais velhos – os quais permanecem no meio rural (como veremos a seguir) –, para questionar o conformismo desta população que precisava reconstruir os múltiplos espaços habitados pelo negro, renovando os símbolos criados dentro da sociedade brasileira. Evaristo recorre ao passado para mostrar, a partir das novas gerações, que “cada era deve fazer novamente a tentativa de arrancar a tradição do conformismo que está prestes a engolfá-la” (usando as palavras de Benjamin citadas como epígrafe deste capítulo). Embora Ponciá soubesse que alguns negros não reterritorializaram na cidade como almejavam, a personagem é o exemplo de que é preciso tentar, novamente, destruir o sentimento e a atitude conformista do negro.

Não estamos desconsiderando a existência de uma inocência em Ponciá Vicêncio, em contraposição à personagem Florens. Em verdade, debatemos sobre o limiar dessa inocência. Apesar de Ponciá ser dotada de uma simplicidade que a faz perceber o território de sua família como algo que não avança, não desenvolve, e é carregado dos infortúnios passados, os quais interferem no agora e no amanhã dos negros ali presentes, essa simplicidade não contribui para a conscientização da personagem em torno dos obstáculos que circundam a vida dos negros nas cidades. Ponciá ouvia histórias de insucessos de negros que deixaram a roça para viverem na cidade, e ainda assim acreditava que sua história teria um final feliz:

Ponciá deixara a mãe triste, sozinha. Acabrunhada, ela reclamou da saudade que ia sentir da filha, quando a moça lhe falou da inesperada decisão de partir. Advertiu-lhe ainda do que seria o viver na cidade. Ponciá tentava consolar a mãe dizendo que um dia [...] todos seriam felizes.

Ponciá Vicêncio não entendia por que no povoado as pessoas temiam tanto a cidade. Algumas pessoas saíam e ficavam bem; entretanto, eles só lembravam, só repetiam os casos infelizes, as histórias de fracasso (EVARISTO, 2006, p. 36-37).

Ponciá é uma mulher negra livre que possui o controle sobre a sua própria mobilidade. Essa mobilidade não é um simples deslocamento territorial e espacial, mas um deslocamento pela busca de uma integração social mais justa e igualitária. O que cessa a busca da personagem é o controle subsistente do poder que media sua mobilidade. Ponciá aprendeu a ler e se surpreendeu ao chegar à cidade e ver que sua leitura somente lhe trazia tristezas, somente confirmava as injustiças que sentia ao respirar a terra daquele território:

Um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais e fez uma grande fogueira com tudo. De que valia ler? De que valia ter aprendido a ler? No tempo em que vivia na roça, pensava que, quando viesse para a cidade, a leitura lhe abriria meio mundo ou até o mundo inteiro. Agora nada lhe interessava mais nas notícias: o deputado podia morrer afogado na fossa, a mulher dele poderia dar trinta facadas nas costas do prefeito [...] pouca diferença faria (EVARISTO, 2006, p. 91).

O comportamento indiferente de Ponciá demonstra a desesperança do negro habitante da sociedade brasileira. A fogueira abre caminhos para a confirmação da existência de uma consciência “pluriescalar” vivenciada por meio das semelhanças impostas por múltiplos espaços e compartilhada com múltiplos indivíduos. Há na experiência coletiva do negro a certeza de uma vida dura e excludente, no campo, ou na cidade. A leitura não trouxe a Ponciá as expectativas do novo e particular negado a toda uma comunidade. Mesmo aqueles negros que não vivenciaram a reterritorialização na cidade encontravam motivos para que a ação não fosse positiva. A relação de poder espacialmente mediada impede a mudança de classe social da mulher negra, uma melhor condição de vida e, sobretudo, realizações de sonhos “sombrios”.

Não obstante, aparentemente, Ponciá compartilhe a mesma maneira fantasiosa de observar a vivência negra, de Florens, analisando cautelosamente a diferença temporal das obras e os fatos narrados em si, vemos que essa leitura merece uma atenção aprofundada. Enquanto Ponciá, uma mulher negra cuja travessia é espontânea, livre para o ir e vir, está no século XIX, em período pós-abolicionista, Florens, uma escrava negra submissa ao controle do branco, está no século XVII. Pensando na “compressão espaço-tempo” proposta por Massey, pode-se dizer que ambas estão submetidas às mediações espaciais do poder, cada qual em seu tempo, tanto num nível mais concreto e material quanto num nível mais simbólico e cultural.

Há uma relevante diferença entre ouvir dizer e vivenciar um fato: como Ponciá não viveu o poder material e simbólico que envolve os negros habitantes de cidades, não tem consciência disso. Pensar que sua tentativa de mudar de vida fracassaria seria aceitar o domínio material e, principalmente, simbólico imposto pelo território rural. Em outras palavras, enquanto Ponciá rebela-se contra a impossibilidade de melhoria de vida e crescimento do negro, Florens, ainda menina, vivencia o comércio de pessoas, a negociação de seu próprio eu. Essa experiência, a nosso ver, seria suficiente para que a personagem ao menos suspeitasse de uma conjuntura social injustamente dominadora e poderosa. Entretanto, Florens julga o comportamento da mãe, culpando-a por sua desterritorialização e confortando-se com a invisibilidade social.

Evaristo explicita na obra, através do silêncio de Ponciá e da sua incapacidade em confessar para a mãe seus planos, sua agonia, o desejo da personagem de não repetir a história dos seus:

Por que uma ida tão repentina, como um gesto de quase fuga? Ponciá não conseguiu explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus. Agora na cidade, sozinha, para onde deveria ir? O que deveria fazer? Já perdera muito tempo contemplando cada detalhe da fé externada naquela casa de Deus. Escutou o barulho de portas pesadas se movimentando. Era o sacristão que fechava a igreja. Confusa, saiu sem saber que rumo tomar (EVARISTO, 2006, p. 38-39).

Ponciá busca escapar do símbolo instituído (melhor dizendo, construído) no território rural, a ideia de que os negros vivem dentro de um padrão igualitário e imutável. A rejeição de Ponciá evidencia a característica móvel do território, na medida em que sua vontade de abandonar aquele território não é um fato isolado da personagem, senão também de outros sujeitos atuantes no processo de movimentação territorial. Ao migrarem para a cidade, esses negros e negras ratificam a mudança no sentido relacional do território: o território traduz-se pela ação, pelo movimento repetitivo de acontecimentos, sobre o qual é exercido o controle do espaço.

3.3 AS MOBILIDADES E A TRAVESSIA DO NEGRO EM *PONCIÁ VICÊNCIO* E *A MERCY*

Como em *Ponciá Vicêncio*, vemos em *A Mercy* a transformação das relações sociais ou socioespaciais, quando testemunhamos a insatisfação das mulheres que dividiam a carroça com Florens, e que sabiam que eram livres. Atentemo-nos para essas diferentes mobilidades: a mobilidade dessas mulheres que conversavam com Florens é integralmente controlada, assim como é a de Florens. Enquanto essas personagens são *sujeitadas* a iniciarem um movimento, o fluxo de Ponciá constitui-se por uma fusão da autonomia e da contingência.

Deve-se questionar, entretanto, o ato de submissão das mulheres e de Florens: embora seja obrigada a dar início à jornada em direção a oeste para salvar a vida da patroa Rebekka, Florens aceita o desafio não por compaixão à mulher branca, mas pelo interesse pessoal oferecido pela ação: o reencontro com seu amado. Assim, é possível afirmar que as mulheres, escravas inominadas, têm a consciência de estarem aprisionadas na mobilidade controlada dos territórios, enquanto Florens se encontra nos extremos da sociedade receptora.

No entanto, considerando o reconhecimento da simbologia sobre a qual reflete a aceção dos territórios e sua mobilidade, faz maior sentido afirmar o oposto: as mulheres cuja

identidade não é revelada representam outras escravas (não se sabe se negras). Acredita-se que Morrison não as tenha nomeado propositalmente, pois, dessa forma, a autora abrange a consciência multiterritorial das mulheres sujeitas a essa condição. A multiplicidade do território, nesse viés, baseia-se nos aspectos simbólicos correspondentes partilhados por diversos grupos de identidade não-territorial que se dispersam por múltiplos espaços. Por isso, é pertinente afirmar que essas escravas permanecem na extremidade receptora.

Florens, opostamente, caracteriza-se por manter-se prisioneira de uma ideia estabelecida para o negro. A personagem é escrava de um território sobre o qual se exerce um controle de fluxos, bens e significações. Ao encaminhar-se para seu amado, a comando de Rebekka, em vez de pensar em reterritorializar e recomeçar uma vida ao lado do mesmo, por exemplo, como escrava fugida, Florens planeja retornar à fazenda dos Vaark: “Tudo o que eu quero é o oeste. Você. Sua fala. O remédio que você conhece que vai curar a Patroa. Você vai ouvir o que eu tenho para dizer e vai voltar comigo. Só tenho de ir para o oeste” (MORRISON, 2009, p. 39)⁶⁶.

Morrison cria uma personagem incapaz de reconhecer a “sombra” de seu próprio “véu”: Florens, em vez de lutar por uma mobilidade menos controlada (menos controlada porque sabemos a partir da história de Ponciá, mulher negra livre, que os espaços, constituintes de territorializações, refletem o controle, o domínio e poder dos grupos mais fracos), “fecha os próprios olhos” para a realidade do negro. Pode-se encontrar uma similaridade do comportamento da jovem Florens com a atitude de negros estadunidenses da contemporaneidade. A citação abaixo se refere a uma entrevista com a escritora Toni Morrison postada no sítio *YouTube*. A autora vê os jovens negros da atualidade acomodarem-se diante de grandes debates que envolvem a história do negro:

[Toni Morrison] Eu vejo a maioria dos jovens negros que nunca desistiram [...] eles são como eu era quando estava na escola, *eles apenas não sabem nada do que há para saber e eles não querem enfrentar os obstáculos, e eles não querem se preocupar com a negritude, a masculinidade, a feminilidade, nada* [...] são famintos, famintos por educação, famintos por escolhas, eles querem ir a qualquer lugar e eles estão assim ansiosos para fazer, por exemplo, mencionar tudo isso, todas as coisas que eu poderia fazer que eu posso fazer. Isso eu gosto, mas por outro lado, há um tipo de noção para outro lugar que é como uma [...] *negritude imitada, é tudo máscara, linguagem*⁶⁷ você sabe disso [...] (MORRISON, 2011)⁶⁸.

⁶⁶ “Everything I want is west. You. Your talk. The medicine you know that will make Mistress well. You will hear what I have to say and come back with me. I have only to go west.” (Tradução nossa).

⁶⁷ Grifo nosso.

⁶⁸ “[Toni Morrison] I see most of the young black people who have not given up [...] they are sort of I was when I was at school *they just don't know anything there is to know and they don't want the obstacles and they don't want to be burden by blackness, maleness, femaleness, nothing* [...] hungry hungry for education, hungry for choices, they want to go everywhere and they are sort of dazzled doing sort of bring up all these all the stuff I

Não estamos, em hipótese alguma, desconsiderando as dificuldades dos sujeitos escravizados. Estamos discutindo as possíveis razões subsistentes para a construção literária da autora, para o retorno ao passado do negro. Defendemos o ponto de vista de que, assim como Evaristo, Morrison também recorre aos acontecimentos da história para questionar o presente. Pode-se afirmar que os jovens não têm a consciência do ser negro na sociedade estadunidense. A afirmativa de que os jovens “apenas não sabem nada do que há para saber”, assemelha-se à afirmativa já citada no início de nossa análise sobre o pensar da escrava indígena Lina em relação aos pés de Florens e sua insistência ao uso de sapatos. Lina diz que Florens precisa de solas fortes, pois a vida assim exige. Florens representa esses jovens negros da contemporaneidade que se cegam perante as problemáticas que circundam o povo negro, negando-se a debater suas questões. Os sapatos de Florens seriam como a linguagem falsificada e “forçada” do negro estadunidense da atualidade.

A mobilidade “controlada”⁶⁹ dos múltiplos espaços de referência das personagens Ponciá e Florens revela o lugar do negro na sociedade brasileira e estadunidense. Por isso, é essencial que entendamos de que maneira os movimentos das personagens discursam com a travessia dos africanos para o Novo Mundo. Sabendo os múltiplos territórios (em sentido concreto) habitados nas narrativas pelas personagens Florens e Ponciá, resta-nos identificar de que maneira, nas narrativas de *A Mercy* e *Ponciá Vicêncio*, é expressa a sobreposição dessas multiterritorialidades.

Da mesma forma que os africanos que perpassaram os navios negreiros uniram os diversos espaços de referência identitária, Florens e Ponciá Vicêncio levam em seu interior os territórios concretos e os espaços relativos a esses lugares fixos. Como vimos no capítulo 2, Gilroy afirma ser o Atlântico um sistema de trocas culturais e políticas a que, neste momento, chamaríamos de trocas socioculturais e simbólicas instituídas a partir da multiplicidade territorial.

Ao descrever detalhes sobre sua língua materna, Morrison, em *A Mercy*, expõe a relação africana de Florens – ou seja, a união entre os pontos territoriais opostamente posicionados no Atlântico, o continente africano e o Novo Mundo. De fato, a autora faz uso de expressões como “a minha mãe”, “a tua mãe” e “Senhor” no texto escrito em língua inglesa. Embora não seja explícita a descendência africana de língua portuguesa de Florens,

would take I can do that I like but on the other hand there is the sort of a notion elsewhere that is like a [...] *fake blackness it's all mask, language, you know that [...]*” (Tradução nossa).

⁶⁹ O uso das aspas deve-se ao fato de a palavra controle poder se referir tanto a um controle que impede a movimentação do indivíduo em termos territoriais quanto a um controle não geográfico, que interfere nos espaços frequentados.

há indícios na narrativa de que suas raízes sejam angolanas. Mostraremos como esse fato se apresenta na narrativa. Florens, em processo de autoidentificação e rememoração de sua chega à fazenda de Vaark, compara os seus afazeres neste território e naquele em que convivia com sua mãe: “Nós cozinhamos ameixas silvestres para fazer geleia e bolo oito vezes desde então [...] Antes deste lugar eu passava meus dias colhendo quiabo e varrendo barracões de tabaco, minhas noites no chão da cozinha com a “minha mãe”” (MORRISON, 2009, p. 3-4)⁷⁰.

Florens, portanto, acompanhava a mãe nas tarefas da cozinha da mansão do personagem D’Ortega. Quando Jacob Vaark vai ao encontro de D’Ortega a fim de negociar um terço de uma carga de escravos que morrera como consequência da espera por uma embarcação, observamos que os escravos dessa personagem originam-se de Angola. Dessa maneira, embora exista a incerteza de que Florens seja angolana, sabe-se que sua descendência é angolana, explicando, assim, o português como sua língua materna:

“Eles vêm de Portugal?” Jacob se perguntou se a mulher que servia a mesa entendia inglês ou se eles só a xingavam em português.
 “Bom, da parte angolana de Portugal”, disse D’Ortega. “É a terra mais agradável e bonita.”
 “Portugal?”
 “Angola. Mas, é claro, Portugal é sem par.”
 “Lá estivemos por quatro anos”, acrescentou a Sra. D’Ortega.
 “Em Portugal?”
 “Em Angola. Mas, veja bem, nossos filhos não nasceram lá” (MORRISON, 2009, p. 16)⁷¹.

Na fazenda dos Vaark, Florens era como uma estrangeira: estranha “à língua do direito na qual está formulado o dever da hospitalidade”, tendo que “pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro” (DERRIDA, 2003, p. 15). Os rabiscos feitos por Florens na pedra remetem às suas origens, ao território em que habitava com a mãe e o irmão de colo:

No começo quando sou trazida pra cá eu não falo palavra nenhuma. Tudo o que eu escuto é diferente do que as palavras significam para a “minha mãe” e eu. As palavras de Lina não dizem nada que eu saiba. Nem as da Patroa. Devagar tem um

⁷⁰ We boil wild plums for jam and cake eight times since then [...] Before this place I spend my days picking okra and sweeping tobacco sheds, my nights on the floor of the cookhouse with a minha mãe” (Tradução nossa).

⁷¹ ““They come from Portugal?” Jacob wondered if the serving woman understood English or if they cursed her only in Portuguese.

“Well, the Angola part of Portugal,” said D’Ortega. “It is the most amiable, beautiful land.”

“Portugal?”

“Angola. But, or course, Portugal is without peer.”

“We are there for four years,” added Mistress D’Ortega.

“Portugal?”

“Angola. But, mind you, our children are not born there” ” (Tradução nossa).

pouco de fala na minha boca e não na pedra. Lina diz que o lugar da minha fala na pedra é na Terra de Mary onde o Patrão faz negócio (MORRISON, 2008, p. 4)⁷².

A mulher que serve a mesa do jantar pode ser, por exemplo, a própria mãe de Florens. Florens e sua mãe estavam em Maryland, província que permitia a comercialização com mercados estrangeiros. E é este o territorial natal da personagem Florens. Chegamos a essa conclusão devido ao depoimento da mãe de Florens, no último capítulo do livro. Ela descreve sua experiência no navio negreiro, sua chegada em solos firmes, em Barbados, bem como sua venda a D'Ortega e as consequências dessas vivências: Florens e seu irmão:

Foi lá que eu aprendi que eu não uma pessoa do meu país, nem das minhas famílias. Era “negrita”⁷³. Tudo. Língua, roupa, deuses, dança, costumes, decoração, música – tudo misturado na cor da minha pele. Assim, foi como negra que eu fui comprada pelo Senhor, levada para o canavial e despachada para o norte, nas plantações de tabaco dele. Uma esperança, então. Mas primeiro o acasalamento, levarem eu e Bess e uma outra para o barracão de defumação. Logo, os homens que tinha mandado quebrar a gente se desculparam. Depois um capataz deu uma laranja para cada uma. E podia ter ficado tudo bem. Eu fui boa das duas vezes, porque os resultados foram você e seu irmão (MORRISON, 2009, p. 163-164)⁷⁴.

Ao contrário da mãe, Florens não vivenciou os horrores dos navios negreiros, não usou correntes na cintura, nos pés e braços, mas experienciou uma travessia congelante em meio ao inverno estadunidense.

Assim que a folha de tabaco está pendurada para secar, o Reverendo Padre me leva numa balsa, depois num brigue, depois num barco e me acomoda no meio das caixas de livros e comida dele. No segundo dia o frio é de doer e eu fico contente de ter um manto mesmo que fino. O Reverendo Padre pede licença para ir não sei onde no barco e fala para eu ficar bem onde estou. Vem uma mulher e me manda levantar. Eu levanto e ela tira o manto do meu ombro. Depois meus tamancos. Ela vai embora (MORRISON, 2009, p. 5)⁷⁵.

O uso da língua portuguesa por Morrison denuncia a preocupação transnacionalista dos escritores da diáspora negra em difundir as trocas culturais, o hibridismo como forma de

⁷² “At first when I am brought here i don’t talk any word. All of what I hear is different from what words mean to a minha mãe and me. Lina’s words say nothing I know. Nor Mistress’s. Slowly a little talk is in my mouth and not on the stone. Lina says the place of my talking on stone is Mary’s Land where Sir does business” (Tradução nossa).

⁷³ Uso da língua espanhola por Morrison.

⁷⁴ “It was there I learned how I was not a person from my country, nor from my families. I was negrita. Everything. Language, dress, gods, dance, habits, decoration, song – all of it cooked together in the color of my skin. So it was as a black that I was purchased by Senhor, taken out of the cane and shipped north to his tobacco plants. A hope, then. But first the mating, the taking of me and Bess and one another to the curing shed. Afterwards, the men who were told to break we in apologized. Later an overseer gave each of us an orange. And it would have been all right. It would have been good both times, because the results were you and your brother” (Tradução nossa).

⁷⁵ “As soon as tobacco leaf is hanging to dry Reverend Father takes me on a ferry, then a ketch, then a boat and bundles me between his boxes of books and food. The second day it becomes hurting cold and I am happy I have a cloak however thin. Reverend Father excuses himself to go elsewhere on the boat and tell me to stay exact where I am. A woman comes and to me and says stand up. I do and she takes my cloak from my shoulders. Then my wooden shoes. She walks away” (Tradução nossa).

resistência, fomentando o heterogêneo, as multiterritorialidades, as múltiplas experiências e identidades fomentadas pela travessia. Morrison reconhece as nações envolvidas no processo híbrido de identificação, na luta pela não discriminação, pela mudança no olhar preconceituoso, repressor, pela transformação dos signos e símbolos. Morrison é uma escritora que cruza fronteiras nacionais, navegando e percorrendo persistentemente, discutindo os espaços de poder acessados pelo negro. A língua portuguesa em congruência com a língua inglesa é uma necessidade de muitas escritoras negras, “as quais nós lemos em inglês, ou francês, ou português, uma variedade de cruzamentos de fronteiras devem ocorrer. Inglês, ou francês, ou espanhol, ou português se tornam indispensáveis para o escritor que quer alcançar comunidades maiores”⁷⁶, afirma Boyce Davies (1994, p. 20).

Torna-se interessante a observação do grau de diferenciação das experiências de movimento de Florens e de sua mãe. Apesar de não nos arriscarmos a julgá-las no nível de sofrimento, podemos assegurar que ambos os processos de des-territorialização refletem a fraqueza do negro e o controle da travessia, da mobilidade. Enquanto a mãe de Florens é controlada por “pessoas” como ela, escuras como a “sombra” da noite, como poderemos observar no trecho seguinte, Florens, momentaneamente desprotegida pelo Reverendo Padre, sente o gosto de uma visibilidade abusiva e desumana: “Eu sei que o prazer deles era refrescar a gente com uma chicotada, mas vi também que era prazer deles chicotear os deles” (MORRISON, 2009, p. 162)⁷⁷.

Esses relatos de experiência em diálogo com as mediações do espaço congruentes nos múltiplos territórios podem trazer à memória experiências relatadas por outros negros, como a do martinicano Frantz Fanon, ao expressar o quanto a grande quantidade de espaço o incomodava em suas travessias:

De repente, não mais se tratava de um conhecimento de meu corpo em terceira pessoa, mas em três pessoas. De repente, invés de um, deixavam-me, dois três lugares. Já não me divertia. Não encontrava coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava muito espaço (FANON, 1983, p. 93).

Testemunha-se, assim, a indissociabilidade dos símbolos territoriais, da represent-ção dos espaços vivenciados. Essas descrições demonstram uma “compressão espaço-tempo” na perspectiva de Massey, no sentido de que diferentes grupos vivenciam diferentes influências sociais (uma vez que o contexto de Florens pode ser visualizado como mais pacífico que o de

⁷⁶ “[For many Black women writers] whom we read in English or French or Portuguese, a variety of boundary crossings must occur. English or French or Spanish or Portuguese become indispensable for the writer who wants to reach a larger community” (Tradução nossa).

⁷⁷ “I know it was their pleasure to freshen us with a lash but I also saw it was their pleasure to lash their own” (Tradução nossa).

sua mãe, e o de Fanon como melhor que o contexto de Florens, por ser um homem livre). E que, por mais que esses grupos habitem diversos tempos e talvez não vivam a mesma época, eles dividem uma experiência multiterritorial.

Analisemos a travessia de Ponciá: já sabemos que a personagem “fugiu” do destino dos seus deixando a roça pela cidade, sendo a primeira de sua família a se aventurar em outros territórios, à procura de novos espaços e melhores intervenções sociais. A movimentação de Ponciá, seu irmão Luandi (que também migrou para os centros urbanos), e de outros negros na narrativa exemplifica um acontecimento histórico no Brasil pós-abolicionista: o êxodo rural. O historiador brasileiro José Murilo de Carvalho, em seu livro *Cidadania no Brasil: o longo caminho* (2001), comenta sobre a condição do negro “livre”:

No Brasil aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo. Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados pelos milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos (CARVALHO, 2011, p. 52).

Essa liberdade controlada dos negros trabalhadores rurais é suntuosamente criticada por Conceição Evaristo em *Ponciá Vicêncio*. Em vez de afirmar o acontecimento histórico em detrimento das consequências resultantes, como faz Carvalho, ao dizer que terras não foram dadas aos negros, Evaristo foca o processo ilusório de libertação, na construção simbólica de um “poder territorial”:

Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio [...] O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno (EVARISTO, 2006, p. 48-49).

Talvez Ponciá compartilhe os pensamentos do narrador e, para libertar-se do fato de estar “sob o jugo de um poder” já antigo, a personagem realiza sua travessia. A mobilidade de Ponciá, porém, não aconteceu em meio às águas, em navios, barcos, balsas ou brigues, mas em terra firme, ou melhor, em trilhos sólidos que, a “olho nu”, embora instáveis, como o território, escondem uma versatilidade decorrente de curvas e múltiplos caminhos que se

cruzam. Ao chegar à cidade, depois de “três dias e três noites” (EVARISTO, 2006, p. 36), Ponciá caminhou como se soubesse para onde ia, parando em frente a uma igreja. Ao admirá-la, compara as vestimentas dos santos e das pessoas com o povo da roça:

A primeira impressão sentida por Ponciá Vicêncio no interior da igreja foi de que os santos fossem de verdade. Eram grandes como as pessoas. Estavam limpos e penteados. Pareciam até que tinham sido banhados. Eles deveriam ser mais poderosos do que os da capelinha do lugarejo onde ela havia nascido. Os de lá eram minguinhas e malvestidos como todo mundo. Quando as luzes das velas iluminavam os rostos deles, podia-se ver que eles tinham o olhar aflito, desesperado, como os pecadores ali postados em ladainha. Os santos daquela catedral, não! Eram calmos. Ponciá olhou as pessoas ao redor. Combinavam com os santos, limpas e com terços brilhantes nas mãos (EVARISTO, 2006, p. 35-36).

Nesse momento, a cidade é para Ponciá sinônimo da beleza. A majestade dos santos daquela igreja representava maior poder na realização dos pedidos feitos nas orações. Além disso, em contraste com os santos da roça, não exprimiam o pecado, mas a pureza. Ao mostrar pessoas e imortais bem vestidos e aparentemente belos devido à maneira como se portam socialmente em um templo divino, o trecho supracitado exemplifica as formas de apropriação do poder: a princípio, Ponciá não reconhece a delimitação desse poder na cidade, não percebe, por exemplo, que não há, dentro da igreja, pessoas negras e pobres iguais a ela; Ponciá não observa que aquele santuário não era para ela. Na primeira noite, Ponciá se junta a mendigos de todos os gêneros e idades. Na reconhece que a beleza da casa de fé externava-se em luxos e aparências. O sacristão fechava as “portas pesadas” da igreja, a “casa de fé se abria para acolher os fiéis” (EVARISTO, 2006, p. 39 e 41) e Ponciá e os outros continuavam submersos na “sombra” de seus véus. São os seres fisicamente “calmos”, envoltos por uma clareza que lhes dão forma, uma forma invisível aos olhos de Ponciá, uma forma simbolicamente construída da pureza, enganosamente caridosa.

Os indivíduos excluídos das relações sociais desse contexto brasileiro compartilham uma multiterritorialidade, na medida em que os múltiplos territórios e espaços experienciados por esses sujeitos se entrecruzam em seus fragmentos, como os cacos de vidro de uma peça, os arranhões de um machucado ou uma pintura cubista. Os pequenos cortes, a magnitude das linhas dialoga em pontos comuns de um todo desarranjado, despedaçado.

A primeira sensação de Ponciá na cidade é de deslumbre, mas a noite é longa, “lenta e friorenta” (EVARISTO, 2006, p. 40), repleta de lembranças de seus familiares e, por alguns instantes, até mesmo uma aflição, um sentimento de arrependimento. A partir do momento em que Ponciá chegou à cidade, suas certezas de uma vida melhor se exauriram, dando lugar à falta que o seus faziam no seu cotidiano. Ponciá vive o presente através do passado que, embora tenha “ficado para trás”, permanece, constantemente, em seu presente. Em outras

palavras, os espaços do presente e do passado, e o tempo presente e passado estão lado a lado. A vivência concomitante de múltiplos territórios é evidenciada pela maneira como Ponciá comprime o tempo em um só, através dos espaços, e, simultaneamente, contrai também os espaços que habitava em um só: ao espaço de sua mente, embora descrito como vazio pela autora, na realidade, é pleno de lembranças e impressões:

Estava cansada, tinha fome, emoção e um pouco de frio. A cabeça tonteou-se. Sentou-se rápido num banquinho de madeira. Veio, então, a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma. Quando Ponciá voltou a si, já era quase meia-noite. Quanto tempo ficara alheia? Não sabia ao certo. Chegara ali por volta do meio-dia [...] Lembrou-se dos biscoitos fritos que a mãe fazia [...] Saboreou na lembrança da língua o gosto do café da mãe. Contemplou a figura do homem-barro [Vô Vicêncio] e sentiu que ela cairia em prantos e risos (EVARISTO, 2006, p. 50).

Embora Ponciá tenha comprimido o tempo e o espaço psicologicamente, os dois territórios habitados pela personagem se justapõem, uma vez que essa multiterritorialidade floresce após o processo de travessia da personagem, a partir de sua movimentação territorial. Na tentativa de se re-territorializar, Ponciá “fracassa”. Pode ser que os leitores deste trabalho discordem fortemente dessa afirmação se pensarem que a herança reservada à personagem pelo Vô Vicêncio – a loucura – atuaria, mesmo se Ponciá não tivesse evadido da roça. Acreditamos que sim: embora a herança de Ponciá se estabelecesse de qualquer maneira, também vemos uma necessidade da autora de mostrar como os negros chegaram à cidade e às periferias. Revelar os sonhos e os desejos de um novo grupo social, de uma nova geração em que cada um “deve fazer novamente a tentativa de arrancar a tradição do conformismo”, novamente citando Benjamin.

A herança que Vô Vicêncio deixara à Ponciá refere-se não apenas ao “modo de andar, com o braço para trás e a mão fechada como se fosse cotó, como ainda as feições do velho que se faziam reconhecer no semblante jovem da moça” (EVARISTO, 2006, p. 63), mas à certeza que ele tinha de que todos os seus familiares e não familiares, todos os negros estariam sob o jugo do poder do branco, do amarelo, do negro, enfim sob a dominação social. Vô Vicêncio dividiu com outros negros uma consciência “multi” em relação ao futuro do negro: a multiterritorialidade. A loucura de Vô Vicêncio surge em um momento de revolta ao ver três ou quatro de seus filhos nascidos do “ventre-livre” serem vendidos como escravos. Como consequência dessa injustiça comum a outros negros,

o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se auto-flagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo [...] Viveu ainda muitos e muitos anos. Assistiu, chorando e rindo, aos sofrimentos, aos tormentos de todos. E só quando acabou de rir todos os

seus loucos risos e de chorar todos os seus insanos prantos, foi que Vô Vicêncio se ficou calmo (EVARISTO, 2006, p. 51-52).

A multiterritorialidade de Ponciá, ou seja, essa consciência em diferentes escalas e múltiplos espaços de referência de identidade não se explicaria ao leitor caso não acontecesse a movimentação da personagem. Se a personagem atingisse essa consciência “multi” em seu próprio território, o vínculo com os múltiplos espaços materiais e sua relevância na construção da simbologia desses espaços não se esclareceria. Os símbolos dos territórios e dos espaços neles incluídos ilustram o que nós identificamos como os lugares, ou melhor, o lugar do negro, analisado nas obras como um “não-lugar”. O conceito de lugar será elucidado no capítulo seguinte em diálogo com as definições para a palavra inglesa “home”.

A reação de Vô Vicêncio se estabelece em oposição às regras que delimitam o cumprimento dos deveres de alguns grupos em relação a outros. A personagem ouviu as palavras de agentes que interferiam no espaço, iludindo a população negra. Referimo-nos, neste instante, à epígrafe de Bourdieu utilizada no início deste capítulo. Para o estudioso, o “poder das palavras”, o poder “das palavras de ordem”, o “poder de manter a ordem ou de a subverter” é introduzido a partir da crença no valor simbólico das palavras e dos sujeitos que as pronunciam, valor legitimado e subordinado (BOURDIEU, 2007, p. 15). A valência das palavras, porém, não é responsável pela produção dessa crença. É dessa maneira que Vô Vicêncio acredita nas palavras dos governantes que “aprovaram” a lei do ventre-livre. Enquanto Vô Vicêncio experimenta o poder de subversão das palavras e, conseqüentemente, da própria lei, Ponciá percebe a invisibilidade de outras formas de opressão, formas sociais indiretas e silenciosas que excluem o negro, oferecendo-lhe trabalhos subalternos de pouca qualidade de vida. O poder simbólico mostra-se sendo, portanto, simultaneamente, uma forma transfigurada da ordem e da força (física e/ou econômica).

Também acreditamos que a escolha de Evaristo em relação à multiplicidade territorial da personagem Ponciá deveu-se ao seu objetivo de exemplificar o início da formação das periferias na sociedade brasileira. Pode-se concluir isso ao observarmos a movimentação não apenas de Ponciá, mas de seu irmão Luandi Vicêncio e de sua mãe Maria Vicêncio. Após a partida de Ponciá e atravessando as antigas terras do Coronel Vicêncio, que deveriam pertencer aos negros, mas ainda estavam sob o controle dos brancos, Luandi chegou à cidade. Carregando na mente os sonhos de comprar uma casa e reunir a mãe e a irmã, Luandi levava em seu coração a mesma esperança de Ponciá: a de mudar de vida. Depois que Luandi deixou a roça, Maria Vicêncio viu-se na obrigação de ir ao encontro de seus filhos: ela “sabia que,

por mais que relutasse, um dia a cidade também faria parte de sua travessia” (EVARISTO, 2006, p. 106).

Como Ponciá, Luandi vai à cidade à busca de novas oportunidades. Sonhando ser soldado, ao ver um soldado negro na estação de trem, conclui que a “cidade era mesmo melhor do que na roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! Que beleza! Na cidade, negro também mandava!” (EVARISTO, 2006, p. 70). Luandi procurava por novas formas de controle e dominação, um poder que se originasse de um negro bondoso, que não fosse um “vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime” (EVARISTO, 2006, p. 118), para usar as palavras do delegado da delegacia em que Luandi trabalhava, inicialmente, na limpeza, e depois como soldado. Assim, pôde comprar uma casinha e levar a mãe – que o encontrara devido a um pedaço de papel escrito pelo Soldado Nestor, que trabalhava com Luandi –, para morar junto com ele.

O encontro com o Soldado Nestor, um negro benevolente que obtivera algum poder, não ajuda na eclosão da complexidade de ser um negro habitando a cidade, no século XIX, no Brasil. Luandi teve a oportunidade de ouvir a multiterritorialidade da personagem Bilisa, que como ele e a irmã Ponciá, deixou a roça com o mesmo objetivo: voltar e buscar seus familiares. Após trabalhar arduamente e juntar um dinheiro honesto para comprar uma casinha, seu dinheiro sumiu no quarto onde a única pessoa que entrava além dela era o filho da patroa. O destino de Bilisa, então, foi virar prostituta, repartindo o dinheiro com a dona da casa em que trabalhava e com o protetor dessas mulheres: Negro Climério.

Entretanto, a experiência de Bilisa não foi suficiente a ponto de Luandi imaginar que esse seria o trabalho de muitas mulheres negras evadidas da roça, e que talvez esse pudesse ser o trabalho de sua irmã Ponciá. Foi preciso incluir na narrativa outra representação de poder, originada não de um branco, mas de um negro insolente, o Negro Climério, o qual mata Bilisa antes que a personagem pudesse usar o enxoval feito quando se casasse com Luandi. A partir desse acontecimento, Luandi passa a dividir a multiterritorialidade com Ponciá (que recebeu de seu avô essa herança), e com outros negros. Desde então, Luandi começa a trazer “no peito, Vó Vicência, pessoa que ele nem tinha conhecido e que tinha encontrado a morte pelas mãos de Vô Vicêncio. E ainda outras mulheres da família e do povoado, muitas que ele nunca vira e que apenas ouvira falar delas” (EVARISTO, 2006, p. 119). Luandi, como Ponciá, precisou reterritorializar para que pudesse sentir a razão das histórias que ouvira enquanto estava na roça. Ele precisou viver a travessia para ver a fragilidade das relações entre negros e negros/negras perante o meio, os territórios habitados e os espaços compartilhados.

A multiterritorialidade permite a Ponciá e Luandi a compressão do tempo-espaço. Os múltiplos espaços da roça, como a casa e o campo, unem-se aos múltiplos espaços da cidade, à estação de trem, à casinha de Ponciá e à delegacia onde Luandi trabalhava. Esses dois territórios, do espaço rural e do espaço urbano, misturam-se em um tempo único, em que presente e passado se entrelaçam, construindo o sentido da vida do negro, naquela sociedade brasileira.

Em *Ponciá Vicêncio*, Evaristo mostra, com a violência de Vô Vicêncio e Negro Climério, por exemplo, que o negro não consegue enxergar no outro um de seus semelhantes. Não estamos neste trabalho vangloriando a homogeneidade de grupos negros. Ao contrário, falamos na perspectiva relacional, na maneira como os negros vivenciam diferentemente contextos e dificuldades sociais análogas. Da mesma maneira, Morrison, em *A Mercy*, aponta o papel dos negros na comercialização de escravos, em que a mãe de Florens revela à filha: “Os homens que guardam a gente e vendem a gente são negros” (MORRISON, 2009, p. 162)⁷⁸.

A movimentação de Ponciá e Luandi como fator essencial para a manifestação de uma multiterritorialidade da diáspora negra é tão importante quanto a movimentação forçada de Florens. A mãe de Florens sabe que “não existe proteção” (MORRISON, 2009, p. 161)⁷⁹ para o negro do século XVII: ela vivenciou sua travessia pelo Atlântico e, embora não desejasse a mobilidade da filha, vê a desterritorialização de Florens como uma alternativa, uma solução para que a filha não sofresse os abusos sexuais da personagem D’Ortega. A mãe de Florens tem consciência da fragilidade da filha perante o mundo e oferece a filha porque acredita na bondade da personagem de Jacob Vaark:

Queria sapatos de mulher perdida, e um ano em volta do seu peito não fez diferença. Você chamou a atenção do Senhor [...]

Uma chance, eu pensei. Não existe proteção mas tem uma diferença. Você ficou lá com aquele sapato, o homem alto riu e disse que levava eu para pagar a dívida. Eu sabia que o Senhor não ia deixar. Eu disse você [...] Porque eu vi que o homem alto via você como uma criança humana, não como moeda. Ajoelhei na frente dele. À espera de um milagre. Ele disse sim.

Não foi um milagre. Bendito seja Deus. Foi uma compaixão (MORRISON, 2009, p. 164-165)⁸⁰.

⁷⁸ “The men guarding we and selling we are black” (Tradução nossa).

⁷⁹ “there is no protection” (Tradução nossa).

⁸⁰ “wanted the shoes of a loose woman, and a cloth around your chest did no good. You caught Senhor’s eyes [...]

One chance, I thought. There is no protection but there is difference. You stood there in those shoes and the tall man laughed and said he would take me to close the debt. I knew Senhor would not allow it. I said you [...] Because I saw the tall man see you as a human child, not pieces of eight. I knelt before him. Hoping for a miracle. He said yes.

It was not a miracle. Bestowed by God. It was a mercy” (Tradução nossa).

O instinto materno da mãe de Florens pressente a bondade de Jacob Vaark, bondade que resulta do fato de Vaark ter vivido como um “órfão”, desenvolvendo um olhar humano para com o outro. Além de resultar em uma superproteção que funciona, nesse momento da vida de Florens, mas que depois se torna inevitável. Florens viaja rumo a oeste à procura de seu amado, cumprindo as ordens de Rebekka Vaark, que estava muito doente e acreditava que esta personagem poderia salvá-la, assim como fez com seu marido Jacob Vaark. Quando Florens encontra o ferreiro, este não permite seu retorno à fazenda, precisava que Florens cuidasse de uma criança cujo pai estava morto. Com a presença do menino Malaik, Florens sente-se ameaçada pela criança, uma vez que seu amado demonstrava grande afeto por esta, e isso faz com que a personagem reviva a experiência de um duelo entre ela, uma criança e um ser muito amado por ela. Como a mãe de Florens, seu amado escolhe a criança, não pelo sentimento de complacência, mas pela não aceitação do sentimento de comodidade de Florens ao se rejeitar à dominação:

Me preocupa quando o menino chega perto de você. Você oferece e ele fica dono do seu dedo. Como se ele é seu futuro. Não eu [...] Eu sei que ele rouba as botas do Patrão que pertencem a mim. Seus dedos apertados na boneca [...] Pego a boneca e ponho numa prateleira bem alta para ele não alcançar. Ele grita [...] Quando me vê o menino volta a gritar e é então que eu agarro ele. Estou tentando fazer ele parar e não machucar. Por isso puxo o braço dele [...] Sai um pouco de sangue da boca dele quando bate no canto da mesa [...] Ele cai desmaiado bem quando escuto você gritar [...] Não eu. Ele. Malaik você grita. [...]

Quero que você vá embora.

Me deixe explicar.

Não. Agora.

Por quê? Por quê?

Porque você é uma escrava [...]

O Patrão me fez escrava [...]

Não. Você virou escrava [...] Sua cabeça é vazia e seu corpo é furioso.

Estou adorando você.

E escrava disso também.

Só você é meu dono [...]

Você não é nada mais que fúria. Sem controle. Não pensa.

Você grita a palavra – pensa, pensa, pensa – sem parar e depois dá risada, diz que eu vivo e respiro, escrava por escolha (MORRISON, 2009, p. 134-138)⁸¹.

⁸¹ “I worry as the boy steps closer to you. How you offer and he owns your forefinger. As if he is your future. Not me [...] I know he steals Sir’s boots that belong to me. His fingers cling the doll [...] I take it away and place it on a shelf too high for him to reach. He screams [...] Seeing me the boy returns to screaming and that is when I clutch him. I am trying to stop him not hurt him. That is why I pull his arm [...] A little blood comes from his mouth hitting the table corner [...] He drops into fainting just as I hear you shout [...] Not me. Him Malaik you shout [...]

I want you go.

Let me explain.

No. Now.

Why? Why?

Because you are a slave [...]

Sir makes me that [...]

No. You have become one [...] Your head is empty and your body is wild.

I am adoring you.

Assim como Ponciá, Florens comprime o espaço e o tempo. Mas, ao contrário de Ponciá, Florens vive intensamente o passado. O espaço e o tempo presentes estão atravessados. O inconformismo de Florens com a atitude da mãe no passado percorre o presente que lhe abraça, mesmo com o amor e as palavras “confortantes”⁸² da escrava indígena Lina. O sentimento de posse da personagem em relação ao seu amado resulta do cruzamento entre espaço e tempo presente e espaço e tempo passado.

Florens ganhou o domínio sobre outra pessoa, a criança Malaik, e com esse poder a personagem se protege do domínio inconsciente que a criança pode impor em relação às escolhas (preferências) de seu amado. O espaço da casa do ferreiro torna-se múltiplo, relembrando o espaço da fazenda de D’Ortega. Por isso, essa passagem é um exemplo claro de multiplicidade territorial. Essa autoproteção de Florens leva a personagem a violentar o menino Malaik. O comportamento agressivo de Florens confirma sua vivência da escravidão aos olhos de seu amado, seu conformismo e sua ignorância.

Se pensarmos nas ações brutais cometidas pelo avô de Ponciá Vicêncio contra sua mulher e si mesmo, poderíamos interpretar a atitude “bestial” de Florens como algo comum àqueles que se encontram submersos ao sistema escravagista. Entretanto, ao nos atentarmos para as razões de tais comportamentos, encontramos uma diferença primordial entre Florens e Vô Vicêncio: Enquanto este pensa, revolta contra a injustiça de venderam seus filhos nascidos do “ventre-livre” à sua frente, como se houvesse ali um escravo irracional, não pensante, aquela realmente não pensa, não até esse momento da narrativa. Florens é impiedosa, não reflete que aquela criança era apenas uma criança órfã, como um dia ela se tornou. Seu amado demonstra compaixão por Malaik assim como Jacob Vaark manifestou a respeito daquela criança de sapatos.

A repetição da palavra *pensar*, na fala do amado de Florens, diz respeito à conscientização do ser negro. Essa personagem reivindica a mudança comportamental do negro, o questionamento de poderes, a apropriação territorial em termos (principalmente) simbólicos. Ao transferir o domínio de si mesma para seu amado, Florens fracassa, pois veda a fluidez territorial do negro concreta e abstrativamente (pelo pensamento), afirmando-se eternamente escrava. Deixaria de ser escrava de uma branca, Rebekka, para ser escrava de um

And a slave to that too.

You alone own me [...]

You are nothing but wilderness. No constraint. No mind.

You shout the Word – mind, mind, mind – over and over and then you laugh, saying as I live and breathe, a slave by choice” (Tradução nossa).

⁸² Confortante em relação à maneira como Lina conversa com Florens, a atenção oferecida à menina-mulher, mas não confortante a respeito do conteúdo em condizente nessas palavras. Lina acolhe Florens e procura conscientizá-la dos perigos existente naquela sociedade em formação.

negro livre, seu amado. Na mente, Florens é integralmente escrava por não reconhecer a multiterritorialidade do negro; e no corpo, por demonstrar fisicamente um conforto com os espaços oferecidos ao negro e por desejar ser uma escrava sexualmente de seu amado.

O comportamento do amado de Florens demonstra a construção de um personagem crítico por Morrison, o qual questiona a legitimidade da dominação do branco. Pode-se dizer que, nesse momento, Florens exemplifica a dupla determinação das relações sociais estabelecidas, enquanto seu amado representa o início da luta da classe negra. Representa, assim, parte das diferentes “fracções” da classe (importando o termo utilizado por Bourdieu), não apenas por ser livre, mas também por expor a consciência da condição do negro no século XVII. Além disso, Bourdieu afirma que a conduta ideológica dos dominantes baseia-se em estratégias de reafirmação do poder político, dentro e fora da classe. Por ser um sujeito escravizado, inclusive na sua maneira de pensar, Florens caracteriza-se como dominada, mas seu amado não se enquadra no termo “dominado”, nem mesmo “dominador”, mas um reacionário da cultura dominante:

As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (BOURDIEU, 2007, p. 11).

Pode-se entender o posicionamento do amado de Florens se pensamos nas construções simbólicas do sujeito negro. A ação de Florens sob o espaço pertencente ao seu amado em vez de reafirmar o trauma sofrido pela personagem na infância, na visão do ferreiro, na realidade, confirma a criação do negro selvagem. É possível afirmar que Morrison tenha criado a personagem que Florens amava como o intuito de representar, através dele, o ideal que, posteriormente, o movimento da negritude apresentou: a reafirmação de si mesmo. Afinal, a negritude “é a exigência ontológica do Ser Humano que fora transformado em ‘negro-animal’, ‘negro-vegetal’, ‘negro-coisa’, ‘negro-sujeira’, ‘negro-fealdade’, ‘negro-sem-história’ e, naturalmente, ‘negro-sem-porvir’” (CÉSAIRE, 2010, p. 21).

É importante lembrar que a atitude ríspida de Florens e a desesperada do avô de Ponciá Vicêncio exemplificam a influência do ambiente, da multiplicidade dos espaços nas ações dos indivíduos. A multiterritorialidade se apresenta, assim, como o ideal de transformação do controle, de deixar-se ser dominado para os grupos da diáspora negra.

Outro fator relevante que não podemos ignorar é a presença da criança na obra *A Mercy*. Florens e Malaik são exemplos de como as crianças negras são seres frágeis, no contexto do século XVII, dependentes e completamente dominados. Florens sabia que Malaik

vivia sobre a “sombra do véu” e poderia tornar-se um sujeito além de órfão, desterritorializado: “Você aceita ele até o futuro quando um cidadão ou magistrado arrumar um lugar para ele, o que pode não acontecer nunca porque embora a pele do homem morto seja rosada a do menino não é. Então, talvez ele não seja filho coisa nenhuma” (MORRISON, 2009, p. 134)⁸³. Mesmo tendo consciência do “não-lugar” da criança, Florens o enjeita.

Em entrevista postada no sítio *YouTube* intitulada “Toni Morrison talks about her motivation for writing”, a autora afirma que as mulheres negras são representadas em livros por escritores negros e brancos como empregadas, cozinheiras e outros, mas as crianças “eram sempre menos”.⁸⁴ Além disso, a escritora questiona as construções elaboradas por escritores negros sobre os negros, em meados do século XX. O que motiva a escrita de Morrison, portanto, é o desejo de resgatar uma verdade do negro estadunidense “abafada”. Nessa entrevista, Morrison expõe seu sentimento de mal-estar para com a publicação de algumas obras nos Estados Unidos: os escritores fazem da escrita a busca por uma felicidade que resulta em uma criação exagerada e falseada, segundo a autora. Esse encadeamento de ideias nos lembra a seguinte citação freudiana: “o que os próprios seres humanos, através de seu comportamento, revelam-se ser a finalidade e o propósito de suas vidas? [...] eles aspiram à felicidade, querem se tornar felizes e assim permanecer” (FREUD, 2010, p. 62). A aspiração à felicidade por Morrison requer outra discussão. No momento, porém, pode-se afirmar que a atitude de “está tudo bem” e “sempre esteve” não constitui o caminho apropriado de declaração racial, assim como também não condiz com o objetivo de sua escrita em função da representação da história do negro:

Eu me senti forçada naquela época, isso era meados de 1960, a maioria do que estava sendo publicado por escritores negros era muito poderoso, agressivo, ficções ou livros de não-ficção revolucionários. E eles também tinham uma inspiração racial muito positiva [...] alguns dos quais eram, é, eu como uma pessoa mais velha, espere um momento, um dos quais era ‘você é minha rainha negra’, ‘black é lindo’, e eu pensei, é mas, porque com tanta força, então eu pensei, espere um momento, eles vão pular algo e ninguém irá se lembrar que nem sempre foi lindo, você sabe, ninguém irá se lembrar do quão doloroso certos tipos de racismo mortífero são [...] algumas pessoas se sentiam muito culpados porque a pele era muito, muito escura (MORRISON, 2011)⁸⁵.

⁸³ “You accept him until a future when a townsman or magistrate places him, which may be never because although the dead man’s skin is rosy the boy’s is not. So maybe he is not a son at all” (Tradução nossa).

⁸⁴ “the children were always less” (Tradução nossa).

⁸⁵ “I felt compelled at that time, this was 19 (mid)60s most of what was being published by black men were very powerful, aggressive, revolutionary fiction or non-fiction. And also they had a very positive racially uplifting [...] some of which was oh I as an older person wait a minute, one of which was you are my black queen, black is beautiful, and I thought yea but, why so loud, then I thought, wait a minute, they are going to skip over something and no one is gonna remember that there wasn’t always beautiful you know, no one is gonna remember how hurtful certain kind of internecine racism is [...] some people felt very apologetic because the skin was very very dark” (Tradução nossa).

Em entrevista ao Boletín PPCOR, n. 31, Conceição Evaristo faz uma crítica à representação do negro nas obras de literatura brasileira. Para a autora, não somente os textos produzidos no passado, mas também os textos contemporâneos, proliferam estereótipos que contribuem com a reprodução negativa da imagem do negro. A autora também enfatiza, de maneira bastante consciente, que essas *re*-produções são construções socioculturais, isto é, são criações exclusivamente difundidas por grupos dominantes e compartilhadas por grupos menores:

A literatura brasileira segue ao longo do tempo difundindo estereótipos de negros em várias obras. Textos escritos no passado e na contemporaneidade repetem, revitalizam, reatualizam estereótipos tais como: o do negro Pai-João, o da Mãe-Preta, o do negro preguiçoso, libidinoso, o do negro infantilizado, o da mulher negra boa de cama, o da mulata ferosa, permissiva, etc, etc. É só atentarmos para personagens como: [...]Rita Bahiana e Bertoleza, em *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, (1857-1913) são imagens estereotipadas de mulheres negras. A primeira é desenhada como a mulata em que tudo nela é sexualizado, do corpo à voz. A segunda surge idiotizada, animalizada e “morre focinhando”, segundo a narrativa. Por sua vez, Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, (1912- 2001) representa uma mulher-natureza, incapaz de entender qualquer norma social. Nessas e outras obras da literatura brasileira, normalmente, as personagens negras surgem estereotipadas em concordância com a maneira como o negro é percebido pela sociedade. Não há uma ausência do negro e da cultura negra nos textos literários brasileiros. O que existe é uma representação deprimente sobre nós negros. Nesse sentido, é preciso pensar que a cultura dominante tem o poder de se representar e de representar as outras culturas circundantes (EVARISTO, 2007).

Pode-se afirmar como sendo a grande motivação para a escrita de Evaristo e Morrison o questionamento e a insatisfação com a representação fictícia e certamente real do negro nas sociedades habitadas pelas autoras. Vemos em suas narrativas a reprodução de comportamentos ideológicos de indivíduos dominantes, negros e não-negros: em *Ponciá Vicêncio*, por exemplo, vemos no campo, a crença na não legitimidade do povo negro, na medida em que Ponciá confirma a falta desse poder também na cidade, ao tentar subverter o poder simbólico “determinado” socialmente, mesmo fracassando; em *A Mercy*, Morrison constrói uma personagem, Florens, que sofre não apenas a imposição do poder de agentes sociais brancos como também a força de posição em que seu amado negro se colocava. Pode-se dizer que o amado negro de Florens, por exemplo, e o irmão de Ponciá, Luandi Vicêncio, sejam “frações de uma classe” (remetendo-nos a Bourdieu) que resistem aos poderes simbólicos vigentes.

Neste capítulo, vimos como o contexto territorial se multiplica, encontrando correspondências nos grupos que dispersam em variados espaços e em diferentes nações. A multiterritorialidade de Ponciá se liga, embora em um contexto posterior à multiterritorialidade de Florens, assim como a multiterritorialidade do antepassado de Ponciá,

Vô Vicênio, pode se correlacionar não somente com Ponciá, mas também com a experiência da mãe de Florens.

A multiterritorialidade das personagens confirma a travessia do negro: os negros presentes na narrativa brasileira dialogam com os negros estadunidenses e, opostamente à obra de Evaristo, com outros grupos excluídos, como os índios (através de Lina). Isso evidencia o caráter multiterritorial e transnacionalista da diáspora, a colisão entre a maneira como as *experiências* do negro perpassam a literatura e a forma como a posição do negro é *vista* e trabalhada por autoras negras. Para Foucault, “a experiência é algo que se dá solitariamente, mas que é plena somente na medida em que escapa à pura subjetividade, isto é, que outros podem cruzá-la ou atravessá-la” (REVEL, 2005, p. 49). Por meio desse cruzamento, podemos conceber o “não-lugar” do negro.

Em suma, da mesma maneira que o território possui um caráter múltiplo, o espaço também constitui “a esfera de possibilidade da existência da multiplicidade” (MASSEY, 1999, p. 28 apud HAESBAERT, 2009, p. 365). Nesse sentido, a multiplicidade do espaço está relacionada ao movimento de criação e re-criação, isto é, ao ato de re-territorializar-se. A mudança territorial, na realidade, não implica uma destruição do ambiente anterior (desterritorialização), mas sim sua reconstrução em novo contexto. Nesse processo de movimentação, ou seja, através da mobilidade, a multiterritorialidade aparece em sua transparência como uma consciência das expectativas reservadas ao sujeito negro.

A multiterritorialidade no sentido de reterritorialização, em uma escala múltipla na vida de Ponciá e Florens, é instalada através da mobilidade. Pode-se perceber que a mudança territorial, ou seja, as passagens no espaço geográfico e simbólico reproduzem a dominação e, conseqüentemente, o símbolo, reforçando a multiplicidade dos espaços instáveis de determinados grupos, espaços que tecem as linhas de permanência e continuidade, formando uma contextura “definida”, um lugar, embora esta acepção seja exposta muitas vezes negativamente.

4 EXPERIÊNCIAS QUE FEREM E SITUAM: O “HOME” DA MULHER NEGRA

Minha negritude não é uma pedra, surdez
 Arremessada contra o clamor do dia
 Minha negritude não é uma mancha de água morta
 Sobre o olho morto da terra
 Minha negritude não é uma torre ou uma catedral
 Ela mergulha na carne vermelha do solo
 Ela mergulha na carne ardente do céu
 Ela rompe o desânimo opaco com a sua justa paciência
Cahier d'un retour au pays natal- Aimé Césaire

It is only in the act and practice of loving blackness
 that we are able to reach out and embrace the world
 without destructive bitterness and ongoing collective
 rage⁸⁶

Black looks, race and representation – bell hooks

A ação pressupõe o ato consciente e influente de modificação dos espaços circundantes de um território. Enquanto o espaço abrange o universal, o geral, o lugar (“place”) compreende o específico, o concreto (MASSEY, 2009, p. 9), ou seja, o particular, o indivíduo, cada ser. Pode-se observar, no capítulo anterior, que a multiterritorialidade sobrepõe os territórios, abarcando os espaços habitados por diferentes indivíduos em diversos pontos da América (de acordo com o contexto das obras literárias deste estudo), mas podendo abarcar outras nações ou “princípios” nacionais.

Assim como a diáspora é mutiterritorial e, por conseguinte, transnacionalista, a especificidade do lugar segundo Massey (2009, p. 155) é caracterizada pela amalgamação de diversas relações sociais mais amplas e locais (como vimos no capítulo teórico), portanto também transnacionalista. O feminismo transnacional consiste numa ação política de prevenir contra a propagação do controle da subjetividade do outro. Mais uma vez, após analisarmos a “origem” das personagens Ponciá e Florens, continuamos argumentando sobre o valimento do olhar do outro, incluindo a maneira como as escritoras veem as suas próprias personagens e a forma como nós interpretamos essa (in)visibilidade.

Para debatermos sobre os posicionamentos conferidos à mulher negra (“place”), não abandonaremos os conceitos de espaço e território, pelo contrário, estaremos continuamente nos referindo a eles para definirmos o “home” da mulher negra nas obras de Evaristo e Morrison. Não entendemos “home” como casa ou lar, mas como espaços que esquematizam lugares, definindo-os no âmbito multiterritorial a partir da mobilidade e fluidez presentes nas

⁸⁶ “É somente no ato e na prática de amar a negritude que nós somos capazes de alcançar e abraçar o mundo sem amargura destrutiva e contínua cólera destrutiva” (Tradução nossa).

relações sociais (ou seja, no convívio familiar e não-familiar, na relação entre os gêneros). Bachelard (1996), por exemplo, vê a casa como o primeiro abrigo do ser, enquanto Terkenli (1995) afirma ser a mãe o primeiro “home” do indivíduo, e McDowell (1999) alerta para a não fixação do termo, para a visão das transformações que o conceito vem trazendo.

4.1 A VISÃO DO CONTINENTE AFRICANO COMO O “HOME” DO NEGRO

Começamos com a relação entre o conceito de diáspora e “home” proposto em *Diaspora & hybridity* (2003)⁸⁷ e as narrativas relativas à vida de Ponciá e Florens. A princípio, os grupos diaspóricos caracterizam-se pela dispersão e separação de uma “homeland”, ou seja, uma terra natal. Neste estudo, entendemos por terra natal não necessariamente a “mãe África” (termo constantemente debatido entre os estudiosos da área, presente em obras literárias como *Homem Invisível* (1952), do estadunidense Ralph Ellison), o continente de origem dos africanos escravizados, mas a terra, ou seja, o território em que o negro nasce. Se um indivíduo nasce em Cabo Verde, esta é a sua terra natal, por exemplo.

Isso significa que discordamos duplamente da asseveração de África como terra natal, na medida em que, embora encontremos para o verbete “terra natal” as definições “lugar de origem; pátria, torrão, gleba” (FERREIRA, 2004, p. 1940), crê-se demasiadamente generalizado considerar o continente africano como um “lugar de origem”. Afirmar isso seria contrapor-se ao que Massey propõe como lugar, pois a particularidade do lugar é definida a partir da especificidade das relações socioespaciais. Em outras palavras, considerar a África como o lugar de origem de um sujeito significaria negar as diferenças étnicas do continente, como se também fosse politicamente homogêneo. Não se escuta, por exemplo, um brasileiro dizer que a América é sua terra natal, exceto em contextos específicos, a fim de enfatizar a parte do mundo de onde um indivíduo se origina. Embora seja possível atualmente ouvir, informalmente ou mesmo em monólogos planejados (como transmissão televisiva de jornais), que um sujeito é americano, esse posicionamento é deturpado, pois fixa uma nação não como dominadora do continente, mas como dominante (é o poder simbólico cingindo não as diferenças de classes, mas a união de vários grupos que compartilham uma supervalorização territorial de sua nação, tentando “envenenar” outras nações). É um comportamento do transnacionalismo propagando a nacionalidade e o nacionalismo “americano” nos próprios

⁸⁷ Ver página 27, capítulo II.

territórios nacionais como categoria de identificação diferenciada. Por isso, preferimos vincular o “lugar de origem” à pátria ou ao território de nascimento.

Em segundo lugar porque defender a África como terra natal do negro é delimitar sua origem exclusiva, e, para isso, teríamos que negar os movimentos da *Middle Passage* (ao cruzar o Atlântico, participando coagidamente das trocas culturais), e outras formas de travessia. Clifford (1994, p. 307) questiona o posicionamento político utilizado com expressões como “Mãe África”, afirmando que “uma das formas mais violentas de articulações de pureza e exclusão racial originam-se de populações diaspóricas. No entanto, estes discursos são geralmente recursos utilizados pelos (relativamente) fracos”⁸⁸.

Dessa forma estaríamos propondo o inverso, fixando o lugar para lugares além, dentro de um só corte territorial (o continente), e não transnacionalista, isto é, como fluxo (in)voluntário de pessoas de nações-estados diferentes. Apesar das particularidades de cada indivíduo diaspórico, da experiência individual, essas vivências multiterritoriais se intercalam “transnacionalmente” através dos espaços simbólicos e gendrados, os quais distribuem o grau de poder e estabelecem os lugares “apropriados” a cada gênero.

Vendo a terra natal do negro como a África, nós negros estaríamos autoidentificando-nos como sujeitos “fora-do-lugar” ou em “não-lugares”, como se nascer no Brasil, por exemplo, fosse principiar-se em um lugar inadequado, devido ao histórico colonial do país, o qual permanece “manchado” por divisões de classes e uma democracia miticamente igualitária. Esse “não-lugar” inexistente dentro da concepção de “place” proposta pelas geógrafas Massey (1993) e McDowell (1999). O lugar se define por meio das práticas socioespaciais, sendo pensado como uma “representação”, uma imagem visivelmente construída e “duplamente determinada” (BOURDIEU, 2007, p. 13) pelos diversos agentes sociais. Além dos negros, outros grupos ocupam lugares peculiares resultantes das relações espaciais exercidas pelas sociedades. Afirmando como lugar/terra natal do negro a África, apoiamos a continuidade de um rancor imensurável pelos acontecimentos do passado e culpamos todos os outros grupos pela nossa *falta de lugar* no mundo.

Neste estudo, entendemos “homeland” (terra natal) como o território “nacional” em que um negro nasce, sendo *esse* o seu lugar de origem. Concordamos com o que bell hooks afirma na contracapa da obra *Black looks, race and representation* (1992): “É somente no ato e na prática de amor à negritude que nós somos capazes de alcançar e abraçar o mundo sem amargura destrutiva e contínua cólera destrutiva”. Como hooks, não lutamos pelo retorno a

⁸⁸ “[...] some of the most violent articulations of purity and racial exclusivism come from diaspora populations. But such discourses are usually weapons of the (relatively) weak” (Tradução nossa).

um passado remoto, mas por uma transformação da visibilidade do negro, por uma redefinição da imagem do negro e, principalmente, da imagem da mulher negra que perpassa a subjetividade das escritoras e, conseqüentemente, as obras literárias. Esse “lugar” contraproducente presente nas narrativas como reinscrição da realidade deve ser debatido e *revisto*.

Na obra supracitada a feminista negra bell hooks comenta sobre a invisibilidade do povo negro estadunidense quanto à reflexão da raça e da repercussão em massa de como o negro é representado e de como essas imagens se mantém reafirmando o posicionamento excludente, opressor, o lugar não-dominante do negro:

Teorizar a experiência negra nos Estados Unidos é uma tarefa difícil. Socializar-se dentro de sistemas educacionais de supremacia branca e por meios de comunicação de massa, muitas pessoas negras estão convencidas de que as nossas vidas não são complexas, e são, portanto, indignas de análise e reflexão crítica sofisticada [...] a tarefa fundamental de pensadores críticos negros tem sido lutar pela ruptura das formas hegemônicas de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de ver nós mesmos opostamente, de imaginar, descrever, e inventar nós mesmos de maneira que são libertadoras (HOOKS, 1992, p. 2)⁸⁹.

Assim como hooks, Darcy Ribeiro, no livro *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), argumenta sobre a existência de um “racismo assimilacionista” no país, em que a negritude é dissolvida com o intuito de demonstrar uma falsa harmonização social. Para o autor, o aspecto mais perverso do racismo assimilacionista é o fato de ele propor uma imagem de maior sociabilidade, quando, na realidade, desarma o negro para lutar contra a pobreza que lhe é imposta, dissimulando as condições de alarmante violência a que é submetido (RIBEIRO, 1995, p. 226).

4.2 O INERTE EM CONTRAPONTO COM A SEGURANÇA

Da mesma forma que os conceitos de território, espaço e lugar se transformaram quando comparados às definições clássicas e/ou tradicionais, também o sentido do Ser Negro se modificou no olhar dos escritores e escritoras negras. O território, o espaço e o lugar foram (e certamente para alguns ainda são) entendidos como propriedades fixas. Essa estabilidade pode ser encontrada na forma como o negro é *visto* por meio de práticas relacionais. Gaston

⁸⁹ “Theorizing black experience in the United States is a difficult task. Socialized within white supremacist educational systems and by a racist mass media, many black people are convinced that our lives are not complex, and are therefore unworthy of sophisticated critical analysis and reflection [...] a fundamental task of black critical thinkers has been the struggle to break with the hegemonic modes of seeing, thinking and being that block our capacity to see ourselves oppositionally, to imagine, describe, and invent ourselves in ways that are liberatory” (Tradução nossa).

Bachelard, na obra *A poética do espaço* (1996, p. 216), ao discutir, no capítulo IX, a dialética do exterior e do interior, ressalta acerca do exercício de fixar o ser: “Queremos fixar o ser e, ao fixá-lo, queremos transcender todas as situações para dar uma situação de todas as situações. Confrontamos então o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as primitividades”.

Ao “transcender todas as situações” com o intuito de concluir um estado de todas as outras circunstâncias, estabilizamos uma ideia que transporta as experiências a apenas um fim que, quando trágico, pode ser nomeado como o “não-lugar” do sujeito. Dessa forma, o insucesso de Ponciá na cidade deve-se à “falta de lugar” (termo utilizado pela própria autora Evaristo em entrevista à Revista Raça)⁹⁰ da mulher negra na sociedade brasileira, uma vez que, além do ambiente urbano, o campo também não lhe proporcionara aprimoramento social, qualidade e mudança nas condições rotineiras da vida. Por outro lado, a derrota de Florens reside na rejeição de duas pessoas a quem a personagem muito amava.

Os prefixos assinalam como as palavras ilustram os sentimentos dos seres na passagem seguinte, após a segunda maior desilusão da vida de Florens: “Está vendo? Você está certo. A “minha mãe” também. Eu virei fúria, mas também sou Florens. Completa. Imperdoada. Imperdoável. Sem piedade, meu amor. Nenhuma. Ouviu? Escrava. Livre. Me rendo” (MORRISON, 2009, p. 159)⁹¹. Florens não pode perdoar à sua mãe e ao seu amado, assim como este não pode perdoar-lhe. Essa dificuldade de permanência do amor coloca a personagem em um não-lugar que, embora se distinga de Ponciá, visto que esta personagem demonstra maior desejo de crescimento, procurando a alfabetização como “busca” de uma vida melhor, não deixa de afirmar a opressão dominante para com a mulher negra.

Por vezes, ao contrário, em vez de unir-se, as palavras desmembram-se intimamente, desligam-se. Prefixos e sufixos – principalmente os prefixos – separam-se: querem pensar sozinhos (BACHELARD, 1996, p. 217), e, assim o “não-lugar” visível na história narrada, em Evaristo e Morrison, transforma-se em lugar, no nosso estudo: o lugar do negro/o lugar da mulher negra.

É importante notar que conceitos como o espaço, o lugar e “homeland” (“home” = casa, lar, lugar [de origem] + “land” = terra) determinam a maneira como o exterior influencia na configuração do ser, da posição do sujeito perante a sociedade. Essa relação de subsistência acontece porque “o exterior e o interior são ambos *íntimos*; estão sempre prontos

⁹⁰ Ver capítulo III.

⁹¹ “See? You are correct. A minha mãe too. I am become wilderness but I am also Florens. In full. Unforgiven. Unforgiving. No ruth, my love. None. Hear me? Slave. Free. I last.” (Tradução nossa).

a inverter-se, a trocar sua hostilidade” (BACHELARD, 1996, p. 221). Por isso, porventura “home” tenha recebido uma valorização abrangente em termos conceituais. Por envolver condições tanto físicas e espaciais quanto sócio-habituais, “home” não pode ser considerado apenas a casa, ou o lar, mas também o lugar⁹² em que um indivíduo se sente fortemente abraçado pelo contexto circundante, o qual pode variar, alterando-se continuamente com o tempo e com as experiências individuais.

Segundo Terkenli (1995, p. 325), em geral, as pessoas se sentem “at home” consigo mesmas porque estão familiarizadas com suas ações passadas e com suas atividades presentes, sentimentos, preocupações, tendências e intenções, ancoradas no “self” e espacialmente expressas através de geografias espaciais. As pessoas constroem suas geografias de “home” na interface entre o “self” e o mundo delas. Nessa relação, modela-se a ideia de “home”⁹³.

O espaço, portanto, que se organiza através das múltiplas relações sociais, permeia os interiores e os exteriores da casa, do campo, da fazenda, da cidade, ou seja, os espaços presentes em um território; define os lugares por meio das regras construídas integralmente pelo poder. Esses lugares são simbólicos, representam a subjetividade e a particularidade da conjuntura espacial, das multiterritorialidades, transformando-se em “home”.

A correlação entre a matéria, ou seja, o território como espaço geográfico, a terra e o “self”, o sentimento emotivo, da maneira como os acontecimentos do espaço são recebidos na psique, faz com que “home” esteja intimamente ligado ao lugar de origem, a terra natal (“homeland”). Embora o termo “home” seja constantemente criticado como consequência da relação com a definição clássica de diáspora como movimento forçado, exílio, além da lástima de perda resultante da impossibilidade de retornar, esse julgamento deve-se à limitação do que se compreende por “home”, uma vez que esse conceito é permanentemente associado à “homeland” África.

Ao estreitar o valimento de “home” equiparando à “homeland”, conclui-se ser o sentimento de mágoa e dor pelo distanciamento (retomando a relação entre “home” e “away” utilizada em *Diaspora & hybridity*), a verdadeira ânsia dos povos diaspóricos, um aniquilamento traumático. Não podemos, entretanto, reduzir a diáspora somente à travessia “atlântica” dos africanos. O próprio conceito engloba outras complexidades, desde a composição étnica e cultural, até a “absorção” político-econômica e o poder simbólico em

⁹² Ver página capítulo II. O conceito “home” segundo Terkenli (1995, p. 325).

⁹³ “People feel at home with themselves as a rule, because they are familiar with both their past actions and their ongoing activities, feelings, preoccupations, tendencies, and intentions, which are anchored in the self and spatially expressed through personal geographies. People construct their geographies of home at the interface between their self and their world. It is at this interface that the idea of home takes shape” (Tradução nossa).

construção no Novo Mundo, sintetizando a herança histórica dos fatos vivenciados. Todo esse movimento foi passado e mesmo compartilhado pelos descendentes dos negros da África, os quais nasceram na América, em uma *nova* “homeland”.

4.3 O ACONTECIMENTO TRAUMÁTICO E SEU ENCARGO NO “HOME” DO SER

Ao partilhar as mudanças de mobilidade através dos múltiplos espaços e multiterritorialidades, diferentes gerações partem de uma experiência comum, que atravessa as subjetividades (seguindo o pensamento foucaultiano), arritmia das funções físicas e das inquietações do “self”. Hutnyk, Kaur e Kalra (2003) definem essa experiência como “trauma coletivo (embora na “homeland”)”⁹⁴. Observamos, a partir desse critério, que a essência entendida como terra natal (se comparada ao item primeiro) foi amplificada, uma vez que o sentido de coletividade se estende à outra territorialidade, a um lugar de origem cuja originalidade diverge genealogicamente.

Assim como os espaços habitados se transformaram, pode-se afirmar que os constituintes da “homeland” (o lugar de origem territorial e simbólico dos descendentes dos africanos e o lugar de expatriação dos negros africanos) variam de acepção com o tempo. O vínculo do negro com esses novos espaços residenciais apresenta-se claramente na obra de Morrison: Florens, a fim de reencontrar o seu amado, precisa abdicar do único lugar a que a personagem está afeiçoada, da proteção de Lina e do território que a “acolheu”: “Para chegar até você preciso ir embora do único ‘home’, das únicas pessoas que conheço” (MORRISON, 2009, p. 3)⁹⁵. Traduziríamos “home”, nessa passagem, como lar, pois a fazenda de Vaark é apenas um dos lugares de entrada da personagem, uma de suas múltiplas territorialidades. O lugar de Florens (e também de Ponciá) é a especificidade de todos os outros lugares, sua onipresença: esse seria seu “home”.

Da mesma forma, deparamo-nos com a relação intrínseca entre a terra e o ser humano negro, em *Ponciá Vicêncio*. Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, como sua mãe fizera um dia, manteve a tradição enterrando o umbigo de seus filhos no lugar em que nasceram. A tradição, segundo o narrador do romance, era realizada para o bem da criança. Evaristo utiliza a personificação ao considerar como parte integrante da terra o ventre, o qual possui frações do ventre de Ponciá e Luandi:

⁹⁴ Ver capítulo II.

⁹⁵ “To get to you I must leave the only home, the only people I know” (Tradução nossa).

[Maria Vicêncio] preparava-se para se afastar do lugar onde havia nascido. Da terra que guardava o seu umbigo, que ali fora enterrado, selando, pois, a filiação dela com o solo do povoado. Os filhos tinham ido, mas voltariam um dia, seriam chamados. No ventre da terra, pedaços do ventre deles também haviam sido enterrados. Maria Vicêncio repetira com os filhos o mesmo gesto antigo e benéfico que a mãe dela tinha feito com ela um dia (EVARISTO, 2006, p. 106).

Observa-se que o cordão umbilical, além de fazer a ligação entre a mãe e o feto, une a criança à terra, ao seu lugar de origem (“homeland”), formando um grande ciclo entre mãe, filhos, território e, por conseguinte, irmãos, família. O umbigo encravado no território do Coronel Vicêncio garantia o retorno dos filhos de Maria Vicêncio, e assim aconteceu.

No entanto, como vimos em *Diapora & hybridity* (2003), antes do retorno, os sujeitos diaspóricos dividem um trauma enquanto residem na “homeland”. É possível identificá-lo como uma das consequências psíquicas provocadas pela diáspora negra, podendo divergir de um indivíduo para outro. O trauma do avô de Ponciá Vicêncio certamente difere do trauma de seu filho, pai de Ponciá, divergindo do que nós podemos chamar de trauma da protagonista da obra. O trauma de Vô Vicêncio foi presenciar a injustiça dos homens ao infringirem a lei do ventre-livre e forçarem a travessia de três de seus filhos. Além disso, não pode agir contra o poder dominante, incapacitando-se a controlar-se física e psiquicamente, permanecendo imerso naquele território. O trauma do pai de Ponciá, de maneira semelhante às revoltas de Vô Vicêncio, foi viver a escravidão fora de seu contexto histórico, “às entrelinhas” de uma liberdade sombreada:

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço [...] Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. [...]. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? (EVARISTO, 2003, p. 17-18).

Embora mobilize os mesmos questionamentos que seu pai, Ponciá não age como ele, indo à busca desses “outros lugares e trabalhos”, frustrando-se; ao realizar sua travessia, descobre que os espaços urbanos apenas iludem em aparência. O tempo se incumbe de demonstrar as oportunidades precárias para a vida do negro. O trauma de Ponciá, portanto, reside na sua incapacidade de realizar o seu próprio sonho de “reescre(vivência)”⁹⁶ das histórias fracassadas que permeavam a oralidade do povoado Vicêncio.

⁹⁶ O termo escre(vivência) é um termo elaborado por Conceição Evaristo, refere-se ao processo de escrita de mulheres negras que lutam contra os olhares repugnantes que inferiorizam o sujeito feminino e negro. As escritoras negras repassam o conflito de trazer à ficção experiências dificultosas, de miséria, descrença e preconceito. Ponciá “escre(vive)” sua vida a partir do momento em que nasce, mas a “reescre(vive)” no momento em que se põe no intuito de transformá-la.

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantaria a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (EVARISTO, 2006, p. 83).

O trauma de Ponciá se estabelece, portanto, por meio da visibilidade, da revelação de seus próprios olhos e da forma como o negro é enxergado e “acolhido” pela sociedade pós-abolicionista. Esse descobrir-se das *sombras do véu* revela o profundo estreitamento entre o trauma e a desonra (“shame”), pois o sentimento de “shame” surge na interação entre o sujeito com O(s) Outro(s). Entende-se por “shame” o “sentimento desconfortante que se tem quando você faz algo errado ou embaraçoso, ou quando alguém próximo a você o faz” (SINCLAIR, 2006, p. 1326)⁹⁷. Esse sentimento surge em momentos de profunda dor advinda de uma experiência a que o indivíduo é exposto ou se expõe. *Em Quiet as it's kept: shame, trauma and race in the novels of Toni Morrison* (2000), J. Brooks Bouson descreve as características de indivíduos que sofrem “shame”:

Sofredores de “shame” sentem-se de alguma forma profunda inferiores a outros – eles percebem a si mesmos como extremamente fracos e imperfeitos ou como indivíduos ruins ou fracassados – e esse roteiro internalizado de “shame” se desenvolve cedo em interações desonrosas com pais ou outras pessoas significantes. “Shamed” indivíduos podem vivenciar um “breve instante de sentimento doloroso” – um susto ou um golpe de dor – seguido por uma compulsiva e frequentemente repetitiva “repetição” da cena desonrosa, geralmente em cenários em que “shamed” indivíduos imaginam a si mesmos respondendo ao episódio desonroso de uma maneira mais satisfatória (SCHEFF, 110-11 apud BOUSON, 2000, p. 10)⁹⁸.

Pode-se considerar, em Ponciá, o sentimento “shame” o fato de a personagem ter abandonado sua mãe e irmão, sem despedidas, sem explicar que seu verdadeiro objetivo era tentar mudar de vida, comprar uma casinha e retornar para buscá-los (como vimos no capítulo anterior). É possível enquadrar Ponciá dentro dessas descrições de “shame” apenas se avaliamos a dor da personagem por ter falhado no seu objetivo principal: adaptar-se fisicamente às normas urbanas e retornar ao campo para levar os seus. A grande experiência

⁹⁷ “[...] uncomfortable feeling that you get when you have done something wrong or embarrassing, or when someone close to you has” (Tradução nossa).

⁹⁸ “Shame sufferers feel in some profound way inferior to others – they perceive themselves as deeply flawed and defective or as bad individuals or as failures – and this internalized shame script grows out of early shaming interactions with parents or significant others. Shamed individuals may experience a “brief moment of painful feeling” – a jolt or jab of pain – followed by a compulsive and often repetitive “replaying” of the shaming scene, often in scenarios in which shamed individuals imagine themselves responding to the shaming incident in a more satisfactory way” (Tradução nossa).

traumática de Ponciá reside na não resposta da expectativa que a cidade poderia oferecer-lhe e, principalmente, no não encontro de sua mãe e seu irmão ao retornar ao campo. Esses acontecimentos contribuem para o desarranjo psicológico de Ponciá. Em sua solidão, as lembranças que rodeiam os pensamentos de Ponciá são os momentos com a mãe fazendo trabalhos com o barro, com o irmão chegando/indo trabalhar e não sua fuga à cidade.

Imaginando outras possibilidades futuras, Ponciá não tem forças para reverter os fatos, passa pelo sentimento de “shame” por repetir a história dos seus embora em “homeland”, no seu lugar de origem. Pensando por esse aspecto, seu trauma é coletivo; analisando as características particulares da vida da personagem, é individual. Ao contrário de outras mulheres negras, as quais se encontravam frequentemente grávidas com outros filhos ocupando os espaços dominantes, Ponciá paria, mas seus filhos jamais vingaram, sete morreram. Sofrera, a princípio, mas logo rezava para que os seus não vivessem esse dualismo multiterritorial tão semelhante:

Ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse [...] Lembra-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pai-a-pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que vivam. E esta era a condição de muitos [...] Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se faltar de miséria, e com o coração a sobrar de esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez (EVARISTO, 2006, p. 82).

Além do insucesso por meios trabalhistas, a não maternidade realizada de Ponciá confirma o lugar do negro nessa sociedade, ou melhor, o não-lugar da mulher negra, como propõe a própria escritora. Em seu artigo “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face”, Conceição Evaristo afirma não concordar com a representação literária da mulher negra como mulher-mãe, preferindo seguir o modelo de personagens da literatura brasileira como Rita Baiana e Gabriela, as quais não “geram descendência” (MOREIRA & SCHNEIDER, 2005, p. 202).

Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e de Maria e que corpo da mulher *se salva* pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido [...] O que se argumenta aqui é o que essa falta de representação materna para a mulher negra na literatura brasileira pode significar. Estaria a literatura, assim como a história, produzindo um apagamento ou destacando determinados aspectos em detrimento de outros, e assim ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira? (MOREIRA & SCHNEIDER, 2005, p. 202).

Essa incapacidade reprodutiva é um fator determinante para “fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido”; em outras palavras, um mal que não se pode resgatar. No artigo supracitado, Evaristo abre a discussão para o significado de sua própria escolha na criação literária. Entretanto, a reflexão proposta pela autora parece ser clara a nosso ver. Podemos explicá-la a partir das palavras usadas no trecho acima. Evaristo utiliza os substantivos “ausência” e “falta” para nomear a não representação materna da mulher negra. Como vimos no segundo capítulo⁹⁹, esses vocábulos definem, na cultura ocidental, o espaço, o qual é codificado como feminino. Dentro desse paradigma, Evaristo reproduz equivocadamente o fundamentalismo da cultura ocidental, uma vez que a definição de espaço não nega o conceito de lugar e, portanto, sua unicidade. Assim, a autora brasileira negra afirma o lugar *carente* da mulher negra brasileira.

O não consentimento da vida dos filhos de Ponciá pode ser compreendido como uma arguição sobre “os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira”. Evaristo cria uma personagem que não deseja expor sequer um de seus descendentes às condições sociais oferecidas nesse imenso território (talvez pelo trauma – individual – de ter vivido a miséria e a pobreza, talvez pelo trauma de ver seus primeiros filhos nascerem mortos), produzindo, dessa forma, um “apagamento” desse valor de manutenção das origens sanguíneas. Acreditamos, porém, simultaneamente, na importância do que essa escolha possa causar nas mentes pensantes do meio acadêmico, as quais espalham (e espalharão) esse debate para os principiantes reforçando a permanência da discussão, revendo-a criticamente de acordo com as mudanças espaciais e multiterritoriais.

Fala-se em trauma individual de Ponciá porque a maneira como cada personagem vivencia seu próprio deslocamento diverge em delicados aspectos, da forma como a sociedade responde aos desejos e às expectativas de cada indivíduo. A experiência de Ponciá na cidade distingue-se da experiência de seu irmão Luandi e da experiência de sua mãe Maria Vicêncio. Enquanto esta se dirigiu justamente ao soldado Nestor, amigo de Luandi, ao chegar à estação de trem da cidade, encontrando logo seu filho, este passou tempos limpando a delegacia antes de virar soldado, descobrindo que a violência também existia na cidade; e Ponciá recolheu-se em seu silêncio interior exteriorizado pelos risos e prantos herdados de seu avô.

Entretanto, os choros e risos de Ponciá não são apenas as lágrimas e os sorrisos de Vô Vicêncio. Enquanto estava grávida de Ponciá, Maria Vicêncio escutou o pranto da filha em seu ventre, em silêncio, guardando a particularidade da filha para si. No reencontro com a

⁹⁹ Ver páginas 42 e 43.

filha na cidade, a mãe viu “no rosto sofrente” as “feições de mulher” e, por alguns instantes, viu também “outras faces, não só a de Vô Vicêncio”, visitando o rosto de Ponciá, reconhecendo todas, “mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espaço. Lá estava a sua menina única e múltipla” (EVARISTO, 2006, p. 125). A citação seguinte demonstra que “homeland” sobrevém a uma relação mais íntima, unida por uma veste que floresce a fim de estabelecer a comunicação secreta entre filho e mãe. Ao nascer, esta veste é rompida, permanecendo-se ligada na visibilidade dos olhos sensíveis à maternidade:

Maria Vicêncio se lembrou do primeiro sinal recebido de que a menina não era de sua pertença. Fez do acontecido um assunto calado [...] Uma manhã, Maria Vicêncio acordou ouvindo choro de criança. Apurou os ouvidos. E na atenção da escuta, o susto. O choro vinha de dentro dela. A criança chorava no interior de seu ventre. Alisou a barriga acarinhando a filha que ali cumpria o tempo de ser, sentiu movimentos e soluços [...] Como aliviar o choro de um rebento ainda guardado, mas tão suplicante, que parecia conhecer as dores infindas do mundo? Caminhou intuitivamente para o rio e à medida que adentrava nas águas, a dor experimentada pela filha se fazia ouvir de maneira mais calam. Ponciá Vicêncio chorou três dias seguidos na barriga da mãe [...] nunca soube de suas lágrimas vertidas e misturadas às águas placentárias de sua mãe. Maria Vicêncio sempre cuidou de guardas o segredo para o bem da menina, pois quem pranteia no ventre materno nunca há de saber (EVARISTO, 2006, p. 124-125).

Observa-se a proteção oferecida por Maria Vicêncio. A mãe, concluímos, não é apenas o veículo da procriação, mas o abrigo do indivíduo, o que Theano Terkenli nomeia como “home”. Essa é a terceira dimensão de “home”, segundo a geógrafa, a qual envolve os componentes sociais. A primeira, o “self”, une passado e presente, e a segunda dimensão é o tempo histórico, que se destaca pela repetição de fatos em determinados contextos:

O primeiro “home” é a mãe. Mais tarde na vida, associações sociais amplas e complexas se expandem e reforçam o sentido de “home”. “Homes” particulares podem estar minuciosamente ligadas e articuladas por associações familiares e comunais. “Homes” coletivos podem ser delineados por parâmetros étnicos, nacionalistas, cívicos, ou ideológicos [...] os humanos definem a si mesmos em relação ao outro [...] Os indivíduos definem e redefinem seus “lifeworlds” como “home” designando o não-familiar ou o estrangeiro ao “deles”, o outro, quem quer que possa ser, e criando uma distância entre os dois lados. O sentido de personalização do ambiente mais próximo é expresso como alguma medida de controle ou identificação que transforma o lugar em “home” (TERKENLI, 1995, p. 326)¹⁰⁰.

Atentemo-nos para as definições de Terkenli: em momento algum “home” é considerado como a “casa” ou o “lar”. Ao iniciar sua chegada ao mundo, o indivíduo se

¹⁰⁰ “The first home is the mother. Later in life, broad and complex social associations expand and reinforce the sense of home. Personal homes may be closely linked to and articulated by familial and communal associations. Collective homes may be delineated by ethnic, nationalistic, civic, or ideological parameters [...] humans define themselves relative to an other [...] Individuals defined and redefine their lifeworlds as home by assigning the unfamiliar or the foreign to “them”, the other, whoever they may be, and by creating a distance between the two sides. The sense of personalization of the immediate environment is expressed as some measure of control or identification that transforms place into home”(Tradução nossa).

abriga no ventre da mãe, sendo esse seu primeiro “home”, seu primeiro lugar de acolhimento. O “home” particular de Ponciá está diretamente ligado com a mãe e com seu irmão, ou seja, sua família, e logo, com o território Vicêncio, com o espaço das águas do rio, sua identificação com a natureza. Ponciá separou o campo da cidade “criando uma distância entre os dois lados” com suas lembranças do passado e com seu desejo de reviver essas lembranças. Em seu silêncio, havia apenas lugar para o passado, para o campo, e em seu barraco, Ponciá personalizou sua nova casa, transformando esse novo lugar em seu verdadeiro “home”, com os espaços familiares e confortantes ao seu “self”.

Seguindo essa proposta de a mãe significar o primeiro “home” do indivíduo, analisaremos a possibilidade de encontrar o trauma coletivo, embora na “homeland” (proposto por HUTNYK et al.) presente em *A Mercy*, destacamos o trauma individual da personagem protagonista Florens.

Inicialmente, precisamos ressaltar que, embora o Novo Mundo seja o “homeland” de Florens, não o território de origem de sua mãe. Entretanto, esse território passa a ser o lugar de origem de sua mãe, como é de Florens. Enquanto Florens esteve com sua mãe em Maryland, o espaço residencial das duas era a casa do Senhor D’Ortega. Afinal, “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1996, p. 25). Embora o termo casa não carregue em seu cerne a noção de “home”, pode-se afirmar que “todo espaço realmente habitado” constitui “home”, visto que transporta os componentes relacionais e os agentes sociais para a formação individual, o “self”. Mãe e filha trabalhavam na cozinha da casa dos Senhores D’Ortega, Florens colhia quiabo e varria barracão de tabaco (como vimos no capítulo anterior).

A narrativa de *A Mercy* inicia-se não com a confissão da narradora, Florens, a protagonista da obra, mas começa com um sentimento que não chamaríamos arrependimento – uma vez que a atitude da personagem pode ser explicada pela correlação entre passado e presente no “self” de Florens, pela repetição de eventos –, e sim daquilo que Bouson (2000) aponta como “shame”: Florens principia sua escrita com um acontecimento descrito apenas ao final da narrativa, quando ela violenta a criança Malaik por medo de perder seu amado. A princípio, não sabemos exatamente para quem Florens escreve: se para o seu amado, se para sua mãe, ou se a narradora escreve, em realidade, para ao leitor:

Não tenha medo. Eu dizer não vai te ferir, apesar do que fiz, e eu prometo ficar deitada em silêncio no escuro – chorando talvez, ou de vez em quando vendo o sangue de novo – mas eu nunca mais vou desdobrar meus membros para levantar e exibir meus dentes. Eu explico [...] Coisas mais estranhas acontecem o tempo todo em toda parte. Você sabe. Eu sei que você sabe. Uma questão é quem é responsável?

Outra é você sabe ler? Se a fêmea do pavão se recusa a chocar, eu leio isso depressa e, claro, essa noite eu vejo a “minha mãe” parada de mãos dadas com o filho dela, meus sapatos enchendo o bolso do avental dela. Outros sinais precisam de mais tempo para serem compreendidos [...] Deixa eu começar pelo que sei de certo. O começo começa com os sapatos (MORRISON, 2009, p. 2-3)¹⁰¹.

Posteriormente, Florens narra as razões para a sua primeira travessia a caminho da fazenda de Vaark e as outras travessias subseqüentes causadas por intermédio de sua condição de escrava negra. Para contar sua história, Florens precisa do escuro, precisa manter a “sombra” de seu “véu” na mesma incidência que sua dor, do sentimento de “shame” que faz a personagem se recolher, enclausurando-se na obscuridade. Como o homem invisível de Ralph Ellison, personagem que escolhe viver no “espaço” de um buraco – embora um ambiente não iluminado e, por conseguinte, frio, o homem invisível ainda assim sente um imenso desejo de retornar à luz –, Florens se tranca em um quarto escuro, à noite, para expor as suas angústias:

Lembro-me então de que as verdadeiras trevas são estas, no interior da minha própria mente – e a ideia de voltar se perde nas sombras. A vontade, contudo, permanece. Às vezes, sinto necessidade de demarcar tudo de novo, aquele território de infelicidade, todas aquelas coisa que eu um dia amei e deixei de amar (ELLISON, 1990, p. 497).

Florens reconhece-se ruim, imperfeita e fraca por ter violentado uma criança, por isso essa cena volta, “de vez em quando” à mente da personagem: Florens sofre “shame” por admitir seu comportamento fracassado. Assim, pode-se dizer que toda vez que Florens vê “o sangue de novo”, a personagem vivencia um “breve instante de sentimento doloroso”. Entretanto, não podemos considerar como uma “breve” dor um acontecimento que leva a personagem a relatar seu sofrimento durante a madrugada, às escondidas, com o intuito de reconstruir a experiência que baseia sua atitude inconsciente: a oferta da mãe pela filha e a conseqüente proteção e escolha do filho menor. Diferentemente de Ponciá, Florens revive no processo de sua escrita, principalmente, a repetição da cena desonrosa; e como ela mesma afirma, a maneira como responde a esse episódio a deprime expressivamente, não havendo satisfação ou alívio no ato de escre(vivência).

No decorrer da narrativa, asseguramo-nos de que a escrita é para sua mãe que a abandonou, mas descobrimos, a caminho do fim, o valor e o destino desse “desabafo”: seu

¹⁰¹ “Don’t be afraid. My telling can’t hurt you in spite of what I have done and I promise to lie quietly in the dark – weeping perhaps or occasionally seeing the blood once more – but I will never again unfold my limbs to rise up and bare teeth. I explain [...] Stranger things happen all the time everywhere. You know. I know you know. One question is who is responsible? Another is can you read? If a pea hen refuses to brood I read it quickly and, sure enough, that night I see a minha mãe standing hand in hand with her little boy, my shoes jamming the pocket of her apron. Other signs need more time to understand [...] Let me start with what I know for certain. The beginning begins with the shoes” (Tradução nossa).

amado. Ao relatar minuciosamente suas travessias, Florens tenta justificar seu comportamento hostil ao seu amado, pelo trauma ao qual fora exposta no primeiro setênio de sua vida. Florens sabe que “mães alimentando bebês famintos”¹⁰² assustam-na, sabe “como ficam os olhos delas quando elas escolhem. Como elas levantam os olhos para olhar”¹⁰³ duro para ela, “dizendo alguma coisa”¹⁰⁴ que ela não pode ouvir. “Dizendo algo importante para”¹⁰⁵ ela, “mas segurando a mão do menininho”¹⁰⁶ (MORRISON, 2009, p. 6).

É importante ressaltar que Morrison não descreve um espaço residencial de exclusividade para Florens, a mãe e o irmão, como uma cabana ou uma choupana. Não havendo a casa estabelecida e fixada como entidade familiar, não podemos considerar, como propõe Bachelard (1996, p. 24), que a casa é o “primeiro universo” do indivíduo. Para Bachelard, a casa é sinônimo de abrigo e proteção, assim como vemos o sujeito feminino capacitado funcionalmente para a maternidade.

a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente [...] Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano [...] A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa (BACHELARD, 1996, p. 26).

Certamente, ao avaliar as percepções embutidas na casa, o filósofo francês não ponderou sobre as diversas condições de diferentes sujeitos ou grupo de indivíduos, nas mais complexas situações e contextos históricos. Que tipo de abrigo é oferecido ao desabrigado, além de seus pensamentos, de suas lembranças, ou de sua imaginação? Questionamos também os lares em que a casa organiza-se como o espaço da opressão, da dominação e da coação, vinculados diretamente as determinações familiares impostas. Essas casas certamente agasalham os sujeitos de uma maneira muito particular: cobrindo-os como o orvalho veste a superfície terrestre à noite, não para umedecê-los, contribuindo com a energia equilibrada do dia seguinte – assim como as gotas do orvalho cooperaram com nível da umidade relativa do ar –, mas para resfriá-los, mantendo-os com uma mancha úmida e densa que, apesar do contato com do calor do sol, da luminosidade natural, permanece marcado.

A feminista bell hooks discute especificamente as problemáticas sociais circundantes no espaço feminino negro, não deixando de debater o posicionamento das mulheres negras em

¹⁰² “mothers nursing greedy babies” (Tradução nossa).

¹⁰³ “how their eyes go when they choose. How they raise them to look” (Tradução nossa).

¹⁰⁴ “saying something” (Tradução nossa).

¹⁰⁵ “Saying something important to” (Tradução nossa).

¹⁰⁶ “but holding the little boy’s hand” (Tradução nossa).

relação ao homem, aos filhos. Na obra “Talking back: thinking feminist, thinking black” (1989), hooks destaca a necessidade de avaliar todas as formas de abuso físico, não apenas o abuso de mulheres por homens, analisando a grande diferença entre ser violentado por um estranho e sofrer abuso de alguém com o qual mantém-se uma relação próxima, íntima ou amorosa.

Poucas pessoas que apanham uma vez por alguém que elas amam respondem da maneira que elas deveriam a uma agressão física singular por um estranho [...] Frequentemente, pais mulheres usam o abuso físico como meio de controle [...] Crianças que são vítimas de abuso físico – seja uma surra ou repetidas surras, um empurrão ou vários – cujas feridas são causada por alguém amado, vivenciam uma sensação de extremo deslocamento. O mundo que um [a criança] conheceu mais intimamente, em que ela se sentia relativamente salva e segura, desabou. E outro mundo surge ao ser, um mundo repleto por terrores, onde é difícil distinguir entre uma situação segura ou perigosa, um gesto de amor e uma cena violenta, desafetuosa. Há um sentimento de vulnerabilidade, de sentir-se exposto, que nunca vai embora [...] Quando parceiros criam cenários de abuso semelhante, se não exatamente idêntico àqueles que nós vivenciamos na infância, a pessoa ferida é machucada não apenas pela dor física, mas pelo sentimento de traição programada. Traição. Quando nós somos fisicamente feridos por pessoas queridas, nós nos sentimos traídos. Não podemos mais confiar que esse cuidado possa ser sustentado. Estamos feridos, prejudicados, machucados em nossos corações (HOOKS, 1989, p. 85-86)¹⁰⁷.

Embora Florens não tenha sofrido agressões físicas de sua mãe, a personagem entende suas palavras tenebrosas quando esta a oferece a Vaark. Um mundo de terrores se abre a Florens, assim como também se inicia a uma criança (ou a alguém) que recebe a tormenta de abusos físicos, os quais influem diretamente no psicológico do indivíduo, fazendo-o repetir a dor das agressões e o sentimento proporcionado por estas. Introduce-se o sentimento de “vulnerabilidade, de sentir-se exposto”, um sentimento que “nunca vai embora”, sendo essa vulnerabilidade e essa exposição à forma sensível da fraqueza. Assim como uma criança é impedida completamente de reagir à força física de um adulto, sendo impossibilitada a executar o retorno agressivo como manifestação de sua revolta e autodefesa, esta também é obstruída a reagir contra a autoridade materna (ou paterna). E em tempos de escravidão, criança ou adulto pouco poderia resistir a algum comando, salvo os fugitivos e fugazes, pois

¹⁰⁷“Few people who are hit once by someone they love respond in the way they might to a singular physical assault by a stranger [...] Often female parents use physical abuse as a means of control [...] Children who are the victims of physical abuse – whether one beating or repeated beatings, one violent push or several – whose wounds are inflicted by a loved one, experience an extreme sense of dislocation. The world one has most intimately known, in which one felt relatively safe and secure, has collapsed. Another world has come into being, one filled with terrors, where it is difficult to distinguish between a safe situation and a dangerous one, a gesture of love and a violent, uncaring scene. There is a feeling of vulnerability, exposure, that never goes away [...] When partners create scenarios of abuse similar, if not exactly the same, to those we have experienced in childhood, the wounded person is hurt not only by the physical pain but by the feeling of calculated betrayal. Betrayal. When we are physically hurt by loved ones, we feel betrayed. We can no longer trust that care can be sustained. We are wounded, damaged – hurt to our hearts” (Tradução nossa).

aqueles que se mantinham aprisionados no território dos brancos, uma vez que se rebelassem certamente, colheriam dolorosamente as consequências de seus atos indisciplinados e imperdoáveis.

O novo mundo de terror aberto a Florens é observável em seus olhos quando a “minha mãe” implora por levar sua própria filha. Nesse momento, Jacob interrompeu suas risadas ao ver aquelas “perninhas subindo como duas varas de sarça dos sapatos surrados e estragados” e “olhou para ela, desviando o olhar dos pés da criança, sua boca ainda cheia de riso, e foi tocado pelo terror nos olhos dela. Seu riso terminou num rangido” (MORRISON, 2009, p. 24)¹⁰⁸. Seguramente o termo “bramble” (sarça, termo que designa plantas espinhosas) utilizado por Morrison não se refere à maneira rude da escrava negra Florens, mas sim à dificuldade da criança em equilibrar-se em sapatos de “dama portuguesa” (Senhora D’Ortega).

Entretanto, a criança Florens sente-se como uma sarça repudiada pela mãe: somente um adulto poderia enjeitar uma planta espinhosa, pois sabe que ela pode ferir e machucar; uma criança dificilmente se recusaria a tocar uma sarça visto que o seu pensar ocupa um lugar posterior ao sentir e ao fazer. Da mesma maneira que Jacob Vaark visualizou o arbusto espinhoso, a mãe de Florens assim também a enxergava, pois a filha não compreendia que aqueles sapatos dotavam-se de um poder simbólico que não seria atribuído à mulher negra. Já sabemos, porém que “minha mãe” desejava o bem da filha. Impossível, no entanto, fazer com que Florens reconheça o gesto de amor da filha em meio a um comportamento de agressão *verbal*, submerso nesse “outro mundo”.

Certamente, o “terror nos olhos” de Florens confirma o primeiro “home” da personagem: a mãe, um “home” semelhante àqueles revestidos pela violência física. Esse “home” materno apresenta-se não como refúgio, isto é, lugar seguro e protegido, nem mesmo como prisão, cárcere familiar privado, mas como uma armadilha. “Minha mãe” e seu bebezinho de colo é toda conjuntura familiar de Florens. Por isso a personagem revive essa escre(vivência) nas “trevas” de sua “prisão”, a negritude, as quais fecharam em torno da vida da personagem, assim como se fecha para todos “os filhos da noite”, que devem “labutar sempre e mais no escuro” (DU BOIS, 1999, p. 53).

O termo negritude utilizado até o exato instante, porém, não se enquadra à concepção defendida por Morrison. Para a autora, a negritude é uma categoria construída socialmente,

¹⁰⁸ “little legs rising like two bramble sticks from the bashed and broken shoes [...] [Jacob] looked up at her, away from the child’s feet, his mouth still open with laughter, and was struck by the terror in her eyes. His laugh creaking to a close” (Tradução nossa).

um fato social presente pela sociedade “racializada”. A raça para a escritora constitui-se por uma simples categoria vazia, embora forte (BOUSON, 2000, p. 17). Entretanto, é possível identificar em Florens o ideal do conceito proposto por Cesáire (1939). Ao escrever *A Mercy*, no quarto quase às escuras, Florens afirma seu próprio ser, assim como concebe Cesáire (na epígrafe que inicia esse capítulo), mostrando que sua negritude não é uma “pedra, surdez”, apesar de ser “arremessada contra o clamor do dia”, tendo, como Du Bois, que “labutar” à noite. Sua negritude fala através de suas palavras cuidadosamente transcritas com a ajuda da “luz do lampião”, que “é muito pequena para ver” (MORRISON, 2009, p. 158). A negritude de Florens evidentemente não é uma “torre ou uma catedral”, exalando grandeza, beleza, e presença em um território. É, sim, uma “torre” construída em tempos de guerra, para defender seu “self”, proteger a si mesma das amarguras que a vida lhe proporcionou. É uma negritude que “mergulha”, sim, na “carne vermelha do solo”, na “carne ardente do céu”, rompendo o desânimo com sua “justa paciência” de espera pelo seu amado, para que ele possa entrar nesse quarto e mergulhar também nessa compaixão:

Enquanto o “contexto social em que os bebês humanos nascerem dependerem da família como proteção primordial contra o trauma”, escreve Elizabeth Waites, a “frequente suposição de que as famílias protegem os melhores interesses das crianças torna-se tão oportuna que isso geralmente passa a ser uma barreira contra o reconhecimento do potencial traumático das próprias famílias” (1996, p. 69 apud BOUSON, 2000, p. 8)¹⁰⁹.

Acreditamos ser extremamente complicado legar a responsabilidade de proteção à criança a outrem senão a família. Com significativas exceções, a família é experiente o bastante para julgar o necessário a uma criança; ela vivencia as determinações dos mais diversos e complexos espaços sociais, conhece o poder simbólico que esses espaços carregam caracterizando os lugares. A “minha mãe” sabia que “não existia proteção”, sabia que Florens estava fazendo ser *vista*, “apressando seus seios e apressando também os lábios de um velho casal [O Senhor e a Senhora D’Ortega]” (MORRISON, 2009, p. 160)¹¹⁰. A mãe de Florens, portanto, não desejava à filha o dever de realizar como escrava os “favores” sexuais que ela mesma fazia. Até esse instante da vida de Florens, ela, o seu “home”, seu abrigo, sua proteção.

¹⁰⁹ “While the “social context into which human babies are born relies on the family as a primary buffer against trauma,” writes Elizabeth Waites, the “often correct assumption that families protect the best interests of children is so expedient that it often becomes a barrier against recognizing the traumatic potential of families themselves” (Tradução nossa).

¹¹⁰ “There was no protection [...] hurrying up your breasts and hurrying also the lips of an old married couple” (Tradução nossa).

A negritude para Cesáire (2010, p. 20), entretanto, é para os negros uma forma de “afirmação” e “reafirmação” de “um “si” grupal”, e esse ““si” grupal” idealizado por Morrison se apresenta como um olhar para o outro, para o negro, para o nativo estadunidense, para o branco. Assim como Florens sofre o trauma de (mudemos o termo) ter que ser abandonada pela mãe, tornando-se órfã, outros personagens passam por situações dolorosas similares de deslocamento territorial. Começamos pelo próprio fazendeiro anglo-holandês, Jacob Vaark, o “branco” que conhece claramente o sentimento do abandono:

Um tio que ele nunca tinha visto do lado da família que o abandonara morreu e deixou-lhe uns cinquenta hectares de uma propriedade inativa em um clima que ele preferia bastante [...] Apesar da longa viagem em três veleiros por três diferentes cursos d’água [...] Respirar o ar de um mundo tão novo [...] sempre o revigora [...] Agora ali estava ele, um pobre órfão se transforma em dono de terras, inventando um lugar de lugar nenhum, uma vida moderada de uma vida crua (MORRISON, 2009, p. 9-10)¹¹¹.

O novo território, essa púbere espacial, recebe, dessa forma, o nome de “lugar”, “um lugar” definindo seu “home”, o novo abrigo do órfão Jacob. Este, portanto, encarrega-se de providenciar uma esposa para ajudá-lo a cuidar de sua propriedade. Também foi abandonada pelos pais, Rebekka foi vendida, para alívio de seu pai, de não ter que suportar sua inútil presença feminina.

Já com dezesseis anos, ela sabia que seu pai a teria despachado para qualquer um que pagasse a passagem e o aliviasse de alimentá-la. Homem do mar, ele estava a par de todas as notícias através dos colegas, e quando um tripulante repassou uma consulta do primeiro-imediato – em busca de uma esposa casta, saudável, disposta a viajar para o exterior –, ele depressa ofereceu sua menina mais velha. A teimosa, aquela de muitas perguntas e boca rebelde. A mãe de Rebekka era contra a “venda”-ela chamava assim porque o possível noivo tinha enfatizado que ia “reembolsar” pelas roupas, despesas e uns poucos suprimentos [...] Daí o casamento com um marido desconhecido numa terra longínqua ter nítidas vantagens: separação de uma mãe que mal escapara do mergulho do lago; de irmãos homens que trabalhavam dia e noite com seu pai e aprendiam com ele a atitude de repúdio à irmã que tinha ajudado a criá-los; mas especialmente escapar dos olhares maliciosos e das mãos rudes de qualquer homem [...] com quem pudesse encontrar. América. Fosse qual fosse o perigo, como poderia ser pior? (MORRISON, 2009, p. 72-76)¹¹².

¹¹¹ “An uncle he had never met from the side of his family that had abandoned him died and left him one hundred and twenty acres of dormant patroonship in a climate he much preferred [...] Despite the long sail in three vessels down three different bodies of water [...] Breathing the air of a world so new [...] revigorate him [...] Now here he was, a ratty orphan become landowner, making a place out of no place, a temperate living from raw life” (Tradução nossa).

¹¹² “Already sixteen, she knew her father would have shipped her off to anyone who would book her passage and relieve him of feeding her. A waterwoman, he was privy to all sorts of news from colleagues, and when a crewman passed along an inquiry from a first mate – a search for a healthy, chaste wife willing to travel abroad – he was quick to offer his eldest girl. The stubborn one, the one with too many questions and a rebellious mouth. Rebekka’s mother objected to the “sale” – she called it that because the prospective groom had stressed “reimbursement” for clothing, expenses and a few supplies [...] Hence marriage to an unknown husband in a far-off land had barely escaped the ducking pond; from male siblings who worked days and nights with her father learned from him their dismissive attitude toward the sister who had helped rear them; but especially escape

Uma vez sendo “home”, as “representações do “self” ou do grupo” (TERKENLI, 1995, p. 327)¹¹³, Rebekka vivencia as desvantagens do território que a circunda, dos espaços que a reprimem e a ameaçam. Esse “home” não a acolhe, é preferível, portanto, fazer-se órfã. Embora Rebekka tenha uma casa e uma família, logo, um lar, a receptividade deste e de outros espaços não são seguros o bastante para que a menina “teimosa” questione a sua travessia. Rebekka escolhe a submissão como esperança da busca por um lugar (“place”) melhor no mundo. Mas nem todas as pessoas reconhecem a verdadeira essência de “home”,

para a maioria das pessoas o sentido mais forte de “home” coincide espacialmente com o lugar de domicílio. Partindo desse fato, o sentido pode gradativamente atenuar o externo: uma vizinhança, por exemplo, pode parecer mais como “home” que um centro comercial no limite de um subúrbio e menos “home” que a casa propriamente dita. “Home” é um termo multidimensional profundamente simbólico que não pode ser mapeado exclusivamente como um conceito espacial, mas pode ser representado como um aspecto do território emocional humano (Bunkse 1990). “Home” como uma expressão da identidade pessoal ou do grupo é geograficamente transportável na busca humana por um lugar no mundo, um ponto de referência (TERKENLI, 1995, p. 327)¹¹⁴.

Escravos, porém, têm a liberdade restringida, não obtendo o direito de busca geográfico-simbólica pelo seu lugar no mundo: “home”, nem mesmo a oportunidade, em geral, para a evasão. Na fazenda dos Vaark, além de Florens, havia a escrava negra Sorrow,¹¹⁵ também aceita uma década antes por Jacob como pagamento de uma dívida; dívida que o próprio Jacob fizera, entretanto. A aquisição de Florens e de Sorrow “poderia ser vista como um resgate” (MORRISON, 2009, p. 32)¹¹⁶.

Herdar terras abrandou não apenas a tristeza de ser malnascido como a de ser rejeitado. Porém, ele continuou sentindo um perturbador latejar de piedade por órfãos e desgarrados, lembrando bem a triste abundância deles e de si próprio em mercados, vielas, becos e portos de cada região por onde viajou. Uma vez achara difícil recusar quando chamado a resgatar uma criança perdida, indesejada. Dez anos fazia que um serrador pedira que tirasse de suas mãos uma menina carrancuda, de cabelo cacheado que ele havia encontrado meio morta na margem do rio. Jacob concordou, contanto que o serrador abatesse o preço da madeira que estava comprando (MORRISON, 2009, p. 31)¹¹⁷.

from the leers and rude hand of any man [...] she might walk by. America, What-ever danger, how could it possibly be worse?”(Tradução nossa).

¹¹³ “representations of the self or the group” (Tradução nossa).

¹¹⁴ “for most people the strongest sense of home coincides spatially with the site of the domicile. From there the sense may gradually attenuate outward: a neighborhood, for instance, may feel more like home than does a mall at the edge of the suburb but less like home than the house itself. Home is a multidimensional and profoundly symbolic term that cannot be mapped as an exclusively spatial concept, but it can be depicted as one aspect of human emotional territory (Bunkse 1990). Home as an expression of personal or group identity is geographically transportable in the human quest for a place in the world, a point of reference” (Tradução nossa).

¹¹⁵ “Sorrow” significa *tristeza*, em português.

¹¹⁶ “could be seen as rescue” (Tradução nossa).

¹¹⁷ “Inheriting land softened the chagrin of being both misborn and disowned. Yet he continued to feel a disturbing pulse of pity for orphans and strays, remembering well their and his own sad teeming in the markets, lanes, alleyways and ports of every region he traveled. Once before he found it hard to refuse when called on to

A vida certamente colaborou para que se reunissem em sua fazenda mulheres pacíficas e disciplinadas. Entretanto, vemos na obra que Jacob exemplifica a cultura ocidental ao aglomerar somente mulheres em sua residência (no caso, sua fazenda, uma vez que as mulheres não tinham a permissão de dormir na grande casa. Lina e Florens, por exemplo, dormiam no estábulo). Jacob optava por “steady female labor” (MORRISON, 2009, p. 32), ou seja, trabalho feminino fixo, imóvel, constante, sob controle. Nesse sentido, de acordo com as observações de Massey (2009, p. 256-258), a mulher seria para Jacob o espaço, representando o estático, o estado de não mudança (“stasis”). Entretanto, essa codificação feminina não proporciona o aspecto ameaçador advertido pela recepção cultural ocidental. Ao contrário, a experiência de Jacob demonstra que o “caos” se apresenta por meio da presença interferente masculina, promovendo a desordem. Nessa conjuntura, é o feminino que oferece a harmonização e, por conseguinte, a ordem; o feminino para Jacob é o espaço, mas é também o tempo, um tempo inativo e imóvel:

Sua preferência por trabalho feminino fixo em lugar de homens ladinos tinha por base sua própria experiência de juventude. Um senhor sempre ausente era convite e tentação – a fugir, estrupar ou roubar. Os dois homens [Scully e Willard] que de vez em quando o ajudavam não representavam ameaça nenhuma. No ambiente certo, as mulheres eram naturalmente confiáveis (MORRISON, 2009, p. 32)¹¹⁸.

Esse é o lugar da mulher órfã e enjeitada presente na narrativa de *A Mercy*. Lina, a personagem nativa estadunidense, foi a primeira mulher (verdadeiramente mulher, não uma criança) a ser realmente comprada por Jacob. A orfandade de Lina ocorreu devido a um grande incêndio que devastou toda a aldeia em que morava, fazendo-a perder toda a sua família:

Uma vez, muito tempo atrás, se Lina fosse mais velha ou iniciada na cura, podia ter minorado a dor de sua família e de todos que morriam em torno dela [...] De início eles espantaram os corvos, ela e dois menininhos [...] e quando os lobos chegaram os três escalaram uma faia o mais alto que puderam. Ficaram lá a noite inteira ouvindo os lobos roerem [...] Ao meio-dia, bem quando resolveram dar uma corrida até uma das canoas atracadas no lago, chegaram homens de fardas azuis [...] A notícia das mortes que varrerá sua aldeia tinha se espalhado. A alegria de Lina pelo resgate desmoronou quando os soldados, tendo visto os corvos e os urubus se alimentando dos corpos esparramados, mataram os lobos a tiros e depois circundaram de fogo a aldeia (MORRISON, 2009, p. 44-45)¹¹⁹.

rescue an unmoored, unwanted child. A decade ago now, a sawyer asked him to take off his hands a sullen, curly-headed girl he had found half dead on a riverbank. Jacob agreed to do it, provided the sawyer forgive the cost of the lumber he was buying” (Tradução nossa).

¹¹⁸ “His preference for steady female labor over dodgy males was based on his own experience as a youth. A frequently absent master was invitation and temptation-to escape, rape or rob. The two men he used as occasional help presented no threat at all. In the right environment, women were naturally reliable” (Tradução nossa).

¹¹⁹ “Once, long ago, had Lina been older or tutored in healing, she might have eased the pain of her family and all the others dying around her [...] At first they fought off the crows, she and two young boys [...] and when the

Também ficam órfãos os serventes contratados – Scully e Willard Bond. Este fora vendido “por sete anos a um plantador da Virgínia, o jovem Willard Bond esperava ser libertado aos vinte e um anos. Mas três anos foram acrescentados ao seu prazo por infração – roubo e assalto – e ele foi revendido a um fazendeiro” (MORRISON, 2009, p. 146)¹²⁰, Jacob Vaark. Aquele “fora vendido ao sínodo por seu pretense pai depois da morte da mãe no chão da taverna onde ela trabalhava” (MORRISON, 2009, p. 151)¹²¹. Devido a esse conglomerado familiar turbulento, surge entre os dois personagens uma cumplicidade harmoniosa, um companheirismo resultante da dor da relação de seus “selves” com um mundo solitário, comercial em que eles são os objetos negociados. Esse é o trauma coletivo dessa “interessante coleção do que Lina chama de ‘órfãos’ que, na verdade, fazem a vida e a vivem nos poucos lugares em que podiam aonde sempre extraordinárias pessoas vieram juntas e permaneceram juntas”¹²².

Como Willard e Scully, Florens e Lina compartilhavam um laço afetivo. Lina conta a Florens uma dessas histórias presentes em sua memória, sua história favorita, de uma águia que consegue se proteger de muitos perigos, exceto dos maus pensamentos do homem. Devido às más intenções de um viajante, a águia vê-se obrigada a deixar seus filhos “órfãos”:

Um dia, um viajante escala uma montanha próxima. Ele para no topo e admira tudo o que vê abaixo de si. [...] O viajante ri da beleza e diz: “Isto é perfeito. Isto é meu”. E a palavra incha, ressoando como um trovão pelos vales [...] as cascas dos ovos da águia estremeçam e um até racha. A águia gira a cabeça em busca da fonte do estranho [...] Ao identificar o viajante, ela mergulha para remover com as garras seu riso e seu som antinatural. Mas o viajante atacado, levanta o cajado e bate na asa dela com toda força. [...]

Então Florens sussurrava: “Onde ela está agora?”

“Ainda caindo”, Lina respondia, “ela está caindo para sempre.”

Florens mal respirava. “E os ovos?”, pergunta.

“Eles chocam sozinhos”, diz Lina.

“Sobrevivem?”, o sussurro de Florens é urgente.

“Nós sobrevivemos”, diz Lina.

wolves arrived, all three scrambled as high into a beech tree as they could. They stayed there all night listening to gnawing [...] By noon, just as they had decided to make a run for one of the canoes moored in the lake, men in blue uniforms came [...] News of the deaths that had swept her village had reached out. Lina’s joy at being rescued collapsed when the soldiers, having taken one look at the crows and vultures feeding on the corpses strewn about, shot the wolves then circled the whole village with fire” (Tradução nossa).

¹²⁰ “[Sold] for seven years to a Virginia planter, young Willard Bond expected to be freed at age twenty-one. But three years were added onto his term for infractions – theft and assault – and he was re-leased to a [...] farmer” (Tradução nossa).

¹²¹ “He had leased to the Synod by his so-called father following his mother’s death on the floor of the tavern she worked in” (Tradução nossa).

¹²² “interesting collection of as Lina says “orfans”, really, who make a life and live in the few places where they could, where always extraordinary people had come together and belong together” (Tradução nossa). Disponível em <<http://www.npr.org/player/v2/mediaPlayer.html?action=1&t=1&islist=false&id=95961382&m=96095502>>.

Florens suspirava então, a cabeça no ombro de Lina [...] Fome de mãe – ser uma ou ter uma-, ambas tremiam com esse desejo que, Lina sabia, permanecia vivo (MORRISON, 2008, p. 60-61)¹²³.

A história do viajante e da águia, na realidade, exemplifica claramente a relação de dominação e poder levantada neste texto. A mobilidade e o controle do viajante refletem seu poder, reforçando a fraqueza dos animais. Da mesma maneira, Morrison demonstra a fragilidade do ser humano: a história de Lina em muito se assemelha com a canção cantada pela “minha mãe” no dia em que Jacob aceitou ficar com a menina Florens: “sobre uma passarinha verde lutando e depois morrendo quando um macaco rouba os seus ovos” (MORRISON, 2009, p. 164)¹²⁴. A história de Lina e a canção “Minha mãe” repercutem a experiência partilhada de sujeitos da não liberdade, à margem da sociedade, escravizados pelo silêncio, incompreendidos e dominados. A similitude dos conteúdos presentes nessas duas formas de narrar mostra o que Morrison chama por “belong” (pertencer). Esse pertencimento, em vez de causar a proximidade amigável entre os indivíduos, implica a escravização de sujeitos cujo posicionamento na sociedade estadunidense reproduz um espaço gendrado. A clausura social reforça, assim, o olhar distante para com o outro, o desrespeito. Florens, por exemplo, após o conflito com seu amado, transformou-se: “a mais estranha era Florens. A criatura dócil que eles conheciam tinha virado fera” (MORRISON, 2009, p. 144)¹²⁵. A narradora expõe o desapontamento de Scully ao relatar o comportamento desumano e cruel de Rebekka Vaark, posteriormente à perda do marido e sua bem-sucedida recuperação. Expõe ainda sua desilusão ao ver como pessoas cujas experiências tão comuns conseguem dificultar a dureza do convívio opinando pela escolha do distanciamento, por uma “relação conflituosa com a maioria (enquanto distante)”¹²⁶ de seus lugares de origem:

Embora observasse o desamor que a Patroa espalhava, ele fazia tudo o que podia para agradar-lhe. Quando ela batia em Sorrow, tirava a rede de Lina, anunciava a

¹²³ “One day a traveler climbs a mountain nearby. He stands at its summit admiring all he sees below him. [...] The traveler laughs at the beauty saying, “This is perfect. This is mine.” And the word swells, booming like thunder into valleys [...] The shells of the eagle’s eggs quiver and one even cracks. The eagle swivels her head to find the source of the strange [...] Spotting the traveler, she swoops down a claw away his laugh and his unnatural sound. But the traveler, under attack, raises his stick and strikes her wing with all his strength. [...] Then Florens would whisper, “Where is she now?”

“Still falling,” Lina would answer, “she is falling forever.”

Florens barely breathes. “And the eggs?” she asks.

“They hatch alone,” says Lina.

“Do they live?” Florens’ whispering is urgent.

“We have,” says Lina.

Florens would sigh then, her head on Lina’s shoulder [...] Mother hunger – to be one or have one – both of them were reeling from that longing which, Lina knew, remained alive” (Tradução nossa).

¹²⁴ “[A song] about the green bird fighting then dying when the monkey steals her eggs” (Tradução nossa).

¹²⁵ “Strangest was Florens. The docile creature they knew had turned feral” (Tradução nossa).

¹²⁶ Como vimos em Hutnyk et al. (2005, p. 11).

venda de Florens, ele se retorcia por dentro, mas não dizia nada. Não só porque não era seu lugar, mas também porque estava decidido a se livrar da servidão para sempre [...] Tal era a devastação da morte de Vaark. E as consequências de mulheres dominadas por homens ou aterrorizadamente sem eles. Ou isso é o que ele concluiu. Ele não tinha nenhuma prova do que se passava na cabeça delas, mas baseado em sua própria experiência, estava certo de que a traição era o veneno daqueles tempos. Que triste.

Um dia pensaram que eram uma espécie de família, porque juntos eles haviam esculpido o isolamento em companheirismo. Mas a família que eles imaginaram terem se tornado era falsa. Fosse o que fosse o que cada um amasse, buscase ou fugisse, os futuros estavam separados e ninguém adivinharia. Uma coisa era certa, só coragem não seria o bastante. Sem vínculos sanguíneos, ele não via nada ainda no horizonte que os unisse. Entretanto, lembrando como o pároco descrevia existir antes da Criação, Scully via matéria escura ali, grossa, incognoscível, dolorida para ser transformada em mundo (MORRISON, 2009, p. 153-154)¹²⁷.

Halbwachs ressalva a intensa transformação das relações do grupo por decorrência de episódios graves que atingem a todos direta ou indiretamente. Essas manifestações alteram o espaço habitado pelo grupo, o sentido entre o privado e o público, decompondo a história de cada indivíduo de forma a fragmentar o lugar, aumentando a hostilidade entre os sujeitos do grupo. Devido a isso, o modo como os sujeitos se dispõem entre si também muda. Para o autor, os acontecimentos influem na memória coletiva do grupo. Não podemos esquecer, porém, que, apesar de a memória coletiva existir, a memória individual guarda as percepções pessoais e particulares da forma como a subjetividade recebeu tais mudanças:

Um acontecimento realmente grave sempre traz consigo uma mudança nas relações do grupo com o lugar – seja porque este modifica o grupo, por exemplo, uma morte ou um casamento, seja porque o grupo modifica o lugar: a família enriquece ou empobrece [...] A partir desse momento, este não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva e, ao mesmo tempo, o ambiente material também não será mais o mesmo (HALBWACHS, 2010, p. 160).

A palavra “place” aparece na narrativa a fim de assegurar que a fazenda dos Vaark não é o lugar de Scully, assim como não parece ser o lugar dos outros personagens. Certamente, os lugares em que Florens e os outros viviam anteriormente também não constituem os lugares desses sujeitos. Não existem indícios de laços de família entre eles, embora seja

¹²⁷ “So while he watched the disaffection Mistress spread, he did all he could to please her. When she beat Sorrow, had Lina’s hammock taken down, advertised the sale of Florens, he cringed inside but said nothing. Not only because it was not his place, but also because he was determined to be quit of servitude [...] Such were the ravages of Vaark’s death. And the consequences of women in thrall to men or pointedly without them. Or so he concluded. He had no proof of what was in their minds, but based on his own experience he was certain betrayal was the poison of the day. Sad.

They once thought they were a kind of family because together they had carved companionship out of isolation. But the family they imagined they had become was false. Whatever each one loved, sought or escaped, their futures were separate and anyone’s guess. One thing was certain, courage alone would not be enough. Minus bloodlines, he saw nothing yet on the horizon to unite them. Nevertheless, remembering how the curate described what existed before Creation, Scully saw dark matter out there, thick, unknowable, aching to be made into a world” (Tradução nossa).

possível identificar uma familiaridade frequentemente projetada por reações malévolas instintivas, uma verdadeira “ameaça”. A narradora deposita a responsabilidade na esposa de Jacob, pois é ela quem agride fisicamente Sorrow, retira o “conforto” de Lina e propaga o interesse por mais uma travessia forçada de Florens. Essa busca incessante e desejada por um lugar no mundo pode ser interpretada como uma das características de “home”, ou seja, a casa/o lar, ou melhor, o território como o espaço de refúgio. A fazenda dos Vaark institui-se como o convite a um lugar cuja hospitalidade é desfavorável, onde a inquietude permanece como um processo constante, indissolúvel. A começar pelo fato de que o conceito de Derrida (2003) implica o direito a uma casa, a um espaço concreto, a um lar, o espaço simbólico da família. Em *A Mercy* assim como em *Ponciá Vicêncio*, a hospitalidade ofertada ao estrangeiro, o hóspede (“hostis”), é hostil, abertamente oponente. O negro é construído nas narrativas como o estrangeiro, sujeitos inimigos que ostentam o perigo.

O direito à hospitalidade pressupõe uma casa, uma linhagem, uma família, um grupo familiar ou étnico recebendo um grupo familiar ou étnico [...] a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro [...] mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe *ceda lugar*, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto) nem mesmo seu nome (DERRIDA, 2003, p. 21-25).

Esse perigo, porém, é feminino: as mulheres mostram-se “escravizadas” à não-presença de Jacob. Morrison transmite, além da ideia de “não-lugar” do negro, a crença ocidental de que a mulher é carência, falta, caos, disseminando as distinções binárias dos gêneros, assim como o espaço. Enquanto Willard, Scully e o ferreiro representam o “público, o exterior, o trabalho a produção, a independência e o poder”¹²⁸, Florens, Lina, Sorrow e Rebekka são a imagem do “privado, do interior, do lar, da dependência, da falta de poder” (MCDOWELL, 2007, p. 12)¹²⁹. Enquanto os homens ocupam o espaço exterior com seus trabalhos braçais, esse é o lugar ocupado por eles, as mulheres suprem as necessidades dos espaços interiores. Toni Morrison, em seu artigo “What the black woman thinks about women’s lib” (1971), certifica-se sobre o olhar da mulher negra para com a mulher branca, permitindo-nos fazer uma análise contrária à de Scully: a mulher negra como contribuinte do desafeto edificado nesse “lugar” ao enxergar Rebekka como sujeito incompleto e incapaz de manter a fazenda, construindo um “home” infeliz; a dependência da mulher branca para com seus “companheiros”, seus vínculos conjugais. Essa dependência, em *A Mercy*, aparece também nas mulheres escravizadas:

¹²⁸ “public, outside, work, production, independence, power” (Tradução nossa).

¹²⁹ “private, inside, home, dependence, lack of power” (Tradução nossa).

As mulheres negras tem sido capazes de invejar as mulheres brancas (sua aparências, suas vidas tranquilas, a atenção que parecem ter de seus homens) [...] As mulheres negras não tem uma admiração persistente pelas mulheres brancas como competentes, pessoas completas, competindo com elas pelos poucos espaços profissionais disponíveis a mulheres em geral [...]

Mulheres brancas se apresentavam ignorantes aos fatos da vida – talvez por escolha, talvez pelo suporte dos homens, mas ignorantes de qualquer maneira. Elas eram totalmente dependentes nos casamentos ou no suporte masculino (apud HOOKS, 2000, p. 51)¹³⁰.

Para Scully, o desamor propagado pelas mulheres resulta da prática da traição. Se pensarmos na relação da escrava Florens com a escrava indígena Lina, vemos o sentido dessa afirmação, uma vez que Florens pretendia abandonar sua “segunda mãe” para se “escravizar” ao seu amado. Além disso, Sorrow e Florens quando crianças não supriram a presença dos filhos mortos de Rebekka. Surge dessa forma de narrar a ideia de que as mulheres estão “à mercê de seus corpos e suas emoções” (MCDOWELL, 2007, p. 11)¹³¹. Resta-nos perguntar o porquê da escolha desse estereótipo de mulheres-pêndulo, que se deixam suportar o próprio peso, movimentando-o ocasionalmente com o intuito de colidir em outros corpos, ferindo-os como saída da obstrução presente em seus interiores, em seus “selves”. Morrison afirma, em entrevista à NPR, que “queria que esse grupo fosse a versão mais precoce da individualidade americana, da autossuficiência americana”¹³², da necessidade de uma comunidade, não deixando de evidenciar a existência do dualismo de “pertencer a algo maior que você”¹³³, sendo um “indivíduo e você mesmo”¹³⁴ e adorando a “privacidade”¹³⁵.

Assim, embora seja comum encontrar o lugar da mulher como os espaços de residência fortemente gendrados, Morrison cria na fala de Florens uma privacidade que externa o pertencimento a algo maior, um “terceiro espaço”, uma forma de enunciação que, através do hibridismo, explica acontecimentos inadequadamente compreendidos por outros agentes sociais. Florens se permite expressar a visibilidade dos outros para com ela e dela para com os outros, consentindo ser ouvida por meio da palavra escrita, já que o lugar da fala somente esteve presente na imensidão de seu interior, numa dinâmica recursiva com o passado. A escrita passa a ocupar o lugar da sobrevivência da personagem, lugar que emerge

¹³⁰ “Black women have been able to envy white women (their looks, their easy life, the attention they seem to get from their men) [...] Black women have no abiding admiration of white women as competent, complete people, whether vying with them for the few professional slots available to women in general [...]

White women were ignorant of the facts of life – perhaps by choice, perhaps with the assistance of men, but ignorant anyway. They were totally dependent on marriage or male support”(Tradução nossa).

¹³¹ “at the mercy of their bodies and their emotions” (Tradução nossa).

¹³² “I wanted this group to be the earliest version of American individuality, America self-sufficiency”(Tradução nossa).

¹³³ “belong to something larger than you” (Tradução nossa).

¹³⁴ “individual and yourself” (Tradução nossa).

¹³⁵ “privacy” (Tradução nossa).

da experiência individual da “sombra do véu”, desse “terceiro espaço” discriminado, não-dialogável, inquestionável.

4.4 O SIGNIFICADO DO CANTO E DA MEMÓRIA NA DIALÉTICA DO EXTERIOR E DO INTERIOR: O ENCONTRO COM SI MESMO, “HOME”

Em *A Mercy*, o sentido de casa excede as expectativas de lar, abrigo, proteção. Rebekka defende a dispensabilidade de outra casa, maior que a anterior, que Jacob começou a levantar antes de sua morte: “‘Nós não precisamos de outra casa’, ela disse a ele. ‘Decerto não uma desse tamanho’” (MORRISON, 2009, p. 86)¹³⁶. Os espaços domésticos, na realidade, não formaram um lar. Entretanto, o espaço físico da casa pode, sim, ser visto como refúgio. Florens expõe sua escrita em um quarto da grande casa: “‘Não há mais espaço nesse quarto. Essas palavras cobrem o chão’” (MORRISON, 2009, p. 158)¹³⁷. A dimensão quadrangular desse quarto repercute como a multiplicidade de cantos que, opostamente ao que Bachelard propõe, estão repletos de mobilidade, uma mobilidade “engasgada”, cíclica na memória da personagem:

Todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa [...] o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro, o local próximo de minha imobilidade. O canto é uma espécie de meia-caixa, metade paredes metade porta”. É uma ilustração para a dialética do interior e do exterior (BACHELARD, 1996, p. 145-146).

O canto de Florens é inerte somente quando pensado na matéria que representa, e não como símbolo de seu ser. Esse canto é o embate entre o privado e o público, a dialética de como o espaço exterior infringe o espaço interior. O laço entre Florens e “minha mãe” e Florens e seu amado excede as fronteiras territoriais por meio de um movimento de retorno estimulado tanto por uma constante lembrança quanto por uma necessidade de buscar a lembrança (recordação) a fim de delinear o seu “home”. Aristóteles, em seu tratado “De memoria et reminiscentia”, reconhece a dependência da memória¹³⁸ com a questão temporal, a “mneme” (a simples lembrança) e a “anamnesis” (o ato de recordação) (apud RICOUER, 2010, p. 35-39). Cabe ressaltar que esse fundo memorial, além de estar inerentemente ligado

¹³⁶ “‘We don’t need another house,’ she told him. ‘Certainly not one of such size’ (Tradução nossa).

¹³⁷ “‘There is no more room in this room. These words cover the floor’ (Tradução nossa).

¹³⁸ Apesar de “memória” em muito nos interessar, nesse trabalho cuja extensão pretende-se por limitada o conceito de memória surge apenas como um elemento reforçador da mobilidade espacial, do lugar como procura do ser e de “home” como o estado interior (refletindo os espaços exteriores) do indivíduo.

ao tempo, ressurgem a partir dos movimentos “ressuscitados” pelos acontecimentos que marcaram o “self” do indivíduo, interferindo e mudando substancialmente a visão que têm na relação aos outros e ao mundo.

Esse constante diálogo entre o interior e o exterior, o privado e o público, o individual e o coletivo consiste em uma consciência pluriescalar dos espaços habitados, ou seja, em uma consciência da multiterritorialidade dos seres humanos. Para Halbwachs (2010, p. 64), a influência dos múltiplos espaços é, na verdade, o exercício dos mais variados ambientes e sua ambivalência: “O que chamamos de sentimento da unidade do nosso eu [...] no fundo não é senão a consciência que temos a cada instante de pertencer ao mesmo tempo a diversos ambientes – mas ela só existe no presente”. Seguindo a acepção globalizada de Massey, espaço e tempo se comprimem, permitindo ao sujeito a percepção da essência dos acontecimentos de sua vida.

Por outro lado, a multiplicidade dos espaços habitados incita a memória a se instituir fortemente, pouco menos imovelmente na recorrência de suas lembranças: “nesse teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser” (BACHELARD, 1996, p. 28). O interior se afirma no decurso dos diversos espaços, na não-concretude espaço-temporal, na receptividade involuntária, na instabilidade do fazer-se ser.

É dessa maneira que Florens busca a recordação ao invocar interiormente a razão de seu “home”, os fatos e as ações que desencadearam e principiaram seu estado de permanência atual. Para isso, Florens estimula o retorno não territorial, mas memorial, estando distante, em direção ao “home”, não ao canto sombrio de sua fala por meio das palavras, mas ao seu “self”, às borbulhas interiorizadas no mesmo, decorrentes das fragmentações espaciais.

Em meio ao ato narrativo, a sensatez do peso da atitude de “minha mãe” se perde devido a um reencontro quase obsessivo de seu amado: o respirar da personagem subsiste por ensejo a esse amor aparentemente inabalável pelas condições escravagistas oferecidas. Não obstante o desejo de realização pessoal de ser amada, completando-se, uma lembrança silenciada, ancorada na vastidão de sua memória, ressurgem não como vulto ou sombra, mas como imagem nitidamente contornada pela aparição sonhada ao despertar de um acontecimento repetido, embora concluído pelos bacilos do desespero e do egoísmo.

Quando dizemos que a recordação de certas lembranças não depende da nossa vontade, é porque a nossa vontade não é forte o suficiente. A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que a fazem reaparecer e com as

quais sempre mantivemos contato. A intuição sensível é então recriada, mas nesse meio tempo, considerando apenas a nós e nosso organismo psicofísico, ela deixara de existir (HALBWACHS, 2010, p. 59).

Talvez este “fora” signifique justamente o contrário. Ao reconhecer múltiplos ambientes, Halbwachs inova em relação ao seu tempo, mas não elucida o entrecruzamento do espaço e dos sujeitos, formando símbolos que agenciam as relações sociais. Na realidade, o “exterior e o interior são ambos *íntimos*; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade” (BACHELARD, 1996, p. 221). A lembrança do abandono de Florens confirma sua multiterritorialidade, o desabrochar de um questionamento latejante. Na presença do menino Malaik, descobre-se que “minha mãe” sempre esteve presente na memória de Florens, eclodindo em seus sonhos. Na primeira noite em que Florens passa com Malaik na ausência de seu amado, a personagem deita na cama do ferreiro, vendo a aparição da mãe. Florens sonha acordada, vendo sua mãe “segurando a mão de Malaik”¹³⁹ e “movendo os lábios dela”¹⁴⁰, como sempre tentando lhe dizer alguma coisa (MORRISON, 2009, p. 136) que ela não pode conseguir entender. No segundo dia, “minha mãe” não aparece, a lembrança, porém permanece em sua memória. Segundo Terkenli (1995, p. 326), a “repetição é um elemento essencial na transformação do lugar em ‘home’”¹⁴¹. Apesar de a geógrafa correlacionar a repetição a hábitos e costumes comportamentais que se solidificam com o “tempo histórico”, derrotas e acertos do passado, propomos uma análise da repetição com o retorno a um acontecimento traumático do passado, isto é, marcante na vida do indivíduo. Assim, a repetição-retorno de um episódio consolida o “home” da mulher negra na diáspora.

O retorno memorial de Florens, nesse momento, é inconsciente: sua memória desemboca no limiar de fusão de personagens que, embora estranhos uns aos outros, ocupam uma posição de agentes sociais semelhante quanto ao seu ponto de vista. Todavia, no canto, no quarto escuro, em sua imensidão íntima, o retorno é proposital: Florens se conscientiza de que a figura masculina não é responsável pela desconfiguração feminina, o verdadeiro traidor não é o homem, mas a autoescravização, o deixar-se murchar interiormente, concretizando seu próprio “home” no nível da frieza que o inverno do nordeste estadunidense regula. Embora Florens tivesse oportunidade de fugir desse lugar hostil, com Sorrow e seu bebê, ela precisava promover o encontro consigo mesma, deixar sua história escrita relembando suas palavras úteis e verdadeiras para o amado ler, transcrevendo sua libertação interior, mesmo que, fisicamente, esta não fosse completa. Ainda que a liberdade seja cingida nos espaços

¹³⁹ “holdind Malaik’s hand” (Tradução nossa).

¹⁴⁰ “moving her lips” (Tradução nossa).

¹⁴¹ “Repetition is an essential element in the transformation of place into home” (Tradução nossa).

dominantes em que o sujeito escravizado vive, Florens observa que a liberdade da consciência ocupa um lugar de maior relevância na vida do ser humano:

Sorrow é mãe [...] Gosto da dedicação dela com a filhinha. Ela não vai se chamar Sorrow. Ela mudou de nome e está planejando fugir. Quer que eu vá junto com ela, mas tenho uma coisa para terminar aqui [...] Lina está querendo me contar, me lembrar que ela logo me avisou sobre você. Mas as razões dela para o aviso fazem o aviso ser errado. Estou lembrando o que você me disse [...] Você diz que vê escravos mais livres que homens livres. Um leão é um leão com pele de asno. O outro é asno com pele de leão. Que é murchar por dentro que escraviza e abre a porta para a ferocidade. Sei que o meu murchar nasce no quatinho da Viúva (MORRISON, 2009, p. 157-158)¹⁴².

É preciso libertar-se das diversas peles, da ferocidade de animais que são vítimas de um estereótipo humano de agressividade por não interpretarem os espaços da forma humana, e da “persona” de seres domesticados que não questionam o lugar construído e simbolizado. Florens percebe que errou ao dizer à Lina: “Você é a minha forma e meu mundo também. Está feito. Não precisa de escolha” (MORRISON, 2008, p. 69)¹⁴³. Não é uma escolha, é um posicionamento ofertado pelos espaços territoriais. “Nós nunca damos forma ao mundo, ela diz. O mundo dá forma à gente” (MORRISON, 2008, p. 69)¹⁴⁴. O mundo forma cada qual, individualmente, porque a experiência é individual e intransferível.

Como Florens, Ponciá Vicêncio também se torna uma pessoa introspectiva. Embora seu desejo por uma nova história tenha-lhe favorecido um atributo ocidental pretensamente masculino, a independência,¹⁴⁵ o ir e vir do trabalho doméstico na casa das patroas não a encantou, as mulheres brancas não a inspiraram (como observou Morrison quanto ao comportamento das mulheres negras), elas nem mesmo ocupam algum espaço na narrativa de Evaristo. Seu objeto é, mais objetivamente a mulher negra, ela é o centro da obra. Além da independência de Ponciá, ao migrar do campo para a cidade, sozinha, Ponciá mostra-se um sujeito feminino *racional*, que percebe os limites do negro do campo, as poucas oportunidades, o contínuo trabalho escravagista. Com sua mãe, demonstra, na narrativa, outro atributo “masculino”: o trabalho. O trabalho no barro fazia tanta falta à personagem que “de tempo em tempo, apresentava um incômodo entre os dedos que coçava até sangrar” (EVARISTO, 2006, p. 109). O privado e o público se misturavam na vida das personagens

¹⁴² “Sorrow is mother [...] I like her devotion to her baby girl. She will not be called Sorrow. She has changed her name and is planning escape. She wants me to go with her but I have a thing to finish here [...] Lina is wanting to tell me, remind me that she early warns me about you. But her reasons for the warning make the warning wrong. I am remembering what you tell me [...] You say you see slaves freer than free men. One is a lion in the skin of an ass. The other is an ass in the skin of a lion. That is the withering inside that enslaves and opens the door for what is wild. I know my withering is born in the Widow’s closet” (Tradução nossa).

¹⁴³ “You are my shaper and my world as well. It is done. No need to choose” (Tradução nossa).

¹⁴⁴ “We never shape the world she says. The world shapes us” (Tradução nossa).

¹⁴⁵ Ver McDowell (2007, p. 11).

femininas porque o trabalho sempre esteve presente na rotina da mulher negra. Os binarismos especificados pela feminista McDowell não fazem referência à luta da mulher negra. Ponciá e sua mãe rodeavam o povoado com seus trabalhos constantes e delicados no barro. Um dia, Luandi Vicêncio visitou na cidade uma exposição de barro a convite do Soldado Nestor. Nesse lugar, encontrou as criações da mãe e da irmã:

Criações feitas, como se as duas quisessem miniaturar a vida, para que ela coubesse e eternizasse sobre o olhar de todos, em qualquer lugar [...] Estava feliz também, porque na criação da mãe e da irmã estavam apontados os nomes delas como autoras. Na mesa anterior havia um trabalho tão bonito e o nome de seu criador era desconhecido. No caso de sua família não (EVARISTO, 2006, p. 105).

Evaristo expõe a importância do nome das mulheres negras Ponciá e Maria Vicêncio na narrativa com um todo e, principalmente, na inscrição de seus nomes em uma exposição nos espaços urbanos. Esse é o lugar do trabalho dessas mulheres, o lugar do reconhecimento, do valor da arte da mulher negra. De alguma maneira, Evaristo encontra um lugar de hospitalidade para Ponciá e sua mãe, embora o direito à hospitalidade deva transpor ao símbolo do nome.

O espaço doméstico dessas mulheres é um dos espaços habitados e vivenciados pelos sujeitos femininos. Bilisa também “viera da roça para trabalhar” (EVARISTO, 2006, p. 98). Como Ponciá, a personagem mostra-se independente, decidida, escolhe a prostituição para recuperar o dinheiro que lhe fora roubado: como o espaço doméstico o privado somente lhe trouxera desapontamentos, preferiu ser pública. As empregadas Ponciá e Bilisa não receberam a hospitalidade das patroas, quer seja no sentido de estar sob um teto, no caso de Bilisa, quer seja porque provavelmente as patroas fossem “ignorantes pelos fatos da vida”, como diz Morrison, desprovidas da experiência do deslocamento e do não-abrigo. Inexiste a proximidade entre estas mulheres. A ausência de relatos sobre a relação com as mulheres brancas inominadas mostra uma invisibilidade da autora com os outros atores sociais, participantes de toda essa problemática social. Evaristo prefere abster-se, o foco é o negro, a mulher negra. Na realidade, a preocupação de Evaristo fundamenta-se na luta por “novas maneiras de escrever e falar sobre raça e representação, empenhando-se para transformar a imagem” (HOOKS, 1992, p. 2)¹⁴⁶. Em entrevista à Revista Raça, a escritora pontua a diferença entre o feminismo da mulher branca e da mulher negra:

O nosso feminismo vem para a gente se afirmar como pessoa. Eu acho que a nossa primeira luta feminista não foi contra o homem negro, mas contra os nossos patrões

¹⁴⁶ “new ways to write and talk about race and representation, working to transform the image” (Tradução nossa).

e patroas. Enquanto a primeira luta da mulher branca e da mulher de classe média foi contra os homens de sua própria família - e eu não estou dizendo que o homem negro não seja machista -, nós nos posicionamos primeiro contra o sistema representado, principalmente, pelo homem branco e pela mulher branca.

Evaristo constrói, sim, um homem violento e agressivo para Ponciá, porém rescinde com a imagem masculina do negro como “‘fracassados’ que psicologicamente são ‘ferrados’, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é perpetuada pelas suas inabilidades de completar o destino masculino falocêntrico deles no contexto racista” (HOOKS, 1992, p. 89)¹⁴⁷. Mesmo reconhecendo seus erros, o homem de Ponciá certamente contribui para que, cada dia mais, a personagem se calasse:

Sentiu remorsos por já ter batido na mulher tantas vezes [...] Desde o dia em que o homem de Ponciá havia batido nela tanto e tanto, a ponto de fazer sangrar-lhe a boca, depois condoído do sofrimento que infligira à mulher, nunca mais ele a agrediu e se tornou carinhoso com ela. Foi tanto pavor, tanto sofrimento, tanta dor que ele leu nos olhos dela, enquanto lhe limpava o sangue, que descobriu não só o desamparo dela, mas também o dele (EVARISTO, 2006, p. 109).

Todavia, o privado e o emocional mergulham no “eu-mulher” Ponciá tão profundamente que suas ausências perduram por um tempo indeterminado. A “tão ativa” (EVARISTO, 2006, p. 96) Ponciá passa a se enquadrar no que Massey (2009, p. 256-258) pontua por espaço de falta, ausência, caos. No “quartinho da periferia da cidade” (EVARISTO, 2006, p. 48), nesse canto, ao contrário de Florens, Ponciá navega em seu devaneio através da imobilidade. Esse espaço não se apresenta como um “terceiro espaço” que reivindica transformações; é um “terceiro espaço” que circula somente em torno do desespero. Esse é o lugar de seu ser, o lugar de Ponciá. O devaneio “é um estado inteiramente constituído desde o instante inicial. Não o vemos começar, no entanto ele começa sempre da mesma maneira. Ele foge do objeto próximo e imediatamente está longe, no espaço do *além*” (BACHELARD, 1996, p. 189-190). Embora a hospitalidade pressupusesse uma casa e uma família, o espaço material não supre o seu “self”, assim como seu anseio de não trazer ao mundo uma nova repetição dos seus não a permite permanecer com seus filhos.

Quando ele [o homem de Ponciá] chegava do trabalho, de tardinha, sempre encontrava a mulher sentada no banquinho, no mesmo lugar, perto da janela, olhando lá para fora. Às vezes, calma, com o olhar perdido, quase rindo, ora agitada como se estivesse tendo visões amargas. Estava na hora de ele sair, mas não queria deixá-la naquela posição de medo (EVARISTO, 2006, p. 108).

A repetição do destino de outros negros caracteriza a transformação do lugar em “home”. O canto de sua casinha é seu refúgio, mas não seu abrigo e sua proteção. Sua casa no

¹⁴⁷ “‘failures’ who are psychologically ‘fucked up’, dangerous, violent, sex maniacs whose insanity is informed by their inability to fulfill their phallogocentric masculine destiny in a racist context” (Tradução nossa).

campo também não constitui o seu “home”. Ponciá retorna ao campo a fim de autoencontrar, localizando sua mãe e seu irmão. O retorno é comum aos exilados, ao estrangeiro, às pessoas dispersas, elas têm a necessidade de estar novamente no território que habitavam:

As ‘pessoas deslocadas’ [...] gostariam de voltar, pelo menos em peregrinação, aos lugares em que seus mortos inumados têm sua última morada (a última morada dos seus situa, aqui, o *ethos*, a habitação de referência para definir o lar, a cidade ou o país onde os pais, o pai, a mãe, os avós, repousam num repouso que é o lugar de imobilidade a partir do qual se mede todas as viagens e todos os distanciamentos) (DERRIDA, 2003, p. 79).

Esse repouso, porém, apesar de fisicamente inerte, está em constante movimento na memória da personagem, como se ela “quisesse emendar um tempo ao outro” (EVARISTO, 2006, p. 128). Após o retorno, Ponciá manteve viva a esperança de encontrar Maria Vicêncio e Luandi, mas estava “só, estava vazia” (EVARISTO, 2006, p. 64). A estada da personagem em seu antigo lar mostra a maneira como os objetos “nos lembram nossa família” e como eles são “imóveis somente na aparência” (HALBWACHS, 2010, p. 157-158).

A dor da ausência da mãe e do irmão aconteceu mais forte ainda. Olhou para a mesa de madeira e lá estava o homem-barro entre prantos e risos [...] E na sua memória veio o dia em que Vô Vicêncio morrera [...] ela não poderia ficar ali, em casa, sem a mãe, o irmão e até sem o avô [...] Não suportava viver a ausência deles, no jogo de esconde-aparece que eles estavam fazendo (EVARISTO, 2006, p. 57-58).

Não é a casa do presente ou do passado que delinea o lugar da personagem, e sim o limiar entre a multiplicidade desses e de outros espaços. O canto não completa seu “self”, é a memória que forma o “home” de Ponciá, um fazer-lembranças que excede a vontade da personagem de provocar uma recordação: ela está fora, estando dentro, em seu interior. Recordar torna-se a razão de seu viver, seu “home”:

Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes, era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças que lágrimas corriam sobre o seu rosto; outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações que, de seus lábios surgiam sorrisos e risos. A mãe e o irmão eram sempre matéria de sua memória. Tanto tempo já se tinha passado. Quando se encontrariam juntos os três? Parte de sua vida era o desejo de que isso acontecesse. (EVARISTO, 2003, p. 91-92).

O retorno memorial de Ponciá é involuntário, espontâneo, permanecendo mesmo após o reencontro com os seus. Descobre que seu verdadeiro abrigo é sua família, principalmente sua mãe, o mergulho nas “águas-lembranças” do rio. “Maria Vicêncio se alegrou, o tempo de reconduzir a filha a casa, à beira do rio, estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a substância, o húmus para o seu viver” (EVARISTO, 2006, p. 125), seu “home”. Sozinha, Ponciá seria apenas espaço-ausência, não poderia reconstituir o lugar

ocupado anteriormente sem as pessoas importantes de sua vida. Na verdade, também não pôde reorganizar o grupo composto no passado. Como observa Halbwachs (2010, p. 160), um grupo jamais será o mesmo após acontecimentos marcantes, ou seja, depois da travessia dos membros desse grupo. Ponciá enlouquece, esse é o “home” da mulher negra, o estado de seu “self”, da personagem centro da obra. É preciso não difundir estereótipos, mas ser racional o bastante para reconhecer a impotência do negro e da mulher negra nos limiares dos espaços oferecidos ao sujeito feminino, reescrevendo a literatura. Evaristo vive a ambiguidade de rejeitar a sociedade brasileira, pela “falta de lugar” para o negro e pelo desejo de achar um lugar de acolhimento. Afinal,

Saudade ou abandono, a rejeição ao lugar de origem ou o desejo por esse lugar se tornam os fatores que motivam essa reescrita. Por ser um espaço contraditório, a representação se dá de diversas maneiras: rejeição e saudade são lugares-comuns na escrita das mulheres da diáspora (GONÇALVES, 2010, p. 171-172).

Para a escritora brasileira, o ato de escrever é a forma de reivindicar os direitos do negro, e não apenas os deveres; é encontrar o lugar do negro, é identificar o “home” da mulher negra nas multiterritorialidades, nos múltiplos espaços habitados. Na voz do “eu-mulher” Evaristo, escrever significa evocar não “vagos desejos” que insinuam esperanças, mas ações que implicam:

exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos. Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferências mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias... Quem aprendeu a sorrir e a cantar na dor, sabe cozinhar as palavras, pacientemente na boca e soltá-las como lâminas de fogo, na direção e no momento exatos (EVARISTO, 2005, p. 203)¹⁴⁸.

Ao exorcizar o passado, as escritoras negras persistem no diálogo da diferença, no reescrever de histórias não relatadas, no não-pronunciamento da dor imposta pelos símbolos do poder, pela pobreza, pela impossibilidade de mudança, de crescimento. A escrita torna-se a busca pelo “home” individual e coletivo. É um papel de difícil acesso, coibido pela mídia e pelo mito da democracia racial, um embate com a sociedade, um posicionamento político, uma perturbação. Morrison discute a liberdade de expressão e o papel do escritor na cerimônia de premiação do “2008 PEN/Borders Literary Service Award”¹⁴⁹, destacando a tensão sofrida pelas escritoras e afirmando que o método dos escritores incluem a

vigilância [...] escritores e jornalistas informando e perturbando o público, de escritores inquietando, chamando a atenção, dedicando-se a um olhar mais

¹⁴⁸ Grifo nosso.

¹⁴⁹ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=3k5nl63QrvY>>.

profundo, escritores, jornalistas, ensaístas, “bloggers”, poetas, dramaturgos, essas pessoas perturbam a opressão social que funciona como uma vírgula em uma população que os déspotas chamam de pacífica [...] Nós conhecemos todas as nações que podem ser identificadas pelo vôo dos escritores de suas orlas. Esses são regimes cujo medo da escrita não remunerada é justificado porque a verdade é um problema, é um problema para as mulheres que estão nesse meio, é realmente um problema [...] violação política do sistema corrupto [...] não-acusados, não-presos, escritores são um problema para a ignorância “bully” deles, para o seu leve alimento racista preconceituoso dos recursos do mundo. O aniquilamento inquieto, desamparado não é destrutivo porque é aberto, raciocinado¹⁵⁰.

Como Evaristo, Morrison, recrimina a tirania do respeito a uma homogeneidade difundida pela imagem ideal e por um belo restringido. O discurso proposto pelas escritoras negras é aberto, continuamente sendo analisado dentro e fora da “pena” do negro e de outros. É um constante diálogo entre as nações, a diáspora transnacionalista promove mais que um “terceiro espaço”, agencia o “home” das escritoras negras, a consciência multiterritorial, o lugar de promoção das trocas do híbrido, em que as formas de assimilação globalizada são constantemente questionadas. A literatura favorece o diálogo, o rever os signos e os símbolos que transcendem as fronteiras nacionais. A sociedade necessita do problema para autoavaliar-se, abrindo os olhos à invisibilidade imposta na contemporaneidade à origem do negro, as formas de fixar o espaço e também o tempo no passado. O passado dever ser dialogado com o presente, as circunstâncias trazidas pelo “anjo da história”. Nós somos da América, nascemos nesse território, convivemos neste espaço, este é o nosso lugar, lutaremos para que este lugar se transforme em um estado verdadeiramente acolhedor, um estado de alma: “home”.

¹⁵⁰ “Surveillance [...] writers and journalists informing and disturbing the public, of writers unsettling, calling into question, taking another deeper look, writers, journalists, essayists, bloggers, poets, playwrights, these people disturb the social oppression that functions like comma on a population a comma that the despots call peace [...] We know all the nations that can be identified by the flight of writers from their shores. These are regimes whose fear of unmonetary writing is justified because truth is trouble, is trouble for the woman among her, it’s real trouble [...] the political hack the corrupt justice system [...] unprosecuted, unjailed, unrest, writers are trouble for their ignorant bully for their slight racist and prejudgerist feed of the world resources. The alone, the disquiet writer’s raze isn’t destructive because it is open, voluble” (Tradução nossa).

CONCLUSÃO – “*NEGRO SOU, NEGRO FICAREI!*”: ATINGINDO A “*DUPLA CONSCIÊNCIA*”

Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu. Tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo para arrancar a planta

Eclesiastes 3,1-8

O humano não tem força para abreviar nada e, quando insiste colhe o fruto verde, antes de amadurar. Tudo tem o seu tempo certo. Não vê a semente? A gente semeia e é preciso esquecer a vida guardada debaixo da terra, até que um dia, no momento exato, independentemente do querer de quem espalhou a semente, ela arrebenta a terra desabrochando o viver. Nada melhor que o fruto maduro, colhido e comido no tempo exato, certo.

Nêngua Kainda, *Ponciá Vicêncio* – Conceição Evaristo

O momento. Diríamos também que há um momento para tudo e um espaço para todo propósito debaixo do céu. O tempo não é um termo independente, ao contrário, sugere maior significância se correlacionado com o espaço. O espaço sublima o território através de seu poder simbólico, da integração social imbuída pelos agentes sociais. O espaço contém uma multiplicidade estabelecida no particular, na maneira como as relações sociais são experimentadas pelos indivíduos. A multiterritorialidade subsiste, portanto, em meio a múltiplos espaços de referência a cada sujeito. Dessa maneira, a travessia não implica no abandono do “self” em um determinado lugar, mas na rede de imbricações imbuídas na multiterritorialidade completando esse lugar, ou seja, o corte particular na intersecção dos acordos sociais. O sujeito constrói seu “home” a partir do significado estabelecido pelos múltiplos espaços habitados.

De um lado a escravidão revela à fragilidade do ser humano, o controle da mobilidade, a submissão do negro para com o branco. Em outras palavras, a dependência do negro ao sistema político-econômico vigente: a mãe de Florens subordina-se e a negociar a venda da própria filha, em vez do filho bebê; consente o distanciamento de Florens da fazenda dos Vaark. De outro, a sociedade escravocrata, assim como pós-abolicionista, possibilita uma liberdade comedida através da fuga do espaço material (como pretendia Florens, ao reencontrar seu amado, ou como perfez Ponciá, ao migrar do campo para a cidade), e simultaneamente do contexto espacial de insatisfação presente no interior das personagens como causalidade do exterior (Ponciá, em ato de desespero, foge de si mesma, da herança deixada por seu avô; mergulha na sua doença mental, integrante de múltiplas faces, múltiplas experiências subjugadas ao ser negro).

A cidade é para Ponciá uma forma de se reterritorializar, buscando novos espaços para o negro, soprando ainda mais para trás o vento e as histórias conhecidas dos negros para um passado bem distante. Ponciá almeja uma realização que, na realidade, não se funda como apenas sua, mas como a negação do fracasso de toda uma coletividade negra: aqueles que se fixam no conformismo de permanecer naquele lugar emoldurado na rachadura do espelho da escravidão, conglomerado pelas lembranças dolorosas do passado e presentes em uma tradição memorial involuntária. A casa do ferreiro é o destino de um aflorar consciente da prática e da consumação de comportar-se como uma escrava, de um reviver um acontecimento traumático de sua vida que adormecia em seu “self”. Em termos de reterritorialização, Florens já havia visto na escrava indígena Lina o seu mundo, apesar de um ser não poder substituir outro ser, Lina incumbiu-se das funções de mãe aconselhadora. Florens incumbiu-se da oportunidade de reencontrar seu amado quando sua dona a encarrega dessa travessia. Ao ajudar a patroa, Florens se dispõe a uma nova reterritorialização, uma tentativa abortiva de melhora, de completude.

A reterritorialização infeliz de Florens e Ponciá denuncia o estado de alma das personagens na obra porque a vivência de múltiplos territórios incide no interior dessas mulheres negras. No binômio interior e exterior está a multiterritorialidade, uma consciência pluriescalar de história de sujeitos individuais específicos que compartilham deslocamentos por influência do fluxo do capital pela dispersão forçada ou migratória.

Como Evaristo, Morrison cria travessias dolorosas para Florens, denega a reterritorialização estável da personagem a fim de demonstrar que os indivíduos habitam mundos sobrepostos, multiterritoriais, portanto, dinâmicos. É preciso uma multiterritorialização “pluriescalar” para que Florens compreenda os símbolos do poder impostos na espacialidade. A multiterritorialidade justapõe as dores da similitude dos múltiplos espaços. Florens poderia ser pensada como a abstenção à problemática do negro, o pensar nas suas origens (não a África, mas o território em que nasceu e deve acolhê-lo), o ser mulher negra estadunidense, escrava da condição atribuída através dos entendimentos sociais. Porém, esses acordos sociais devem ser questionados para que a subjugação não se reproduza, e sim se dissipe, não através de discursos vangloriosos, mas da educação crítica. É exatamente esse o olhar que “minha mãe” e o ferreiro aspiram à Florens.

Não acreditamos, contudo, que o sofrimento causado por estas pessoas à personagem tenha sido proposital, mas sim necessário: ações realizadas no momento certo, no contexto espacial propício para ajudar a personagem a pensar na diáspora negra transnacionalista. Os sapatos não poderiam ser explicados em sua essência se o fruto ainda não estava maduro para

a colheita. A semente vivencia as mudanças múltiplas do espaço na passagem para fruto adulto. É somente nesse fazer crescer que a simultaneidade e a multiplicidade do espaço podem ser estabelecidas. O olhar para si e para o outro não deve fundamentar-se pela diferença, mas pelo híbrido.

Os conceitos de multiterritorialidade e de diáspora transnacionalista permitem o navegar entre os interiores, entre as subjetividades; trata-se do entrelaçar de vivências. Morrison cria em *A Mercy* uma comunidade formada por diversos grupos étnicos cuja experiência funde a uma analogia familiar de perda e abdicação. Todavia, é pela dor que Morrison mostra a peculiaridade de cada personagem, pela aflição da mulher negra Florens, sua voz e sua escrita. A escritora reconhece a multiterritorialidade de outros grupos, o cruzamento de lugares refreados. Isso mostra que os sujeitos, assim como a semente, devem ser arados para garantirem o desenvolvimento duplo de consciência (propondo uma nova teoria), o pertencer e o aceitar o pertencimento do outro. No entanto, é a mulher negra quem pronuncia a sua história e a história de outras vítimas, pois é preciso falar sobre o que não se fala, discursar sobre a relação do eu com o mundo. O cômodo em que Florens mede suas sombras apresenta-se como o estado de seu ser, esse é o seu “home”.

Ao expor essa dupla condição, ser mulher e negra, Florens escreve sua experiência e a experiência de outros personagens, vendo, assim, o processo de movimentação como algo particular. Entretanto, é na fala de seu corpo, é a sua travessia que permite com que a escrita transpareça na ação de descrever o vivido. O “home” de Florens é a escrevivência, ou seja, a autorrepresentação de como os múltiplos espaços formam o lugar da mulher negra. A escrevivência aperfeiçoa o diálogo do híbrido, afirmando a questão do gênero, concebendo diálogos entre o fazer a arte literária de maneira transnacionalista. Em outras palavras, constitui-se como o ponto de encontro das escritoras negras da diáspora.

Para isso, Morrison irrompe com a crença ocidental da mulher como a falta, o vazio, o caos. A natureza verdadeira de Florens não é desordenada, embora subsista no estado de sua alma uma aflição pela violência e pelo egoísmo um dia difundido e expresso por meio de suas ações. Sua escrevivência a instrui para um olhar que vê a condição de ser mulher negra diferentemente, pois o lugar da mulher negra é determinado historicamente por intermédio da integração social. Com o “terceiro espaço” de Florens, Morrison mobiliza os símbolos aparentemente fixos da cultura ocidental, o significado do gênero como uma construção exterior das relações sociais, embora não exclusivamente subjetiva.

O “home” da mulher negra transcende a ideia de casa ou lar, em *A Mercy*, os laços familiares não existem porque o olhar para o outro encontra a barreira do individualismo, da

indulgência. Esses laços, porém, permeiam a narrativa de *Ponciá Vicêncio*. Evaristo cria o vínculo familiar, expandindo-o para a problemática social, os entraves da luta por uma qualidade de vida. Ponciá vive a multiplicidade territorial de maneira análoga em casas de patroas, mas nessa dialética com o exterior o interior sofre pela ausência dos seus; da mesma forma, seu irmão Luandi e sua mãe Maria Vicêncio carecem do lar construído na casa do campo, em família. A multiterritorialidade cresce, desabrocha com a consciência desses múltiplos espaços dominantes, deixando sua marca através de pétalas de dor, desamparo, sofrimento e solidão. Nesse enlaçar, Evaristo não divulga a revolta e a violência, embora enfoque a desordem da mulher negra. A mãe de Ponciá não é representada como o espaço, a ausência, mas Ponciá se constrói pelo fluxo da desordem mental, e é ela o centro da voz narrativa. Evaristo explica essa falta de lugar do negro como a representação do retrato social, a prova de que na sociedade brasileira o negro é excluído, não tendo ainda, na contemporaneidade, um lugar. Evaristo atenta para as maneiras com os espaços oferecem hospitalidade à mulher negra, inferiorizada e reprimida pela hostilidade social.

A dor de Ponciá Vicêncio provém de um intenso e eterno resgate do passado, as múltiplas faces da personagem anseiam por uma crítica do presente e por uma mudança para o futuro. Evaristo tece dores para colher transformações no ser humano. A dor é, para a autora, uma forma de aguar a esperança, a dor ensina Ponciá a realmente viver uma dupla condição, a da negritude e da liberdade do sujeito feminino. Porém Evaristo não concebe a escrevivência de Ponciá pelo manuseio do objeto simbólico do poder falocêntrico, a leitura dos signos sociais, a releitura da história da mulher negra brasileira maneja-se pela apropriação do leitor. Enquanto Florens apropria-se da escrita para discursar seu lugar na sociedade estadunidense por meio de uma autoapresentação e um retorno memorial, quebrando com o silêncio das mulheres e adquirindo valores masculinizados pelo ocidente, a razão e o progresso, o progresso da enunciação, Ponciá simboliza o caos, o emocional da personagem ilustra seu “home”. O devaneio da personagem traduz as circunstâncias do presente e do passado, os sentimentos de tentativa de reordenação interior decorrentes da travessia, do distanciamento. A travessia multiterritorial faz com que o sujeito negro da diáspora descubra novos contornos em seu “self”. A desordem é o “home” de Ponciá Vicêncio, minimizado pela presença dos seus.

Perguntamo-nos, todavia, o porquê de uma escolha estereotipada da mulher negra quando o objetivo de Evaristo é reinscrever a imagem do negro na literatura brasileira. A autora explica o distúrbio de Ponciá pela dor; dor traz esperança, além de ser uma forma de resignação, ou seja, a renúncia ao mito da democracia racial, a opressão social, a

invisibilidade do negro pobre, marginalizado na sociedade. Essa dor motiva a escrita de Conceição Evaristo. A narrativa construída pela autora resume as histórias ouvidas pela escritora, as múltiplas vivências dos corpos aproximados, a experiência de Evaristo. De alguma maneira, o emocional de Ponciá retrata o interior da mulher negra sob a dupla condição da própria Evaristo, ao deparar-se com o entrave da publicação, da remuneração merecida, dos olhares repugnantes que negam a problemática do negro, persistindo em sua inexistência. Assim, após *Ponciá Vicêncio*, Evaristo continua persistindo na dor, pois a dor informa e doutrina, e é preciso treinar o leitor, instruí-los para sentir a dor e olhar, com compaixão, para o negro e também para o híbrido. Deve-se, porém, atentar para a influência da literatura na difusão de imagens e representações destorcidas. Ao escrever (viver) Evaristo inscreve seu “home”, enfrentando os questionamentos de seu “self” em embate com o mundo ao seu redor. O desejo de procura por um final feliz para seus personagens confronta com o estado de sua alma: no devaneio interior da “pena”, é preciso criar histórias que atormentam e agonizam.

Talvez Morrison não sofra com as dificuldades de expor sua obra, certamente não após receber o prêmio Nobel. Mas a quantidade de obras escritas, focando sempre no mesmo objeto, o negro, sempre perturbando a sociedade estadunidense, demonstra sua dupla condição de mulher e negra escritora, sua escrevivência, seu “home”; a necessidade de abdicar de uma literatura negra que se assimila à história monumental, com vanglórias e pleonasmos. “Black is beautiful”, seguramente, mas não devemos esquecer a negritude, a dupla consciência de ser negro estadunidense, isto é, pertencente ao território de nascença. A memória inscrita perfaz o diálogo entre os grupos, a releitura das produções literárias. A não familiaridade da pequena sociedade de *A Mercy* reitera a presença conflitante das diversas etnias, a incapacidade de ver nos espaços do outro os seus espaços, o respeito, a compaixão. Incapacidade de permitir a hospitalidade ao outro, possibilitar um estado de alma acolhedor, tranquilizador.

A nosso ver, apesar de esteticamente as obras *Ponciá Vicêncio* e *A Mercy* divergirem na multiplicidade das escolhas étnicas, na marca estilística do narrador, Evaristo e Morrison são escritoras negras que pretendem manter acesa a chama da crítica, não apenas por serem mulheres acadêmicas que *escrevem* a visibilidade do negro ou mesmo a invisibilidade da população negra, abdicando de discursos como o da negritude, da feminilidade ou mesmo da masculinidade, mas porque renegam o mundo contemporâneo que quer totalizar a experiência, ou melhor, homogeneizá-la. A escrevivência da *Middle Passage* tenciona o posicionamento conformista, unificador. E esse é o “home” das autoras Evaristo e Morrison:

ao inscrever a experiência do negro, elas perturbam os espaços dominantes da intelectualidade, enriquecendo a teia transnacionalista da diáspora, com o plantio. Haverá o momento certo da colheita, mas não podemos esperar pelo tempo. Sua imensidão é frágil demais. Devemos utilizar esse espaço, essa multiterritorialidade para que possamos transformar o lugar de referência, ou melhor, de reverência do negro e da mulher negra.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In.: Gabriel Cohn (Ed.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986, p. 167- 187.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 242 p.
- BENJAMIN, Walter. *Illuminations*. Londres: Fontana, 1973. 280 p.
- _____, Walter. Alegoria e drama barroco. In.: *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 181-258.
- BERND, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 101 p.
- BHABHA, Homi K.. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 395 p.
- _____, Homi K.. The third place: interview with Homi Bhabha. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, 1990, p. 207-221.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 313 p.
- BOUSON, J. Brooks. *Quiet as it's kept: shame, trauma, and race in the novels of Toni Morrison*. Albany: State University of New York Press, 2000. 277 p.
- BRAZIEL, Jana Evans; MANNUR, Anita (Ed.). *Theorizing diaspora*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. 345 p.
- CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.). *Escravidão e abolição no Brasil: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988. 112 p.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil, o longo caminho*. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 236 p.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude. In: MOORE, Carlos (Org.). *Coleção vozes da diáspora*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. v. 3; p. 9- 40.
- CHALIAND, Gérard; RAGEAU, Jean-Pierre. Introduction: The problems of diasporas. In.: *The Penguin Atlas of diasporas*. Tradução do francês por A. M. Berrett. Nova York: Viking, 1995, p. XIII-XXI.
- CLIFFORD, James. Cultural Anthropology. In.: *Further inflections towards ethnographies of the future*. v. 9, n. 3, [s.l.: s.n.] : 1994, p. 302-338.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 57 p.

DAVIES, Carole Boyce. *Black woman writing and identity*. Migrations of the subject. Nova York: Routledge, 1994. 229 p.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Editora Escuta, 2003. 144 p.

_____, Jacques. Edmond Jabès e a questão do livro. In.: *A escritura e a diferença*. 4 ed. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva e Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 91-109.

DRAKE, St. Clair. Anthropology and the black experience. In.: *The Black Scholar*. v. 11. n. 7, 1980, p. 02-31.

DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Tradução, introdução e notas: Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999. 323 p.

ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. Tradução Márcia Serra. São Paulo: Marco Zero, 1990. 499 p.

EVARISTO, Conceição. Entrevista. In.: *Boletín PPCOR*. n. 31. LPP, Laboratorio de Políticas Públicas, UERJ: Brasil, abril/maio. 2007. Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net/olped/acoesafirmativas/boletim/31/entrevista.htm>>. Acesso em: 4 out. 2011.

_____, Conceição. Exclusivo Online Entrevista. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/96/artigo15673-3.asp>>. Acesso em: 4 out. 2011.

_____, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In.: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. 752 p.

_____, Conceição. “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face”. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.). *Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005, p. 201-212.

_____, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. 71 p.

_____, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Maza edições, 2006. 128 p.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Maria Adriana da Silva Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983. 190 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004. 2120 p.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010. 191 p.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008. 427 p.

GONÇALVES, Ana Beatriz. Transnacionalismo e diáspora. A escrita feminina negra nas Américas. In.: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. (Orgs.) *Relações literárias interamericanas: território e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p. 165-180.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 395 p.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2011. 222 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2007. 102 p.

_____, Stuart. Cultural identity and diaspora. In.: RUTHERFORD, J. (Ed.). *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, 1990, 223-237.

_____, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte: Humanitas, 2009. 410 p.

HART, Carl W. *Nelson Mandela*. Oxford: Macmillan Publishers Limited, 2009. 79 p.

HERSKOVITS, Melville J. *The myth of the negro past*. Boston: Beacon Press, 1958. 368 p.

HOOKS, bell. *Ain't I a woman: Black women and feminism*. South End Press, 1981. 210 p.

_____, bell. *Black looks: race and representation*. Boston, MA: South End Press, 1992. 200 p.

_____, bell. *Feminist theory: from margin to center*. 2 ed. London: Pluto Press, 2000. 179 p.

_____, bell. Homeplace: a site of resistance. In.: HOOKS, bell. *Yearning: Race, Gender and Cultural Politics*. London: Turnaround Books, 1991, p. 411-450.

_____, bell. *Talking back: thinking feminist, thinking black*. Boston MA: South End Press, 1989. 185 p.

HUTNYK, Jonh; KAUR, Raminder; KALRA, Virinder S. *Diaspora & hybridity*. London: Sage Publications, 2005. 158 p.

MASSEY, Doreen. *Space, place and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009. 280 p.

MCDOWELL, Linda. *Gender, identity and place: understanding feminist geographies*. Minneapolis: University Minnesota Press, 2007. 284 p.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.). *Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005, p. 201-212.

MORRISON, Toni. *A mercy*. London: Vintage, 2009. 165 p.

_____, Toni. Toni Morrison discusses freedom of expression and the writer's role. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=3k5nl63QrvY>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

_____, Toni. Toni Morrison interview, by Lynn Neary. Disponível em: <<http://www.npr.org/player/v2/mediaPlayer.html?action=1&t=1&islist=false&id=95961382&m=96095502>>. Acesso em: 10 out. 2011.

_____, Toni. Toni Morrison talks about her motivation for writing. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8Zgu2hrs2k>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

_____, Toni. Young people and possibilities. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nqdcPnFEAo>>. Acesso em: 2 out. 2011.

MOUSNIER, Roland. *Os séculos XVI e XVII: a Europa e o mundo*. Tradução Pedro Moacyr Campos. 2 v., 3 ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1968. 312 p.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 470 p.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010. 535 p.

SINCLAIR, John (ed.). *Collins Cobuild advanced learner's English dictionary*. 5th ed. Glasgow: HarperCollins Publishers, 2006. 1712 p.

TERKENLI, Theano S. Home as a region. In.: *Geographical review*. 85 v., 3 n., [s.l. : s.n.] : 1995, p. 324-334.

WALTERS, Wendy. *At home in diaspora: black international writing*. The University of Minnesota Press, 2005. 179 p.